



Carlos Daróz (org.)



FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

Os serviços de Apoio Logístico, Saúde e
Assistência Religiosa





FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

**OS SERVIÇOS DE APOIO LOGÍSTICO, SAÚDE
E ASSISTÊNCIA RELIGIOSA**



**DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL DO EXÉRCITO
CENTRO DE ESTUDOS E PESQUISA DE HISTÓRIA MILITAR DO EXÉRCITO**

Comandante do Exército

Gen Ex Tomás Miguel Miné Ribeiro Paiva

Chefe do Departamento de Educação e Cultura do Exército

Gen Ex Flavio Marcus Lancia Barbosa

Diretor do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército

Gen Bda Luciano Antônio Sibinel

**Chefe do Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do
Exército**

Cel Vítor Rego de Souza

Comissão organizadora do X SENAB

Cel Claudio Skora Rosty

Cel Carlos Roberto Carvalho Daróz

Cel Marcelo Vieira de Souza Filho

Ten Cel Hélio Irany Wanderley Junior

2º Ten Ana Beatriz Ramos de Souza

2º Ten Tailane da Silva Rodrigues Marzzollo

Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do Exército

Av. D. Pedro II nº 383, São Cristóvão

20941-070 Rio de Janeiro-RJ

Brasil

Carlos Daróz (org.)

FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA

**OS SERVIÇOS DE APOIO LOGÍSTICO, SAÚDE
E ASSISTÊNCIA RELIGIOSA**



Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do Exército

Rio de Janeiro
2023

Copyright © 2023 Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do Exército
Força Expedicionária Brasileira: os serviços de apoio logístico, saúde
e assistência religiosa

Foto de capa

Fotografia tirada pelo 1º Ten Pefani Daróz, do Depósito de Intendência da FEB, em um posto de distribuição de suprimento Classe III (Combustíveis) do V Exército dos EUA. Itália, 1944. Acervo do Cel Carlos Daróz.

Organização

Carlos Roberto Carvalho Daróz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F697

Força Expedicionária Brasileira: Os serviços de apoio logístico, saúde e assistência religiosa [recurso eletrônico] / organizado por Carlos Roberto Carvalho Daróz. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar do Exército, 2023.

Recurso digital (1 arquivo: 12,6 MB)

Formato: PDF

Requisito do sistema: Adobe Acrobat Reader

Inclui bibliografia e índice

ISBN: 978-65-87805-05-4 (recurso eletrônico)

1. Força Expedicionária Brasileira. 2. História militar. 3. Segunda Guerra Mundial. 4. Livros eletrônicos. I. Daróz, Carlos Roberto Carvalho.

CDD: 940.40

Ficha Catalográfica elaborada por Tailane da Silva Rodrigues Marzzollo – Bibliotecária –
CRB 7/6942

SUMÁRIO

Apresentação	7
Cap. 1 – O Apoio Logístico da FEB na 2ª Guerra Mundial: organização e funcionamento	13
Cap. 2 – O Serviço de Intendência no Apoio Logístico da FEB	38
Cap. 3 – <i>Peninsular Base Section</i> : o funcionamento do celeiro logístico da FEB	59
Cap. 4 – Observadores Militares Brasileiros e a preparação da FEB	83
Cap. 5 – O Serviço de Saúde da FEB: organização e funcionamento	103
Cap. 6 – Enfermeira Virgínia Portocarrero: do Colégio Pedro II para a Segunda Guerra Mundial	120
Cap. 7 – O Serviço de Assistência Religiosa do Exército – SAREx e sua atuação na Campanha da Itália	146
Cap. 8 – Feitos, vida e morte do capitão capelão Frei Orlando ...	162
Sobre os autores	176
Sobre o organizador	180

Apresentação

X Seminário Nacional Sobre a Participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial

Carlos Roberto Carvalho Daróz

O século XX foi marcado por duas guerras mundiais que tiveram um grande impacto na história mundial e na evolução da sociedade humana. A primeira delas, denominada à época Grande Guerra Mundial, teve início em 1914 e durou até 1918. Foi um conflito global que envolveu as principais potências europeias e também outros países em todo o mundo, incluindo os Estados Unidos da América (EUA), Japão, China e vários países da América Latina, entre eles o Brasil. O conflito foi caracterizado por uma guerra de trincheiras brutal e uma enorme perda de vidas, re-

sultando em cerca de 16 milhões de mortos e feridos.

Após o conflito de 1914-18, houve um período de relativa paz e estabilidade na Europa, mas a crise econômica e política da década de 1930 levou ao surgimento de regimes totalitários em vários países, incluindo a Alemanha nazista, a Itália fascista e o Japão imperialista.

Um novo e maior conflito começou em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia, o qual, sob a égide do conceito da “guerra total”, configurou-se no mais mortífero da história da humanidade, envolvendo a maioria das



nações do mundo, inclusive o Brasil. A Segunda Guerra Mundial eclodiu em 1º de setembro de 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia. O conflito se estendeu por seis anos, até 2 de setembro de 1945, quando o Japão se rendeu aos Aliados.

Antes da deflagração da guerra, havia uma tensão crescente na Europa e em outras partes do mundo, alimentada por conflitos políticos, econômicos e ideológicos. Em 1933, Adolf Hitler tornou-se chanceler da Alemanha e iniciou um programa de expansão territorial e rearmamento, desafiando as potências europeias estabelecidas e minando a ordem internacional.

As tensões aumentaram em 1938, quando a Alemanha anexou a Áustria e pressionou pela anexação da região dos Sudetos, na Tchecoslováquia. Após a assinatura do Acordo de Munique em setembro de 1938, que permitiu a anexação dos Sudetos pela Alemanha, a Tchecoslováquia foi

desmembrada e Hitler começou a planejar a invasão da Polônia.

Em agosto de 1939, a Alemanha e a União Soviética assinaram o Pacto Molotov-Ribbentrop, que incluía um acordo secreto para dividir a Europa Oriental em zonas de influência. Isso permitiu à Alemanha atacar a Polônia em setembro de 1939, sem medo de uma intervenção soviética.

O Reino Unido e a França, que haviam garantido a independência da Polônia em caso de agressão alemã, declararam guerra à Alemanha em 3 de setembro de 1939. A eclosão da guerra levou à mobilização de milhões de soldados e civis, e envolveu muitos países em conflitos violentos em várias partes do mundo.

Inicialmente, o governo brasileiro liderado por Getúlio Vargas adotou uma posição de neutralidade, mas, impactado pela geopolítica continental, terminou por se aproximar dos EUA, que, após o ataque japonês contra a



base naval de Pearl Harbor, em dezembro de 1941, havia declarado guerra ao Eixo (Alemanha, Itália e Japão). Respondendo ao alinhamento do Brasil com os EUA, a Marinha Alemã orientou uma agressiva campanha contra a navegação brasileira, utilizando seus *u-boats*, e afundando diversos navios mercantes.

Em 1942, após sofrer ataques de submarinos alemães em suas águas territoriais e depois de ter vários navios mercantes brasileiros afundados, com a perda de centenas de vidas, o Brasil entrou na Segunda Guerra Mundial. Na época, o presidente Getúlio Vargas decidiu romper relações diplomáticas com a Alemanha, Itália e Japão e declarou guerra aos países do Eixo.

A entrada do Brasil na guerra foi importante para os Aliados, já que o país era um dos maiores produtores mundiais de matérias-primas estratégicas, como borracha, minério de ferro e manganês, e sua entrada no conflito garantiu o acesso desses recursos aos Aliados, além da instalação de bases militares dos EUA no território brasileiro.

Ampliando sua contribuição com o esforço de guerra

Aliado, o Brasil organizou, em 1943, uma força expedicionária de nível divisão: a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que seria enviada para combater na Itália.

A mobilização dos soldados brasileiros começou em 1943, quando o governo brasileiro



convocou reservistas e voluntários para servir no exército. Ao todo, foram mobilizados cerca de 25.000 soldados, que passaram por treinamento básico no Brasil. Após a mobilização, os soldados foram selecionados para integrar a FEB com base em critérios como saúde, habilidades e formação acadêmica. Os soldados selecionados foram enviados para treinamento avançado em campos militares no Brasil, e alguns nos Estados Unidos.

A FEB recebeu equipamentos e armamentos dos EUA, incluindo uniformes, armas, munições e veículos. Além disso, o Brasil também produziu alguns equipamentos, como capacetes, uniformes e mochilas. Em 1944, a FEB seguiu para a Itália, onde desembarcou em Nápoles. A partir daí, a FEB combateu na Itália enfrentando as tropas alemãs em importantes batalhas, como as batalha de Monte Castelo e Montese, integrada ao V Exército dos EUA. A FEB lutou ao lado de for-

ças militares Aliadas e desempenhou um papel importante na libertação da Itália do domínio nazista.

As vitórias da FEB nos campos de batalha italianos, contudo, não seriam possíveis sem o concurso se importante e fundamental apoio logístico e de unidades não-combatentes que atuavam à retaguarda. Nessa perspectiva, o trabalho essencial dos soldados logísticos, de saúde e dos capelães militares da FEB foi selecionado como tema central de investigação no X Seminário nacional sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (SE-NAB), promovido pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército (DPHCEX), por intermédio do Centro de Estudos e Pesquisa de História Militar, e realizado no Colégio Militar do Rio de Janeiro, no período de 21 a 23 de março de 2023.

A magnitude da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, por meio da FEB, impõe



uma obrigação cívica de continuar a celebrar esse importante evento histórico, tão significativo para a história do Exército Brasileiro, como para a do Brasil. Com esse objetivo, a DPHCEx conduziu, desde 2012, os seguintes seminários, com os respectivos temas:

No corrente ano, o X SENAB privilegia o suporte prestado às tropas combatentes da FEB, abordando o atendimento médico aos feridos em combate; o suprimento das três bocas da guerra: a do homem, das armas e das viaturas; e o apoio religioso aos combatentes em suas jornadas na Itália, tendo por tema: *O*

SENAB	Ano	Tema	Local
I	2012	Declaração de Estado de Beligerância do Brasil contra as Nações do Eixo	Museu Militar Conde de Linhares Rio de Janeiro-RJ
II	2013	70 Anos da Criação da FEB- Vigilância e Defesa da Costa Brasileira	CPOR/R Recife-PE
III	2014	70 Anos do embarque da FEB para a Itália	11º BIMth São João del Rei-MG
IV	2015	Os 70 anos das vitórias da FEB	Itália
V	2016	Armamentos, Viaturas, Equipamentos, Uniformes e outros Símbolos da Força Expedicionária Brasileira	Palacete Laguna Rio de Janeiro-RJ
VI	2017	Iconografia da Guerra: fotografias, ilustrações e imaginário da FEB	Palacete Laguna Rio de Janeiro-RJ
VII	2018	Correspondentes de Guerra e a divulgação da FEB	CMC Curitiba-PR
VIII	2019	Elementos de Tropa Especial e Órgãos não divisionários da FEB	EsPCEx Campinas-SP
IX	2022	Os 77 anos das vitórias da FEB	Itália

Obs: Em 2020 e 2021 o SENAB não foi realizado devido às restrições impostas pela pandemia do Covid-19.



Apoio Logístico, o Serviço de Saúde, e a Assistência Religiosa da FEB.

Este livro consolida o resultado das pesquisas desenvolvidas e divulgadas no X SENAB, trabalhos que preenchem uma lacuna de vertente pouco estudada da história da FEB, trazendo um novo olhar acerca da participação das unidades de retaguarda

em apoio às tropas combatentes, estas estudadas com maior protagonismo.

Apresentamos, dessa forma, mais uma contribuição da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército, por intermédio de seu Centro de Estudos e Pesquisas em História Militar do Exército, para a historiografia militar brasileira.

O apoio logístico da FEB na Segunda Guerra Mundial: organização e funcionamento

Júlio Lima Verde Campos de Oliveira

1. INTRODUÇÃO

O objetivo do presente trabalho é de apresentar o apoio logístico da Força Expedicionária Brasileira (FEB) – sua organização e funcionamento, por intermédio da análise das atividades de: **Suprimento; Transporte; Manutenção; Evacuação e Hospitalização.**

No *suprimento* tivemos o papel destacado do Serviço de Intendência, apoiando a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) com ênfase nas Classes I (alimentação); II (fardamento, equipamento e armamento); III (combustíveis) e V (municações).

No *transporte* a sistemática adotada pelo Serviço de Inten-

dência permitiu o cumprimento de centenas de missões com êxito, envolvendo no total, milhares de viaturas. Sua atuação no inverno foi decisiva, garantindo o fluxo ininterrupto de suprimentos, bem como transportando tropas para a frente e entre diversos pontos.

A *manutenção*, a cargo do Serviço de Material Bélico foi atuante e eficaz durante as operações. A divisão por escalões de manutenção facilitou bastante seu árduo trabalho.

A *evacuação e a hospitalização* constituíram-se em um ponto de destaque nas atividades logísticas. Da frente de combate aos hospitais gerais, o “pracinha” foi atendido por pessoal especiali-



zado de saúde, dotados de meios modernos e abundantes.

As atividades logísticas constituíram-se a base do apoio administrativo apesar de terem sofrido severas restrições do terreno e das condições meteorológicas. Graças às suas atividades diárias e a presteza dos suprimentos de toda ordem foram alguns dos fatores responsáveis pela eficiência da FEB nos campos de batalha da Itália.

2. ESTRUTURA DO SISTEMA DE APOIO LOGÍSTICO

O sistema de apoio logístico na FEB foi dividido em 1ª DIE e Órgãos não divisionários (OND), ou seja: cabia a cada um desses dois elementos prover o seu próprio apoio logístico.

A cadeia de apoio logístico, de uma maneira genérica, estava assim estruturada:

- a. Sistema norte-americano
 - Teatro de Operações do Exército dos Estados Unidos da América no Mediterrâneo (MTOUSA);
 - Quartel-General das Forças Aliadas na Itália (AFQS);
 - Seção Base Peninsular (PBS); e
 - 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE).

- b. Sistema brasileiro
 - Ministério da Guerra (MG);
 - Órgãos não divisionários (OND);
 - 1ª DIE;
 - Regimentos;
 - Unidades e subunidades independentes.

Os OND não constituíam elo no sistema norte americano, porém, eram encarregados de estabelecerem ligações com organizações aliadas, no campo do apoio logístico. Cabia-lhes ainda o recebimento, a estocagem, a



remessa de gêneros e outros artigos recebidos do Brasil. Já a 1ª DIE enquadrou-se no sistema norte americano, obedecendo às normas e padrões do 5º Exército (V Ex/USA). A manutenção do fluxo do apoio logístico entre as instalações do nosso Exército e suas unidades da frente era uma das principais atribuições da 1ª DIE.

3. ATIVIDADES LOGÍSTICAS

As atividades logísticas da 1ª DIE foram desempenhadas pelos seguintes elementos, sob a coordenação da sua 4ª Seção do Estado-Maior:

- a. 4ª Seção do Estado-Maior da 1ª DIE (4ª Sec/EM)
- b. Serviço de Intendência (SI)
- c. Companhia de Intendência (Cia Int)
- d. Serviço de Material Bélico (Sv Mat Bel)
- e. Companhia de Manutenção Leve (Cia Mnt L)
- f. Companhias de Serviços dos Regimentos (CSR)
- g. Elementos de apoio das Unidades e subunidades independentes

3. SUPRIMENTO

Toda a atividade de suprimento no âmbito da 1ª DIE/FEB, era encargo do Serviço de Intendência que assim estava desdobrado em de 5 de novembro de 1944 para atender os escalões recuado e avançado da 1ª DIE:

- a. Escalão recuado
 - 1) Em SAN ROSSORE atendeu o 2º Escalão da FEB em PISA com uma Seção Administrativa e uma Seção de Suprimentos com postos de distribuição de Classe I (alimentação), Classe II (fardamento, equipamento e armamento) e de Suprimento de água.

2) Em PORRETA THERME instalou-se a Chefia do SI.

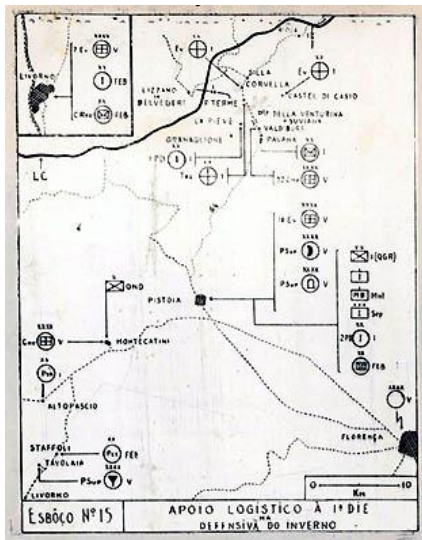
3) Em VILA SARDI desdobrou um pelotão de viaturas da Cia Int e um posto de distribuição das classes I (alimentação) e III (combustíveis).

c. A extensão do eixo de suprimento era de cento e vinte e sete quilômetros. (SAN ROSSORE – PORRETA THERME)¹

A partir de 10 de novembro de 1944, a maioria dos efetivos da 1ª DIE já estava desdobrada no vale do rio RENO, tendo sido instalado um novo posto de distribuição de classe II (fardamento, equipamento e armamento) em PISTÓIA. Ainda assim, as unidades da frente de combate eram obrigadas a se deslocarem cerca de setenta quilômetros por dia.

Para aliviar os encargos de transportes das unidades foi aberto um novo posto de distribuição de classe II em VALDIBURA, vinte e seis quilômetros à frente de PISTÓIA, sobre a rodovia 64, que se mostrou inadequado, pois congestionava a citada rodovia, já que a atividade durava cerca de duas horas.

Para sanar esse inconveniente foi escolhido um novo local em PIEVE DELLE CAPANNE ou LE



b. Escalão avançado
- Na estrada PORRETA THERME – SILLA e em VALDIBURA operou os pontos de coleta (de mortos) 1 e 2.



PIEVE, que ficava a dois quilômetros e meio a oeste da rodovia 64, na estrada que conduzia a GRANAGLIONE, a apenas cinco quilômetros da linha de frente. Este posto operou neste local até fins de março de 1945.



Chegada de comboio de víveres a Piave Delle Capane



Descarga de víveres no Posto de Distribuição da Divisão, em Piave Delle Capane

4. CLASSES DE SUPRIMENTO

Na FEB, o material foi agrupado nas seguintes classes de suprimento:

a. Classe I – Alimentação

1) Ração “K” (de assalto) – era constituída por três pequenas caixas correspondentes às refeições (café-almoço-jantar) contendo cada uma, uma lata de queijo, patê ou sopa desidratada, biscoitos, café ou limonada solúvel, chocolate, cigarros, fósforos, tablete de halazone (para purificação de água), uma colher e um abridor de latas. No total haviam 900 calorias.

2) Ração “C” (de combate) – era constituída de seis pequenas latas, sendo três com alimentos à base de carne e cereais, e as outras três com biscoitos e doces, halazone e outros artigos. Totalizava 3.800 calorias.

3) Ração “B” (operacional) – era a ração consumida



diariamente pela tropa, exceto quando em operações (nestas eram consumidas as rações “K” e “C”). Era constituída pelas três refeições básicas, sendo o café composto de leite, café, manteiga de amendoim ou geleia e extrato de tomate; o almoço e o jantar eram compostos de arroz, feijão, carne, frutas ou suco de frutas, ovos, pão, doces, café, cigarros e fósforos, totalizando 4.000 calorias.

4) Ração de emergência – consistia em uma barra de chocolate, altamente concentrado, para ser consumida em ocasiões de emergência a cargo do próprio combatente.

5) Ração “10 em 1” – consistia em uma embalagem contendo dez rações do tipo “K” para uso coletivo.

6) Além das rações acima citadas, eram distribuídas, no inverno, cápsulas multivitaminicas à base de duas por dia; e no verão, tabletes de sal. Convém destacar que, as unidades eram

obrigadas a fornecerem à tropa, pelo menos uma refeição quente por dia.



Rações utilizadas pela FEB

7) Preparo da alimentação

a) O problema da alimentação exigiu sempre por parte do Comando da FEB, cuidados e estudos especiais, e de sua solução dependia em grande parte o êxito da tropa empenhada nas operações.

b) Os nossos cozinheiros tinham ao seu dispor quantidade, variedade e qualidade dos artigos necessários ao preparo da alimentação, porém, o quase total desconhecimento do seu preparo, e ainda a dificuldade em lidar com a sua nomen-



clatura, constituíam sérios entraves à ação dos mesmos.

c) A consequência natural era uma confecção inadequada, que de um modo geral foi rejeitada inicialmente pela nossa tropa.

d) Após a Chefia do SI estabelecer cursos de aperfeiçoamento para cerca de 150 cozinheiros, com o pessoal do 4º Corpo de Exército (USA), as condições melhoraram muito e atenderam às necessidades da tropa.

8) Escalonamento das rações

a) Havia uma distribuição em profundidade, das rações dentro da 1ª DIE e do V Exército, permitindo assegurar a alimentação da tropa por determinados períodos do inverno quando, por qualquer motivo fortuito, fosse interrompido o fluxo de suprimento na rodovia 64.

b) O escalonamento de rações adotado foi o abaixo.

(1) Nas unidades da frente de combate

(a) Com o homem em posição: um dia de ração "K";

(b) Com a Unidade (batalhão): um dia de ração "C" e um dia de ração "K".

(2) Na 1ª DIE

(a) Dois dias de ração "B";

(b) Três dias de ração "C"; totalizando na 1ª DIE oito dias de ração.

(3) No depósito do V Exército – quinze dias de víveres brasileiros.

9) Normas para a entrega de víveres às Unidades da frente de combate

a) O reabastecimento era realizado durante o dia das 14 às 1640 horas.

b) O tempo do reabastecimento era de 20 minutos para cada Regimento e de 10 minutos para as demais unidades.



b. Classe II – fardamento em geral, equipamento individual, material de acampamento, armamento, viaturas e material de comunicações.

1) As principais peças de uniformes de lã, calçados e abrigos, distribuídos à tropa da FEB, foram, as seguintes:

DISCRIMINAÇÃO	ARTIGO NACIONAL	ARTIGO AMERICANO	TOTAL POR HOMEM
Abrigo de campanha	-	1	1
Blusa de lã	2	-	2
Blusão de lã	1	-	1
Borzeguins	3	-	3
Calça de lã	2	-	2
Camisa de lã	2	2	4
Capa para chuva	-	1	1
Capote de lã	-	1	1
Capote impermeável	1	-	1
Ceroulas de lã	2	2	4
Cobertores	5	-	5
Galochão	-	1	1
Gorro de lã	-	1	1
Luvas de lã	1	1	2
Meias de lã	4	4	8

2) Apesar das recomendações e referências feitas sobre os rigores do inverno itali-

ano, a FEB chegou à Itália com uniformes e material de acampamento totalmente inadequados ao clima das operações. A solução foi o uso do material americano, desde os uniformes (conforme se constata no quadro anteriormente apresentado), até o material de estacionamento

(acampamento) incluindo equipamentos para baixas temperaturas, como aquecedores.

3) O tipo, a qualidade e os modelos dos uniformes brasileiros não atenderam às necessidades operacionais.

4) Todos os suprimentos relativos a fardamento, equipamento individual e agasalhos, foram durante o inverno, assegurados pelo posto de suprimento



de Classe II, instalado em PIS-TÓIA.

5) Ainda nesta cidade, foram recebidos os uniformes e barracas próprias para a neve, além dos galochões e capotes. Uma das peças de maior aceitação pela tropa, foram os abrigos de campanha (“field jacket”), que além de forrados de lã, eram impermeáveis e com os punhos ajustáveis, não permitindo a entrada de vento pelas mangas.



Uniformes distribuídos para a FEB.

6) As capas brancas recebidas pela FEB, eram inadequadas às missões de patrulha na neve. Graças à capacidade de improvisação e criatividade do brasileiro, lençóis bancos de cre-

tone, em excesso no depósito, foram “transformados” em capas para a neve.

7) Já o fornecimento e a obtenção de peças de reposição de material bélico (armamento, viaturas e instrumentos óticos) eram atribuição da Companhia de Manutenção Leve, que também era responsável pelo fornecimento do material de limpeza necessário à manutenção e conservação do armamento distribuído.

c. Classe III – combustíveis e lubrificantes

1) Esta classe de suprimento marcou presença no teatro de operações da ITÁLIA pela fartura, até pelo desperdício, com que a mesma era tratada pelos usuários.

2) O Posto de Suprimento de Classe II do V Exército estava localizado em TAVOLAIA (a 60 quilômetros ao sul de PORRETA THERME e fornecia à



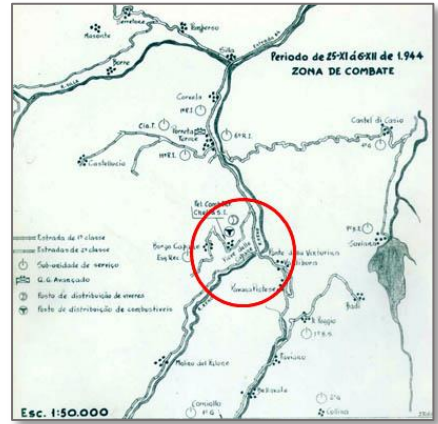
FEB gasolina, óleos e graxas lubrificantes.

3) No âmbito da 1ª DIE, cabia à Companhia de Intendência, o suprimento desta classe, por meio de seus postos de distribuição em PISTÓIA e LE PIEVE.



Posto de distribuição de combustíveis em Pieve Delle Capane

4) Para se avaliar o consumo, diariamente, a Cia Int utilizava seis caminhões de duas e meia toneladas com recipientes para cinco galões de gasolina, o que representava uma média de seis mil galões de consumo ou aproximadamente vinte e três mil litros. (um galão equivale a 3,78 litros).



Local do posto de distribuição de combustíveis

5) O suprimento era realizado mediante a troca de recipientes, em dias alternados, e até o máximo do número de recipientes da dotação da unidade. Por exemplo: um regimento de infantaria possuía em sua dotação trezentos e dezessete recipientes de cinco galões, perfazendo a cerca de seis mil litros.

6) Em LE PIEVE, existia como reserva da 1ª DIE, em 31 de dezembro de 1944, por



exemplo, cerca de quarenta mil litros de gasolina.

d. Classe IV – material pesado para a engenharia, material para fortificações e construções e outros não padronizados.

1) Nesta classe a 1ª DIE foi suprida pelo V Exército por posto em FLORENÇA.

2) Já o Posto de Distribuição da 1ª DIE, desta classe, era operado pelo 9º Batalhão de Engenharia de Combate (9º BECmb) em SUVIANA.

3) Na fase defensiva, as fortificações consumiram elevada quantidade de material de engenharia, dos quais destacamos:

Rede extensível	2.800 metros
Arame farpado	300 rolos de 500 metros
Tinta para camuflagem	300 galões
Sacos de areia	176.500 sacos
Estacas de ferro	9.200 estacas
Ferro corrugado para abrigos	1.290 seções

e. Classe V – munições, artefatos pirotécnicos e de guerra química.

1) Cabia à Companhia de Manutenção Leve (do Serviço de Material Bélico), a execução do remuniamento da 1ª DIE, a qual, com oito caminhões diários, transportava cerca de vinte toneladas desse suprimento.

2) O posto de suprimento do V Exército funcionava em PISTÓIA e diariamente, através do 4º CEx, eram abertos os créditos de munição.

3) Um exemplo de crédito de munição, transcrito da Ordem Geral de Operações de 18 de fevereiro de 1945 (OGO Nº 20):

a) Obus 105A – 23.760 tiros e Obus 155 – 4.749 tiros, destinados à Artilharia Divisionária (AD/1ª DIE);

b) Morteiro 81mm – 4.685 tiros e Obus 105M3 – 3.300 tiros, destinados aos Regimentos de Infantaria (RI); e



c) Nenhum crédito de munição de armas portáteis.

4) Nas unidades de Infantaria existiam quantidades de munição pré-fixadas, denominadas de carregamento básico, que seriam o correspondente à atual dotação orgânica (DO).

5) Os Batalhões de Infantaria, além do carregamento básico, conduziam duas unidades de fogo (UF), que foram criadas para facilitar a distribuição da munição, e variavam para cada tipo de arma, e também de acordo com as exigências do combate.

6) Exemplo de algumas Unidades de Fogo (UF)²:

Fuzil	16.920 tiros
Canhão anticarro	6.600 tiros
Morteiro de 60 mm	20.440 tiros
Morteiro de 81 mm	27.000 tiros
Obus 105 mm	54.000 tiros
Obus 155 mm	12.000 tiros

7) Os Regimentos de Infantaria (RI) conduziam uma e meia UF de valor Batalhão, e a

DIE conduzia duas UF de valor RI.

8) O remuniciamento dos batalhões era encargo dos RI, os quais podiam ser reforçados pela DIE, de acordo com as operações.

9) No âmbito da 1ª DIE, havia uma dotação mensal prevista de munição, que não chegou a ser ultrapassada. Considerando que, esta dotação mensal era da ordem de três milhões de tiros, e o consumo total da FEB foi da ordem de seis milhões, podemos afirmar que o consumo equivaleu apenas a dois meses de dotação.

5. TRANSPORTE

a. Generalidades

A atividade do transporte teve na FEB, um destaque especial pelas distâncias a serem vencidas pelas tropas, bem como pelo seu respectivo apoio logístico. A Rodovia 64 era, na prática, a única



via de transporte com a retaguarda, ligando PORRETA THERME, local do Quartel-General (QG) avançado e a região de operações, com PISTÓIA, local do QG recuado, através dos APENINOS pelo vale do rio RENO.

b. A Rodovia 64 – eixo principal de suprimento.

Para se ter uma ideia da sua topografia, e das dificuldades que essa estrada oferecia, e que tinham que ser superadas em pleno inverno, transcrevemos a descrição do capitão médico Dr José de Oliveira Ramos, no seu livro *A Epopeia dos Apeninos*:

A estrada 64 se contorcia em dezenas de curvas, para ven-



Rodovia 64 – única via com a retaguarda, ligando PORRETA THERME - local do QG/avançado a PISTOIA - local do QG/recuado.



cer a subida, até a COLINA, e depois decia, apertada entre o Rio LIMENTRA OCIDENTAL e as encostas, pulando da direita para a esquerda e da esquerda para a direita, roubando sempre um pedaço de morro, agarrando-se por cima daqueles despenhadeiros.

E a serra continuava, nas quatro direções, sem que o olhar avistasse o horizonte. Para completar aquele cenário impressionante, o outono cobria tudo com o seu manto pardo e sobre a relva seca se erguiam os braços nus e esqueléticos das árvores sem folhas.

O vento frio e úmido penetrava livremente pelo desabrigado “jeep”, castigando-nos o rosto e as mãos, pondo à prova nossas japonas. Era os APENINOS o lugar mais enrugado da terra.³

O tráfego de veículos era por isso difícil, e os motoristas representaram o grande fator do êxito das missões de transporte, quer de suprimento, quer de tropa.

c. Responsabilidades

1) Somente com a chegada do 2º Escalão da FEB em 6 de outubro de 1944, é que seria constituída, na região de PORRETA THERME, a Seção de Transportes do Serviço de Intendência. (SecTrnp/SI)

2) A Companhia de Intendência Divisionária (CiaInt) era o órgão de execução da SecTrnp/SI e transportava víveres, forragens e combustíveis. Realizou ainda, considerável número de transportes de tropa para a frente, e entre diferentes pontos. A Cia Int possuía cinquenta viaturas de duas e meia toneladas, dotadas com reboque de uma tonelada. Durante as operações contra Monte Castello, a Cia Int empregou treze a quatorze viaturas para víveres, seis para combustíveis e eventualmente mais cinco caminhões para forragem, totalizando vinte e quatro a vinte e cinco caminhões, representando uma capacidade de transporte



de cinquenta e cinco toneladas por dia.

3) Dados sobre os transportes no período

a) De acordo com a quantidade de rações fornecidas, somente no período de 13 de outubro a 31 de dezembro de 1944, foram transportadas três mil e seiscentas toneladas, equivalente ao emprego simultâneo de mil, quatrocentos e quarenta caminhões.

b) Nos deslocamentos do vale do RENO, foram percorridos dois mil, cento e cinco quilômetros, em cento e treze missões de transporte, e envolvendo três mil, oitocentos e oitenta e cinco caminhões. Foram consideradas apenas as missões controladas pela 4ª Seção/EM.

c) Convém destacar que o suprimento de víveres e munições, principalmente, nas regiões mais íngremes dos APENINOS, exigiram o emprego de muares. A 1ª DIE contou com o valioso auxílio de duas unidades

alpinas italianas, valor Companhia, totalizando oitocentos homens e trezentos e sessenta muares.

6. MANUTENÇÃO

a. Generalidades

Quando a 1ª DIE deixou a zona do vale do Rio SÉRCHIO passando para o vale do Rio RENO, a situação dos armamentos sobressalentes era desfavorável. Esse fato deveu-se à baixa prioridade do V Exército americano, em detrimento do VII Exército que ao atuar na invasão do Sul da FRANÇA, recebeu a maioria dos meios do TO do MEDITERRÂNEO.

A 1ª DIE empenhou-se na Campanha da Itália sem os reais reconhecimentos do trato e assistência ao seu armamento e às suas viaturas.

Com as dotações bastante reduzidas, surgiram medidas rigorosas nos consumos, e nas subs-



tuições de armamento e peças sobressalentes exigindo do Serviço de Material Bélico, a difícil tarefa de implantar uma “mentalidade de manutenção”, que é adquirida na paz, por meio de muita instrução e trabalho.

b. Responsabilidades

As atividades de manutenção estavam assim estruturadas:

- 1) Chefia do Serviço de Material Bélico – órgão do Quartel-General da 1ª DIE;
- 2) Companhia de Manutenção Leve – unidade central de execução;
- 3) Nas Unidades:
 - a) oficiais de suprimento
 - b) oficiais de motores
 - c) oficiais de remuniciamento
 - d) seções de manutenção
 - e) armeiros.
- 4) Foi a Companhia de Manutenção Leve, a responsá-

vel pelo recebimento, montagem, inspeção, e lubrificação de todo material americano destinado ao 2º Escalão da FEB. Com apenas cento e trinta homens, manusearam mil, seiscentas e oitenta viaturas e doze mil armas.

c. Escalonamento

O escalonamento da manutenção era feito de acordo com o grau de importância e dificuldade. Eram cinco os escalões de manutenção.

- 1) 1º Escalão – a cargo do próprio usuário. Nas viaturas, consistia na limpeza, lubrificação, cuidados com o radiador, bateria e pneus.
- 2) 2º Escalão – a cargo das seções de manutenção das unidades, onde eram realizados pequenos reparos.
- 3) 3º Escalão – a cargo da CiaMntLeve, que fazia a manutenção do armamento e das viaturas da DIE. No decorrer das operações, a Companhia realizou mais de quatro mil reparações



em viaturas, requisitando do escalão superior oitenta e quatro mil peças e fornecendo vinte e cinco mil peças aos elementos da frente. Neste escalão, haviam troca de peças, execução de reparos, incluindo soldas, pintura e lanternagem.

4) 4º Escalão – a cargo da Companhia de Manutenção Média do V Exército.

5) 5º Escalão – a cargo da Companhia de Manutenção Pesada do V Exército.

7. EVACUAÇÃO E HOSPITALIZAÇÃO

a. Evacuação

No período de novembro de 1944 a fevereiro de 1945, o estado sanitário da tropa da FEB, sofreu mais intensamente os efeitos das condições climáticas e meteorológicas. Habitados a temperaturas elevadas, os nossos pracinhas sofreram um elevado

número de baixas causadas pelo rigoroso inverno.

As atividades de saúde na Campanha da Itália foram coordenadas pelo Serviço de Saúde da FEB, composto por uma Chefia, os Órgãos não divisionários (OND) e a 1ª DIE. Os elementos de saúde, que pertenciam aos OND, integravam as seguintes organizações e instalações de saúde:

- 1) Grupos hospitalares
 - a) Hospital de Campo (Campanha)
 - b) Hospital de Evacuação
 - c) Hospital de Convalescentes
 - d) Hospital de Estacionamento
 - e) Hospital Geral
- 2) Posto Avançado de Neuropsiquiatria
- 3) Serviço de Prótese Dentária

No âmbito da 1ª DIE havia uma Chefia do Serviço de Saúde Divisionário; um Batalhão de



Saúde com uma Companhia de Tratamento e três Companhias de Evacuação; Destacamentos de Saúde do QG/1ª DIE, da AD e do 9º BECmb; e os Serviços de Saúde Regimentais dos 1º RI, 6º RI e 11º RI.

b. Cadeia de Evacuação

1) A evacuação no âmbito da 1ª DIE

a) Nas frações de 1º escalão, incluindo o escalão Companhia, os feridos na frente de combate eram atendidos pelos enfermeiros da companhia, que prestavam os primeiros socorros, muitas vezes vital, para os feridos. Após o primeiro atendimento, os homens eram colocados em locais os mais abrigados possíveis, para que fossem transportados por padioleiros, para o Posto de Socorro dos Batalhões (PS/Btl).

b) Nos PS/Btl, era prestado uma assistência médica de urgência, onde os homens que não podiam ser recuperados

para retorno à frente, eram preparados para a evacuação. O cuidado maior neste escalão médico era a prevenção do choque. Por meio de padioleiros ou de ambulâncias da Companhia de Evacuação, os feridos eram conduzidos aos postos de socorro divisionário (PSD).



Posto de Socorro dos batalhões (PS/Btl)

c) No PSD, os feridos sofriam nova revisão médica e eram encaminhados para o Posto de Tratamento Divisionário (PTD), onde havia uma triagem. Os feridos considerados “intransportáveis” eram encaminhados para o Hospital de Campo e os demais para o Hospital de



Evacuação. Este último deslocamento, já era a cargo do V Exército (V Ex).

2) Evacuação fora da 1ª DIE (a cargo do V Ex)

a) Os feridos que eram encaminhados para o Hospital de Campo, após as cirurgias necessárias, seguiam para o Hospital de Evacuação.

b) Do Hospital de Evacuação, os feridos seguiam para o Hospital de Estacionamento, e de acordo com os seus estados, iam para o Hospital de Convalescentes, ou para o Hospital Geral.

c) Para o Hospital de Convalescentes seguiam aqueles que após curto período, retornariam à frente, por intermédio do Depósito de Pessoal da FEB.

d) Já os que haviam seguido para o Hospital Geral, ou iam continuar seus tratamentos, ou tinham sido julgados incapazes.

e) Havia ainda o caso daqueles que eram evacuados

para os Estados Unidos da América (EUA), para complementação de tratamento especial.

c. Hospitalização

Os grupos hospitalares, em número de cinco, eram compostos por equipes médicas e cirúrgicas, distribuídas pelos diversos hospitais. Na campanha da Itália a FEB contou com:

1) *32ª Hospital de Campo* – funcionou em VALDIBURA, e recebia somente os feridos mais graves para cirurgias. Por ser um hospital móvel, podiam deslocar-se completamente no prazo de 24 horas.

2) *16ª Hospital de Evacuação* – situado em PISTOIA, possuía além da equipe cirúrgica, equipes médicas de diversas especialidades, serviço de radiologia, farmácia e laboratório de análises clínicas. Apesar de dispor de maior estrutura era também um hospital móvel, que podia ocupar outra posição em 24 horas.



16º Hospital de Evacuação em PISTOIA
(móvel/24 h).



Enfermeiras da FEB.

3) *7º Hospital de Estacionamento* – situado em LIVORNO, recebia os doentes e feridos dos hospitais de campo e de evacuação. Daí, se completamente curados, retornavam às suas Unidades, através do Depósito de Pessoal da FEB, situado em LIVORNO. Se curados, porém, necessitavam convalescer, eram conduzidos para o Hospital de Convalescentes em MONTECATINI. Se necessitavam de tratamento mais demorado, ou eram julgados incapazes para o serviço ativo, seguiam para o Hospital Geral em NÁPOLES, para continuação do tratamento, ou regressavam ao BRASIL.

4) *Hospital de Convalescentes* de MONTECATINI – possuía uma organização bastante simples sob o aspecto médico, e assemelhava-se mais a um hotel. Neste hospital os homens faziam tratamento reconstituinte e repousavam, ficando sob observação médica. Após obterem alta, eram encaminhados ao Depósito de Pessoal da FEB, que os fazia retornar à frente de combate.

5) *45º Hospital Geral* de NÁPOLES - seu objetivo era terminar os tratamentos demorados de casos passíveis de recuperação, ou de providenciar a



evacuação dos inválidos e incapazes.

d. Estado Sanitário da Tropa

Um aspecto que mereceu destaque na FEB, foi o estado sanitário da tropa, obtido por meio da medicina preventiva. Graças às vacinações e revacinações, as epidemias foram completamente afastadas, apesar da atuação da DIE em áreas nas quais existiam surtos de tifo, nas formas endêmica e até epidêmica.

Outro fator foi o consumo, quase que exclusivo, de água tratada pelo 9º BECmb, unidade de Engenharia de Combate do Brasil, responsável pelo seu tratamento e o uso adequado dos comprimidos de halazone.

A higiene coletiva mereceu também muita atenção por parte dos Comandantes responsáveis, destacando-se o cuidado com as cozinhas, privadas e depósitos em geral.

Já um aspecto negativo no estado sanitário da tropa, foi a ele-

vada incidência de doenças venéreas. Existiram mil e doze casos, representando cerca de quatro por cento do efetivo total. O homem brasileiro, na ocasião, mostrou-se de difícil conscientização quanto ao uso de medidas profiláticas.

De uma maneira geral, os resultados obtidos pela FEB no campo da saúde, podem ser sintetizados pelos seguintes fatores:

- 1) As grandes conquistas mundiais no terreno dos medicamentos (sulfas e penicilinas).
- 2) Os modernos processos de anestesia.
- 3) As transfusões de sangue (adequadas e abundantes).
- 4) O tratamento preventivo do choque, pelo emprego da morfina.
- 5) A prevenção do tétano e das infecções em geral, pela vacinação e o emprego preventivo de sulfas e penicilina.



6) A rapidez dos transportes na evacuação.

7) A riqueza dos meios materiais e a estrutura de apoio médico a serviço das tropas na frente de combate.⁴

8. CONCLUSÃO

a. Palavras iniciais

Ao apresentar as diversas atividades logísticas de apoio às operações da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que atuou no Teatro de Operações da Itália de 16 de julho de 1944 a 6 de junho de 1945, julgamos ter atingido o objetivo proposto.

Ao examinar as diversas atividades logísticas constatamos as soluções encontradas pelos diferentes órgãos responsáveis.

Presenciamos a falta de experiência da tropa brasileira e as adversidades das condições meteorológicas e do terreno, influyendo de maneira decisiva no apoio à FEB. Porém, vimos tam-

bém a capacidade, a eficiência e a criatividade do homem brasileiro, na solução dos problemas enfrentados.

Apresentaremos a seguir, de forma bastante sintética, algumas conclusões nas diversas atividades no campo da Logística.

b. Suprimento

Os suprimentos de todas as classes representaram no âmbito do apoio logístico um enorme encargo, tendo a FEB chegado a consumir um total de quatrocentas toneladas por dia de suprimentos.

A sistemática adotada utilizando as instalações de suprimento permanece válida até o presente, com algumas exceções como no Suprimento Classe I, que é entregue nas Unidades. Houve uma preocupação em manter uma reserva orgânica nos suprimentos classe I, II e V, bastante semelhante às atuais.

Teve a FEB uma grande deficiência no tocante a uniformes,



equipamentos e material de estacionamento, daí a necessidade de termos boa qualidade, resistência e funcionalidade nos referidos artigos, possibilitando um melhor desempenho operacional.

c. Transporte

Ficou comprovado nas centenas de missões cumpridas, a complexidade do planejamento e da execução dos movimentos motorizados. Ficou evidenciada que a formação dos motoristas seja a mais completa possível.

No início houve uma falta de preparo em deslocamentos noturnos e em rodovias com condições precárias de tráfego. Posteriormente, foram superados com a criação de cursos para motoristas.

Nas regiões mais íngremes, ficou patente a necessidade do emprego de muares, o que foi feito com sucesso, com auxílio de tropa italiana, no transporte de suprimentos.

d. Manutenção

É essencial que cada escalão de manutenção cumpra seu papel, com ênfase para a manutenção preventiva de primeiro escalão, a cargo dos próprios usuários.

A grande quantidade de material bélico a conservar exigiu normas e procedimentos visando a implantação de uma “mentalidade de manutenção”.

As inspeções inopinadas e constantes contribuíram para uma melhoria na manutenção em todos os escalões.

e. Evacuação e Hospitalização

A qualidade das equipes médicas brasileiras, que integraram os diferentes hospitais americanos, na cadeia hospitalar, ficou evidenciada pelos resultados obtidos nas inúmeras intervenções realizadas. Houve adequação no fluxo de evacuação, válido até o presente. Ficou comprovada a importância da aplicação



dos primeiros socorros aos feridos na frente, bem como sua rápida evacuação para a retaguarda.

Também influíram positivamente no bem-estar dos doentes e feridos, os grandes avanços no campo dos medicamentos e a adoção de modernos procedimentos na área da medicina. O largo emprego da medicina preventiva contribuiu na melhoria e conservação do estado sanitário da tropa da FEB.

Finalmente, transcrevemos um pequeno trecho do Manual C 100-10 - Apoio Administrativo, no qual fica evidenciada toda a experiência recebida pelo Exército, da FEB:

O sistema de apoio administrativo (logístico) deve ser análogo na paz e na guerra ou, pelo menos, deve poder evoluir fácil e rapidamente da situação de paz para a de guerra. Deve ser flexível, possibilitar ampliação imediata e permitir, em qualquer caso, um apoio eficiente e contínuo,

nas melhores condições de economia e simplicidade⁵.

BIBLIOGRAFIA

BIOSCA, Fernando Lavaquial. *A Intendência no TO da Itália*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1950.

BRANCO, Manoel Thomaz Castello. *O Brasil na II Grande Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960.

BRASIL. *Manual de Campanha do Exército C 100-10 - Apoio Administrativo*.

CAMPOS, Aguinaldo José Senna. *Com a FEB na Itália* (Páginas do meu diário). Rio de Janeiro: Imprensa do Exército, 1970.

EXÉRCITO BRASILEIRO. *Relatórios da Campanha da Itália: Relatórios das 1ª e 4ª Seções da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (DIE) da FEB e do Serviço de Intendência da 1ª DIE*. Rio de Janeiro, 1945, Arquivo Histórico do Exército.

MORGADO, Sergio Roberto Dentino. *O Apoio administrativo às*



operações da FEB nas operações do Vale do Pó, de 7 Abr a 2 Mai 1945. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 1982.

OLIVEIRA, Júlio Lima Verde Campos de. *O Apoio administrativo às operações da FEB na região de Monte Castello, de Nov 44 a Fev 45.* Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 1983.

RAMOS, José de Oliveira. *A epopeia dos Apeninos.* Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1949.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ BIOSCA, Fernando Lavaquial. *A Intendência no TO da Itália.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1950, p. 164-165.

² BRANCO, Manoel Thomaz Castello. *O Brasil na II Grande Guerra.* Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1960, p. 315.

³ BIOSCA, op.cit., p. 73.

⁴ RAMOS, José de Oliveira. *A epopeia dos Apeninos.* Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert, 1949, p. 141.

⁵ BRASIL. *Manual de Campanha do Exército C 100-10 – Apoio Administrativo.*

A logística da FEB na Segunda Guerra Mundial

Marcio Tadeu Bettega Bergo

*Nada acontece sem Logística...
Principalmente em campanha!*

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial se constitui no maior conflito até hoje registrado na história da humanidade. O Brasil não teve como se manter afastado daquele sangrento palco, ao qual foi arrastado por ações agressivas no seu litoral, que mataram inúmeros brasileiros e causaram enormes prejuízos materiais.

Naquela ocasião, foi constituída a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que, ao lado da Marinha do Brasil e da Força Aérea Brasileira, bravamente enfrentou toda a sorte de dificuldades, der-

ramou lágrimas, deu sangue e vidas em defesa da liberdade e da democracia.

O objetivo deste artigo é explicar o que se entende por Logística, descrever como ela se processou na FEB - uma epopeia eivada de sacrifícios, que demandou heroico esforço e apresentou elevado custo em pessoas e em recursos. Em adição, tentaremos destacar consequências, no Brasil, da atuação da FEB e avaliar as muitas e valiosas lições que foram aprendidas, em especial no aspecto logístico.



DEFINIÇÃO E HISTÓRIA DA LOGÍSTICA

Ao complexo sistema que se encarrega de atender às demandas das tropas (alimentação, fardamento, alojamento, banho, equipamentos, armamento, munição, combustíveis, transportes etc.), tanto em tempo de paz como em ação durante uma campanha militar, convencionou-se chamar “Logística”. Estas necessidades evoluem conforme a história da humanidade, e variam conforme a situação vivida e as características do Teatro de Operações.

De acordo com o Manual de Campanha C 100-10 (Logística Militar Terrestre), de 2003, Logística Militar é *O conjunto de atividades relativas à previsão e provisão de recursos humanos, materiais e animais, quando aplicável, e dos serviços necessários à execução das missões das Forças Armadas*. Acrescenta que são sete as funções logísticas: Recur-

sos Humanos, Saúde, Suprimento, Manutenção, Transporte, Engenharia e Salvamento.

Em nosso trabalho *Apoio Logístico-Considerações e Propostas (um estudo)*, apresentamos uma definição mais detalhada, citando-a como “A função de prever e prover, no local e no momento adequados, com os menores custos, os meios materiais e/ou os serviços necessários a uma organização, para que esta atinja seus objetivos com eficiência”.

Esse vultoso processo envolve planejamento, levantamento de necessidades, cuidados com pessoal, trato de material, aquisições, depósitos, acondicionamento, armazenagem, transporte (tanto nacional como internacional), cálculos de peso e volume (quem ou o que será transportado, de onde, para onde, quando, com que modais) etc. Numa guerra, na linha de frente, em adição, há recepção e também armazenagem, além de proteção. Tudo isso acontece até, finalmen-



te, dar-se o consumo (ou emprego) dos bens ou dos serviços.

Em tempos mais recentes, a Logística recebeu uma importante complementação, chamada “Mobilização”. Trata-se de uma forma de suprir aquelas necessidades não atendidas, seja por ausência de meios, exiguidade de tempo (prazos) ou de disponibilidades (recursos). São tanto uma forma de transferência de meios existentes no país, deslocados de um setor de consumo ou produtivo para o segmento de defesa, como, também, a produção e obtenção oportuna de meios adicionais.

Com tais entendimentos básicos, vamos falar da Logística na FEB, recordando que a abordagem deste tema deve ser multifacetada. É impossível entender uma guerra sem falar em política. Não se conseguem analisar operações táticas sem verificar a Logística. Não se tem como avaliar Logística sem saber da capacidade econômica nacional. Não há

como calcular poder econômico sem conhecer o nível científico-tecnológico e inovador do país. Todos esses sistemas são interligados em alta sinergia.

O BRASIL NOS ANOS 1930/40

O Brasil chegado a 1940 possuía uma capacidade Logística próxima de zero para uma guerra distante, em terreno e clima inóspitos!

Mobilização... como?

Ainda assim, levado ao conflito, nosso país desencadeou um processo que logrou relativo êxito, tanto na área financeira, destinando recursos, como no âmbito psicossocial, motivando a população a parar e acionar o consumo, prevendo blecautes e controlando estrangeiros.

Quanto ao apoio material às tropas que seriam conduzidas ao Teatro de Operações, os entendimentos políticos definiram o fornecimento de todos os meios



pelos Estados Unidos.

A GUERRA

O conflito, que durou de 1939 até 1945, teve abrangência global, foram 72 os países envolvidos. Em campo, se fizeram presentes ideologias definidas e bastante nítidas. A participação brasileira, devida às condicionantes político-econômicas e consequente das agressões sofridas, contou com ampla motivação popular. Por outro lado, inexistiram pressões ambientais e de mídia.

Nesse que foi o maior conflito da história, a Logística adquiriu nova dimensão, com emprego, pelas principais nações participantes, de recursos numa escala nunca antes imaginada. Os números, apesar de variarem conforme a fonte e a precisão demandada são portentosos quando mostram a amplitude da sua abrangência,

Grosso modo, atuaram ao longo das hostilidades, em ambos os lados, mais de 170 milhões de combatentes, 270 mil carros de combate, 4 milhões de caminhões, 750 mil aviões de combate, 1,1 milhão de peças de artilharia, 60 milhões de toneladas em navios, sendo 13 milhões militares e 44 milhões civis mercantes. A cada dia, uma divisão em operações consumia entre 200 e 350 toneladas de suplementos. E foram mobilizadas milhares delas, nos seis anos de guerra.

O EXÉRCITO BRASILEIRO EM 1940

O Brasil se comprometeu ao envio de tropas para a guerra. Com o que contava? O efetivo total era cerca de 60.000 homens. O adestramento ocorria segundo a doutrina francesa, aqui aplicada desde a década de 1920, com a vinda da Missão



Militar daquele país. Seu material era proveniente de diversas origens, em particular EUA, Inglaterra, França, Alemanha e Itália. Em adição, se encontrava envolvido em atividades políticas, com diversas intervenções acontecidas na primeira metade do século XX.

A maioria das atividades logísticas era desempenhada pelo Serviço de Intendência, criado em outubro de 1920 nos moldes franceses. Este unificou dois quadros especiais então existentes: o de Intendentes da Guerra e o de Administração Militar. Na década de 1940, houve uma reorganização no Exército, resultando na estrutura vigente quando da estruturação da FEB.

Fruto das condições sanitárias da população, dos 106.000 homens avaliados para a FEB, somente 25.000 foram aprovados nos exames médicos e físicos.

A tropa se deslocou para a Itália em escalões, o primeiro, em 2 de julho de 1944, e o último, em

8 de fevereiro de 1945. No total, 25.334 “Febianos” rumaram para a Itália.

A Força Aérea esteve presente com um contingente de aproximadamente 400 homens, em duas unidades aéreas. Aqui no Brasil, manteve a missão de patrulhar a costa. A Marinha do Brasil cumpriu missões de defesa do litoral, cobertura das rotas do Atlântico Sul, protegendo comboios de navios, e combate a submarinos.

Os trabalhos no continente europeu foram intensos, com muitas dificuldades na implantação: carência de pessoal habilitado, material diferenciado e distintos procedimentos de gestão. Tudo isso, num clima adverso e com características de terreno desconhecidas pelos brasileiros.

Nossos soldados, carinhosamente apelidados de “Pracinhas”, levaram o seu equipamento individual e o fardamento “Tipo FEB”. Na Itália, foram recebidos artigos diversos, que completa-



ram o material de estacionamento e o uniforme, para suportar o clima.

A LOGÍSTICA NA FEB

Como já explicado, o suporte às operações dos militares brasileiros na Europa seria totalmente proporcionado pelos norte-americanos. Nossos primeiros “Pracinhas”, logo após a chegada a Nápoles, foram deslocados, por meios de transporte marítimo, rodoviário e ferroviário, para Tarquínia, onde receberam equipamentos e material bélico. Em seguida, para Vada, onde foram realizados os primeiros treinamentos e, ao fim, para Livorno, onde se adestraram na doutrina norte-americana. O grosso da tropa acampou em torno de San Rossore, local de instalação do Quartel-General.

Inicialmente com o nome de “Destacamento FEB”, nossa tropa combateu numa larga frente de

terreno, acidentado, com altitudes crescentes para o Norte, a cavaleiro do divisor de águas balizado pelo mar Tirreno a Oeste e o rio Serchio a Leste. Seu suprimento era fornecido pelos pontos existentes em Livorno, Viareggio, Lucca e Tavolaia. Com a progressão para o vale do rio Serchio, os suprimentos se processaram, sucessivamente, nos Depósitos do V Exército instalados em Civitavecchia, Cecina, Tavolaia e Viareggio. A FEB mantinha depósitos de Intendência em Civitavecchia, Tarquínia, Vada e Livorno. Para apoiar as ações no vale daquele curso d’água, o Destacamento instalou ali alguns pontos de distribuição, que facilitariam a entregados artigos às tropas, encurtando-lhes as viagens à retaguarda.

Após a chegada das novas unidades e o emprego maciço de toda a FEB no vale do rio Reno, aquele sistema de abastecimento foi sendo progressivamente avançado, com instalações mais à



frente. Os fornecimentos passaram a acontecer nos depósitos e pontos de suprimento do V Exército em Pistoia e Florença e, ainda, no depósito de intendência da FEB em Livorno. No prosseguimento, novos pontos de distribuição foram abertos sobre a estrada nº 64. Tal dispositivo funcionou até a ofensiva final, a campanha do rio Pó.

Durante os mais de sete meses de operações na Itália, nos vários estacionamentos estabelecidos, surgiram as mais diversas dificuldades, todas devidamente superadas pelo valor e pelo empenho dos nossos combatentes logísticos.

As funções logísticas compreendem aspectos táticos e técnicos. Na primeira, destacam-se os procedimentos constantes das variadas ordens de operações. São as atividades junto às frações de frente, em apoio direto, e as atuações das subunidades de serviço pertencentes aos Regimentos de Infantaria. Já quanto

ao funcionamento técnico, este ocorria na área da retaguarda, com atribuições de planejamento e controle. Compreendia, entre outros, encargos como as localizações dos órgãos de execução, as regras de emprego dos comboios, os horários de reabastecimento, os tempos de carregamento, os métodos de provimento, as medidas para regularização dos transportes. Em adição, desincumbia-se de tarefas tais como sepultamento, resolução dos problemas de alimentação, habilitação dos cozinheiros, motoristas, mecânicos etc.

A estruturação do contingente brasileiro e seus elementos constitutivos seguiram os meios, processos e tipos de organização vigentes nas forças dos Estados Unidos, já consagrados pela experiência da guerra em andamento. Enquadrada pelo V Exército daquele país, a FEB adotou, para a condução das operações, a composição típica de comandante, subcomandante (também



comandante da Infantaria Divisória) e Estado-Maior. Neste último, apesar de somente a 4ª Seção ser considerada como a “de Logística”, parte das atividades da 1ª Seção eram igualmente consideradas desse campo. Ambas se voltavam à retaguarda a fim de buscar os meios destinados ao suporte às operações na quantidade certa e no momento adequado, evitando prejuízos às ações por insuficiências junto aos elementos em primeiro escalão. Mas, também se preocupavam com a frente, no tocante ao moral dos combatentes e ao apoio às tropas em ação.

A 1ª Seção (Pessoal) recebeu as missões de supervisão do re-completamento em pessoal, os serviços de Polícia, de Assistência Religiosa, Justiça, Especial e de Administração do Território, e, ainda, do moral da tropa. A 4ª Seção (Logística) tinha como encargos o suprimento em geral, as evacuações, o transporte, o conforto dos homens e a manu-

tenção de material, além da supervisão das atividades logísticas que não estivessem ligadas à 1ª Seção.

Para o planejamento, controle e execução das diversas tarefas, existia o Estado-Maior Especial. Neste, funcionavam as chefias dos Serviços, cada um deles cuidando de seus encargos respectivos: Intendência, Material Bélico, Saúde, Engenharia, Transmissões, Guerra Química, Fundos, Polícia, Especial, Religioso, Postal e Justiça, além da Inspetoria-Geral e da Ajudância-Geral.

Enquadrando os efetivos realmente destinados à execução local das missões, existia a chamada “Tropa Especial”. Compunha-se do Destacamento de Saúde, da 1ª Companhia de Intendência, da 1ª Companhia Leve de Manutenção, do 1º Pelotão de Sepultamento, do Pelotão de Polícia, da 1ª Companhia de Transmissão e do 1º Batalhão de Saúde. Esta, em função da maior especialização exigida dos seus



integrantes, era formada por militares provenientes de várias unidades e também de polícias militares e civis dos Estados.

Finalmente, complementando o rol do apoio, atuaram a Banda de Música Divisionária, os Capelães Militares, funcionários do Banco do Brasil, os Correspondentes de Guerra, o Serviço Postal, a Seção de Justiça e elementos de Veterinária (para atendimento a muares e cães).

O DESENVOLVER DAS OPERAÇÕES E ADAPTAÇÃO DOS BRASILEIROS

O contingente brasileiro teve de se adaptar às rotinas, aos padrões e aos procedimentos dos americanos. Além de dependentes de seu apoio, nossa doutrina era completamente distinta. As tabelas de provimento e de consumo, anteriores à guerra, eram desatualizadas; nossa experiência se limitava a operações curtas

e perto de cidades; nossos estudos nutricionais eram incipientes; nossos processos, advindos da Missão Militar Francesa, eram defasados, e os equipamentos, antiquados. Agora, combatíamos com métodos novos e utilizávamos materiais desconhecidos, embalagens modernas, medidas em outro sistema (libras, pés, polegadas, onças, graus Fahrenheit, etc.). Além disso, as ligações se processavam num idioma que poucos compreendiam.

Alguns setores do apoio Logístico, pelas suas características, merecem um detalhamento maior, conforme se verá na sequência. O primeiro, uma atividade que acontece cotidianamente, não importando situação, clima ou o local, é o da alimentação. Nesse particular, tivemos alguns problemas. Logo de início, além de demora no fornecimento dos fogões, estes eram completamente desconhecidos de nosso pessoal de rancho, obrigados ao aprendizado de seu manejo. As-



sim, por exemplo, no primeiro acampamento, deu-se o consumo, por quatro dias, de ração de campanha, basicamente alimentos enlatados. O resultado diário eram mais de 30 mil latas vazias a receberem destino adequado (lixo), fora os restos não consumidos.

Houve necessidade de adaptação dos brasileiros aos cardápios americanos. Com hábitos significativamente distintos, foi preciso certo tempo para os estômagos dos nossos combatentes se habituarem a “digerir” itens tais como suco de tomate, batata desidratada, espinafre, manteiga de amendoim, carne enlatada (*corned beef*), suco de *grape fruit* (toranja), picles e tantos outros. Igualmente, com o tempo, o paladar foi se ajustando aos temperos disponíveis.

Em contrapartida, os ganhos foram imensos. Cerca de 150 cozinheiros foram habilitados num curso específico, e nosso pessoal de aprovisionamento

absorveu preciosos ensinamentos quanto a manuseio de embalagens e utilidades de cozinha, preparo de refeições, qualidade e higiene.

Nas situações rotineiras da campanha, a alimentação diária se chamava “Ração B” ou operacional. Era composta das três refeições (desjejum ou “café da manhã”, almoço e jantar). Os cardápios variavam segundo uma tabela previamente estabelecida. Em geral, na primeira refeição o homem recebia café, leite, um suco, mingau ou omelete, aveia, pão, geleia ou manteiga de amendoim, um doce ou compota de fruta. O almoço e o jantar giravam em torno de uma carne (bovina, porco, frango ou peru, por vezes peixe ou salsicha), arroz, feijão, vegetais (desidratados ou em conserva), batatas, suco, ovos, pão, um doce ou fruta em compota.

Também se distribuíam cigarros e fósforos, chocolates, goma de mascar e outras amenidades,



como sabonetes, escova dental e dentifrício, creme e lâminas de barbear etc. No inverno, complementos multivitamínicos eram anexados às rações. No calor, tabletes de sal.

Como solução ao ajuste dos hábitos alimentares, alguns ingredientes, como feijão, arroz, farinha de mandioca, café e mate, eram trazidos do Brasil.

Para situações de combate, patrulhas, deslocamentos e, ainda, como reserva de emergência, existiam rações chamadas “C” e “K”. Resumidamente eram enlatados acompanhados por utensílios como colher, purificador de água, goma de mascar, cigarros, fósforos, abridor de latas, guardanapo etc. Elas se diferenciavam pela embalagem, destinadas para atendimento individual ou a um grupo e podiam ser consumidas frias ou depois de aquecidas.

A “Ração C” era formada por latas contendo alimentos à base de carne, em mistura com cereais, legumes ou sopa, e itens va-

riados como biscoitos, café ou chocolate solúvel, doces ou balas etc. A “Ração K”, chamada também “de assalto”, mais compacta e individual, era integrada por três pequenas caixas correspondentes às refeições, cada uma contendo (dependendo de ser respectiva a desjejum, almoço ou jantar) queijo, patê ou sopa desidratada, além de biscoitos, café ou limonada solúvel, chocolate.

A água era fornecida por equipes de pessoal da Engenharia, dotados de aparelhos para filtragem e tratamento. Individualmente, os soldados recebiam pastilhas purificadoras, para uso quando necessário.

No tocante ao fardamento, equipamento e material de estacionamento, era tudo fornecido pelo V Exército, à exceção dos uniformes, levados do Brasil. Com o tempo, contudo, nosso fardamento, inadequado ao clima, foi paulatinamente sendo substituído pelo americano.

Quando da chegada da FEB,



foram recebidos os artigos de estacionamento, como barracas, mosquiteiros, cobertores, camas, aquecedores etc., bem como equipamentos individuais, quais sejam mochilas, bornais, cintos, cartucheiras, capacetes e outros. No decorrer da campanha, os recompletamentos aconteciam conforme pedidos e tabelas. Essa mesma sistemática de provimento se aplicava aos artigos de administração e expediente, como fitas de máquina de escrever, papel, lápis e caneta etc.

Um entrave inicial foi o problema dos calçados. Os borzequins levados pela tropa, de baixa qualidade, logo se despregavam, levando a inventividade brasileira ao corte das solas, inutilizando o calçado. Os americanos forneceriam itens de seus estoques, porém surgiu aí outro impasse, relativo aos tamanhos: os pés dos brasileiros eram menores. Além disso, os “butes” (palavra logo inventada para designar os *combat boots*) dispo-

níveis eram maiores, pois no inverno os americanos costumavam calçar dois números acima, para acomodar meias espessas. Após algum tempo e as devidas gestões, o problema foi contornado com a chegada de novo suprimento com numeração ajustada.

Ainda sobre calçados, a criatividade brasileira foi notada pelos americanos, que aperfeiçoaram e adotaram medida semelhante: para evitar o “pé-de-trincheira” (inflamação decorrente do frio e da umidade, que podia resultar em gangrena), nossos “Pracinhãs” retiravam as botas, envolvíamos pés com pedaços de cobertor e forravam as galochas com feno seco, palha, jornais ou panos. Em seguida, calçavam somente estas, mantendo os pés secos e não apertados, deixando as botas presas ao cinto ou na mochila, prontas para uso ao dirigir algum veículo ou realizar caminhadas.

Para o descanso e recupera-



ção dos combatentes, nas áreas de retaguarda, existiam os campos de repouso. Neles, os norte-americanos mantinham alguns confortos, como hospedagem, cinemas, lojas (chamadas *post-exchange* ou simplesmente “PX”, *pí-écs* na pronúncia em língua inglesa), algo como cantinas ou armazéns reembolsáveis, onde variados itens pessoais podiam ser adquiridos.

As atividades referentes à recreação a ao lazer na FEB ficavam basicamente a cargo do Serviço Especial. Este organizava espetáculos, distribuía presentes e brindes e cooperava com o Serviço de Assistência Religiosa no conforto moral e material dos soldados baixados aos hospitais. Além disso, publicaram dois jornais, o *Zé Carioca* e *O Cruzeiro do Sul*, que se atualizavam por intermédio do noticiário telegráfico e radiofônico e recebiam colaboração do pessoal das unidades.

Também dirigiu o “Hotel das Praças”, em Florença, que, além

da hospedagem, proporcionava diversões e excursões aos “Pracinhas”. Dos americanos, recebia filmes, exibidos quando e onde possível. A Banda de Música promovia espetáculos e também fornecia pequenos conjuntos para animação de festas e reuniões. O Serviço Especial, além de contribuir para manter o equilíbrio mental dos soldados, foi um importante fator de estímulo de suas qualidades guerreiras. Os capelães se incumbiam dos ofícios religiosos e conforto espiritual.

Com relação aos transportes, após o recebimento das viaturas, houve a necessária adaptação de motoristas e auxiliares. Da mesma forma que para o pessoal de cozinha, também foi organizado um curso para motoristas. O aprendizado foi eficaz, e nossos soldados souberam executar os deslocamentos necessários. Muitos comboios ocorreram, circulando quase sempre à noite, por inúmeras vezes em estradas co-



bertas de neve, com precipícios de um lado e paredes quase verticais do outro. Era um cenário desconhecido aos nossos condutores, que, inflamados de entusiasmo, cumpriam suas missões.

Em algumas circunstâncias, ocorreu o emprego de “companhias de cargueiros”, a utilização de muares no transporte de suprimento às unidades em contato que, por efeito da neve e da lama, não podiam ser atingidas por viaturas motorizadas.

As atividades de conservação e ajuste dos equipamentos ficavam a cargo da 1ª Cia Leve de Manutenção. Esta efetuou o recebimento, a montagem e a entrega de viaturas e armamentos. Ao longo da campanha, efetuou reparos diversos nesses itens, além do fornecimento de munição.

Dos veículos recebidos pela FEB, cerca de 400 eram caminhões 2 ½ toneladas, dos quais mais da metade se destinaram às atividades logísticas.

Combustíveis e lubrificantes seguiam os trâmites da cadeia de suprimento e eram distribuídos pela Intendência. Basicamente, o transporte e os fornecimentos se davam em tambores e camburões, sendo padrão a troca de embalagens vazias por cheias.

Os armamentos e as munições, naturalmente, tinham origem norte-americana. O maior obstáculo, vencido, foi a adaptação, pois eram itens completamente novos, desconhecidos pelos nossos expedicionários. Por isso, à chegada, houve um período de treinamento. Ocorre que, além do manejo de armas modernas e desconhecidas, também foi preciso entendimento do emprego tático, visto o ingresso na doutrina americana.

O sepultamento consistia na coleta, transporte, autópsia e enterro dos cadáveres. Inicialmente foram utilizados cemitérios de Tarquínia, Felonica e Vada, num total de 88 inumações. Ao final de 1944, foi estabelecido



o Cemitério Militar Brasileiro em Pistoia, na estrada de Candeglia. Este foi cercado e delimitado, com sepulturas destinadas a brasileiros e inimigos, recebendo, logo que inaugurado, os corpos anteriormente sepultados nos três campos citados. Contava com necrotério e capela. No total, 467 expedicionários tombaram nos campos de batalha, dos quais 462 repousaram em Pistoia até o final dos anos 1950. Com a construção do Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial, no Rio de Janeiro, conhecido como “Monumento aos Pracinhas”, os restos mortais dos nossos heróis retornaram à Pátria e, desde 22 de dezembro de 1960, ali jazem, merecendo a justa homenagem dos brasileiros. Em solo italiano subsiste, naquele local, o Monumento Votivo Militar Brasileiro, onde um único túmulo, do “Soldado Desconhecido”, permanece iluminado pela chama perpétua, mantida permanentemente acesa e represen-

tando a tenacidade e o valor do combatente brasileiro.

As atividades logísticas prosseguiram mesmo com o fim das hostilidades. Após o cessar-fogo, ocorreu o recolhimento, a limpeza, a manutenção, a embalagem, o preparo e a reunião de todo o material da tropa, com seu transporte até Nápoles, para o embarque de retorno ao Brasil. A tarefa computou mais de 21.000 volumes e 1.900 viaturas, empregando 1.500 caminhões, oito composições ferroviárias, 40 carros de bagagem individual e três navios.

A CHEGADA E A DESMOBILIZAÇÃO

A data de 1º de janeiro de 1946 pode ser considerada como a da extinção, na prática, FEB. Sua dissolução formal iniciou-se em 6 de julho de 1945, por intermédio do Aviso nº 217-185, expedido pelo Ministro da Guer-



ra, General Eurico Gaspar Dutra. Entre os dias 6 de julho e 13 de outubro, os soldados brasileiros foram retirados do Teatro de Operações na Europa, retornando, em cinco escalões, ao Brasil. O ato demonstrava uma ação preventiva do governo de Getúlio Vargas para enfraquecer qualquer tentativa de apropriação do prestígio das tropas brasileiras para uma possível oposição ao seu regime, um bloqueio ao uso dos expedicionários como aliados no combate ao pacto conservador das elites políticas. O primeiro escalão pisou o solo brasileiro em 18 de julho de 1945, quando se realizou um grande desfile, a *Parada da Vitória*. O fato é que a FEB criara uma situação incômoda a Getúlio Vargas, a de continuar um regime político inspirado nas ditaduras que acabavam de ser destruídas pela guerra. O povo, recebendo festivamente os Pracinhas, manifestava desejo pela volta à democracia. Não houve um planejamento

amplo e eficiente de desmobilização. Ainda em solo italiano, os combatentes receberam um certificado provisório de reservista, substituído, depois, por um documento definitivo.

No retorno ao Brasil, a FEB ficaria subordinada ao Comando da 1ª Região Militar. Assim, logo após a chegada, começaram as dificuldades: os combatentes da FEB foram proibidos de andar fardados pelas ruas e dar declarações públicas sobre as experiências no campo de batalha. O atendimento médico foi precário e a legislação, morosa e insuficiente, afetava a todos, indiscriminadamente, contudo agravando, em especial, a situação das praças civis que, uma vez afastados do Exército, encontravam dificuldades em conseguir empregos e tentar reorganizar suas vidas, sem qualquer tipo de auxílio oficial. Os oficiais da reserva convocados que optaram por seguir a carreira militar foram dispersos por diversos estados



do Brasil. Oficialmente, em 1945 foi criado, pelo Exército, um organismo encarregado dessas tarefas, a Comissão de Readaptação dos Incapazes para as Forças Armadas (CRIFA). Contudo, ela não foi capaz de cumprir seus objetivos, sendo reconhecida, até mesmo por oficiais do Exército, como um fracasso total. Outro órgão público que havia sido criado para tal, a Legião Brasileira de Assistência (LBA), igualmente não cumpriu seu papel a contento. Aqueles que não conseguiram se readaptar à vida civil não tiveram outra alternativa que não a de “se virar”, depender da caridade alheia, ou definhar. Em 1947, cerca de 3.500 veteranos, entre “mutilados, cegos, tuberculosos, neuróticos e desajustados de toda a natureza” marcharam em silêncio, num espetáculo com ares fúnebres, que comoveu e indignou, ao mesmo tempo, a população. Assim, começaram a surgir associações e clubes de vetera-

nos, criados com a finalidade de ajuda mútua, apoio social, sem auxílio do Estado. Esta situação perdurou por alguns anos, até que na década de 1950 começou um processo de revisão, com a edição de seguidas leis de amparo aos ex-combatentes. Desta forma surgiram a Associação de Ex-Combatentes do Brasil, o Clube dos Veteranos da Campanha da Itália e a Associação dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira (AVFEB), logo transformada em Associação Nacional dos Veteranos da FEB (ANVFEB).

CONSEQUÊNCIAS DA ATUAÇÃO DA FEB

Já em 1945, no retorno da FEB, muitas ideias novas, trazidas pelos expedicionários, foram recebidas em nosso país. A principal delas, no campo político, levou ao movimento que depôs Getúlio Vargas do poder. Afinal, soldados que haviam sido



enviados para lutar pela democracia e pela liberdade não viam sentido na manutenção de um governo ditatorial. Era o fim do Estado-Novo.

No aspecto econômico, fruto das negociações anteriores, deu-se o início do processo de industrialização do Brasil, com a instalação de plantas industriais de siderurgia e de petróleo. Algumas instituições surgidas após a guerra: Conselho de Segurança Nacional, Estado-Maior das Forças Armadas e Escola Superior de Guerra.

Na área militar, passamos a receber influência norte-americana quanto à doutrina, bem como a adquirir material bélico daquele país. Tais influências orientaram, por longo período, as atividades de planejamento, os organogramas e a reestruturação do Exército. Ainda como legado do conflito, se verificaram a motorização e a motomecanização, trazendo o Exército, até então hipomóvel, para o século

XX. Semelhantes processos ocorreram nas demais Forças.

O apoio logístico passou a contar com estabelecimentos e depósitos regionais de material de intendência, material de engenharia, material de comunicações, material de saúde e de veterinária, somando-se aos já existentes de subsistência. Também foram criados hospitais gerais e de guarnição e o Instituto Biológico. No tocante à família militar, foram aperfeiçoados os mecanismos de pensões, indenizações e assistência.

Várias legislações regularam, aos ex-combatentes, direitos como pensões, pecúlios, promoções e, em alguns casos, a absorção de militares da Reserva aos quadros permanentes da carreira.

Esta estrutura Logística pós-guerra subsistiu até o final do séc. XX. No entanto, mostrou-se inadequada e incapaz de acompanhar o frenético desenvolvimento dos meios e dos processos



de gestão e tomada de decisões. Para um Exército de tempo de paz e circunscrito a ações internas e de curta duração, até que resolvia os pequenos problemas que se apresentavam.

O sistema não recebeu a merecida atenção. Houve desmobilização de cérebros, com prejudiciais perdas de conhecimento. Um “embate” entre serviços técnicos e atividades funcionais não concluía sobre a melhor forma de organização das unidades e frações. No nível estratégico, sofríamos uma dependência externa de equipamentos mais complexos, a capacidade de produção nacional ainda se encontrava focada em produtos primários e de baixo nível tecnológico.

Em certa época, pelos idos dos anos 1970/80, chegou-se a ter no Brasil uma razoável indústria de material de defesa, porém ela “desmoronou” por razões tanto econômicas como políticas. Restaram-nos forças ao nível tático-operacional com alcance muito

limitado. Nas operações de paz em que o Brasil se envolveu, foi necessário o apoio de outras nações: nossos efetivos não eram autossuficientes.

Quanto à Mobilização, se algo se conservou foi no campo de pessoal, mantendo-se certa capacidade de convocação de reservas. Em termos industriais e de serviços, só recentemente se firmou legislação adequada, restando adiante um longo aprendizado.

Hoje os tempos são outros, nosso país adquiriu maior presença no mundo, recebeu novos encargos e responsabilidades. Para o atendimento das missões, é fundamental a existência de tropas aprestadas, com meios adequados e moral elevado.

Agora, já não tanto como consequência da FEB, mas, sim, como “herança” dos ideais plantados naquela época, a visão castrense foca a racionalidade e a eficiência, estando em andamento um amplo projeto de moder-



nização, objetivando Forças Armadas aptas a amparar o Brasil em sua cada vez maior presença no cenário mundial nesta nova era, de rápidas e profundas transformações e de intensos conflitos de interesses.

Em termos logísticos, são notáveis os avanços, e nossas tropas, hoje, atuando em distintas regiões, inclusive no exterior, já podem contar com razoável dose de suporte autóctone.

CONCLUSÃO

A importância da Logística é inquestionável. A guerra, por si só um foco de sofrimentos e de privações, tem sua inclemência ampliada com a carência de itens que atendam às necessidades de quem nela se envolve. Os últimos conflitos comprovaram, e vêm ratificando, a importância cada vez maior da Logística nas operações militares. Mais do que multiplicador do poder de com-

bate, elas e constituiu na grande responsável e definidora do curso das guerras.

Nos exércitos modernos, a Logística ocupa uma posição de relevo, inclusive se antecipando: entra em ação antes das operações de combate propriamente ditas. Um dos lemas que nós, intendentess, com orgulho entomamos, desafia: *Quem não acredita na Intendência, que tente combater sem ela!*

Nenhum país pode prescindir de forças de defesa (aí se incluindo as Forças Armadas, as polícias e demais entidades de segurança), garantia de paz e segurança, instrumentos de dissuasão e prevenção. Elas não se improvisam, devem ser mantidas aprestadas e motivadas. Um colômbio ancestral dita *Um exército pode passar um século sem ser empregado; mas não pode ficar sequer um dia sem estar preparado.*

Propugnamos uma Logística “verde-amarela”, capacitada a



propiciar independência aos nossos efetivos. Sejamos atores principais, não coadjuvantes. Temos de ser donos de uma indústria nacional de material de defesa. Somente um país que seja capaz de prestar assistência às suas tropas será realmente senhor de seus destinos.

Tropas eficientes são fundamentais e tais inexistem sem uma adequada Logística. Preparo-nos, sempre. Como diziam os antigos romanos, *Si vis pacem, para bellum* (“Se queres a paz, prepara-te para a guerra”).

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS VETERANOS DA FORÇA EXPEDICIONÁRIA BRASILEIRA. *Apoio logístico na FEB*: performance no Velho Continente. Disponível em: www.anvfeb.com.br/siteantigo/a_poiio_logistico.htm.

BERGO, Marcio Tadeu Bettega. *Explicando a guerra: polemologia, o estudo dos conflitos, das crises e das guerras*. Rio de Janeiro:

Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército, 2013.

BERGO, Marcio Tadeu Bettega. *Apoio logístico: considerações e propostas* (um estudo). PADECEME, Rio de Janeiro, n.9, p. 24-40, set./dez. 2004.

BIOSCA, Fernando Lavaquial. *A intendência no teatro de operações da Itália*: de 16-VII-1944 a 30-VI-1945. Rio de Janeiro: Laemmert, 1950.

REVISTA DE INTENDÊNCIA. Rio de Janeiro, n. 1, jan./jun. 2005.

VIDEIRA, Antônio Celente. *Logística-história e evolução: Leituras Seleccionadas - Escola Superior de Guerra/DALMob LS 712-05*. Rio de Janeiro: ESG, 2005.

Peninsular Base Section: o funcionamento do Celeiro Logístico da FEB

Júlio César Guedes Antunes

Um grande ponto de consenso entre os historiadores militares do século XX é que os Estados Unidos da América utilizaram toda a força de sua poderosa e vasta base industrial para inundar o campo de batalha com uma infundável torrente de material de guerra e vencer as duas guerras mundiais.

Conquanto o poderio industrial norte-americano tenha realmente se tornado um elemento primordial para a vitória, especialmente na Segunda Guerra Mundial, é um erro comum menosprezar toda a estrutura que foi criada e mantida para manter todo aquele material de guerra fluindo das portas das fábricas nos Estados Unidos até a linha de

frente na Europa e no Pacífico. Afinal, fuzis, tanques, aeronaves, munição e outros suprimentos simplesmente não poderiam ser materializados junto ao soldado que combatia a milhares de quilômetros de seu país, separado de lá por dois vastos oceanos. Organizar tão vasta cadeia de suprimentos, que unisse as unidades de combate à base industrial doméstica norte-americana, foi tarefa de uma organização militar denominada Teatro de Operações.

O Teatro de Operações deveria lidar com todos os suprimentos e instalações civis e militares destinadas a manter suprida as unidades que tinham por objetivo derrotar o inimigo na frente



de batalha. Um alicerce logístico frágil resulta em suporte limitado, o que reduz a potencialidade operacional da tropa e desperdiça oportunidades de se atingir a vitória.

O Teatro de Operações do Mediterrâneo foi estabelecido no começo do envolvimento direto dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, e guarda para si uma série de inovações disruptivas na história militar norte-americana: foi a primeira ocasião em que tropas americanas aquarteladas em dois continentes diferentes convergiram para combate num terceiro continente; foi a primeira vez que forças americanas tiveram que estabelecer inteiramente toda uma estrutura de suporte de teatro operacional capaz de sustentar grandes ofensivas mecanizadas terrestres, aéreas e anfíbias em um ambiente estrangeiro completamente inóspito; e foi a primeira vez em que os Estados Unidos se viram em guerra na posição de maior

provedor de armas e material para seu grupo de países aliados.

A evolução da doutrina militar logística norte-americana, que foi exibida com imenso sucesso em seu ápice durante a Segunda Guerra Mundial, no entanto, não foi fruto de um desenvolvimento gradual herdado de sua fundação, mas sim de uma experiência traumática que sacudiu os pilares de sua estrutura militar, deixando amargas e duradouras lições.

Durante os séculos XVIII e XIX, os Estados Unidos estabeleceram-se como nação em meio à uma conturbada sucessão de violentos conflitos, nos quais suas forças armadas desempenharam papel central.

Boa parte desses conflitos, todavia, desenvolveu-se nas vizinhanças do seu território nacional, como a Guerra de 1812 e a Guerra Mexicano-Americana, ou de forma inteiramente interna, como a Guerra de Secessão e as Guerras Indígenas.



Dessa forma, conquanto esses conflitos tenham colaborado para o desenvolvimento e expansão da base industrial bélica do país e provido vasta experiência ao seu corpo de oficiais e praças, os Estados Unidos nunca tiveram que conduzir grandes operações militares no exterior a distâncias hemisféricas de casa como os grandes impérios coloniais europeus haviam se acostumado a realizar.

A Segunda Revolução Industrial e seus desenvolvimentos nos primeiros anos do século XX levaram à uma brusca introdução de novos conceitos dentro do conceito de guerra, que foi rapidamente modificado em curto tempo, gerando uma situação anacrônica na qual a tecnologia transformou a linha de frente sem que necessariamente tivesse impactado da mesma maneira as escolas de pensamento militar.

A Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, rapidamente evidenciou o quão distantes ha-

viam ficado a academia e a prática militar, resultando num imenso impasse em campo de batalha que se traduziu na guerra de trincheiras da frente ocidental. Neste contexto, os exércitos europeus passaram os anos seguintes apenas fazendo ganhos marginais através de custosos ataques de infantaria. Os centros industriais europeus permaneceram largamente intocados pela guerra que ocorria no nordeste da França, visto que a aviação de longo alcance ainda era virtualmente experimental e qualquer doutrina para bombardeio estratégico sustentado simplesmente inexistia.

Foi neste contexto que os Estados Unidos adentraram o conflito no começo de 1917: as sangrentas batalhas do Somme e Verdun no ano anterior haviam dilacerado as fileiras anglo-francesas, que perderam milhões de homens em confrontos inconclusivos, e, portanto, Londres e Paris viam-se desesperados por



recompletamento dos seus quadros de infantaria.

Esses países dispuseram-se a armar e equipar as forças expedicionárias norte-americanas, contanto que a Casa Branca garantisse que despacharia homens em grande quantidade no menor tempo possível. Assim sendo, o presidente Woodrow Wilson mobilizou apenas parcialmente a indústria norte-americana para o esforço de guerra, contando com a garantia de suprimento prometida por Reino Unido e França.

No verão daquele ano desembarcariam na França os primeiros elementos da Força Expedicionária Norte-Americana, e entre eles estava um reduzido time de militares responsável por linhas de comunicação que dessem apoio a um exército de milhões de homens, selecionando eventualmente a região da Lorena por sua vasta rede ferroviária e portuária, bem como campos para o estabelecimento de acampamentos e depósitos.

O Exército Francês havia, nos três anos anteriores, desenvolvido um sistema logístico que dividia o teatro de operações em duas zonas: a Zona do Interior e a Zona dos Exércitos, sendo a primeira a fonte dos suprimentos e a segunda a destinatária dos suprimentos. Os americanos simplesmente usaram o sistema francês como base para erigir o seu, estabelecendo sua primeira organização de comunicações em solo europeu em 5 de julho de 1917.

Contudo, após a chegada do General John Pershing, comandante do contingente americano, percebeu-se que a organização até então vigente era insustentável: mais de 20 agências logísticas diferentes tinham acesso direto a Pershing e ao quartel-general.

O comandante então ordenou a criação de uma única agência que seria responsável pela intendência, saúde, material bélico, comunicações, aviação, engenha-



ria e outras forças de apoio na Zona do Interior, que foi batizada *Services of Supply* (SOS), ou Serviços de Suprimento, em 18 de setembro de 1917.

A nova organização montou seu QG em Tours e ordenou que todas as chefias administrativas e técnicas do Exército coordenassem suas atividades através de dela. Com a criação dos SOS, os comandantes combatentes poderiam se focar no inimigo repassar os detalhes do suporte administrativo para um novo grupo de comandantes administrativos. A nova estrutura rapidamente mostrou seu valor para a força de Pershing, mas trouxe consigo novos cenários e desafios inteiramente imprevisíveis.

A criação de toda uma nova categoria de militares, os administrativos, que não desempenhavam funções de combate, instigou rancor e rivalidade entre estes e os combatentes, e uma das principais razões para tanto eram as condições de vivência

menos árduas que o escalão administrativo supostamente desfrutava. Por outro lado, tropas administrativas se ressentiam do fato de serem relegadas a uma espécie de “segunda classe”, visto que eram frequentemente preteridas em questões de reconhecimento por mérito e promoções – inclusive pelo próprio General Pershing, que comungava da presunção de que tropas combatentes tinham prerrogativa e valor sobre as administrativas.

Tal comportamento resultou em que os escalões do oficialato administrativo frequentemente eram ocupados por oficiais combatentes demitidos dos seus comandos na linha de frente por inadequação ou incompetência. Isso criou nos SOS uma cadeia de comando ineficiente, que pouco conseguiu fazer para gerenciar os suprimentos para o sempre crescente contingente norte-americano na França.

Um último fator que caracterizou a experiência dos SOS na



Primeira Guerra Mundial foi seu completo subdimensionamento em termos de material humano. Pershing nunca autorizou o preenchimento completo da quota de oficiais e praças autorizada por Washington para o serviço, priorizando sempre as unidades de linha de frente em detrimento da retaguarda.

De fato, somente a repentina rendição alemã em novembro de 1918 impediu a virtual implosão do sistema logístico norte-americano na Europa, fato que deixou em muitos oficiais uma impressão vívida de que algo estava profundamente errado e deveria ser modificado.

No final da década de 1930, a aproximação de uma nova guerra na Europa despertou renovadas preocupações no seio do Exército, e seu novo Chefe de Estado-Maior, o general George Marshall, implementou uma série de inovações que marcaria o renascimento da força como um aparato capaz de sustentar vastas ope-

rações militares ao redor de todo o planeta.

Todas as mudanças foram aprovadas e instituídas em 9 de dezembro de 1940 na forma do *Field Service Regulations: Administration*, ou Regulamentos de Serviço em Campo: Administração, também conhecido como FM 100-10. Este documento ditava a organização do teatro de operações de acordo com a nova doutrina norte-americana, servindo como base para a identificação de organizações, responsabilidades e definições:

- Administração: todas as fases das operações militares não envolvidas nos termos “tática” e “estratégia”. Consiste de suprimentos, evacuação, saúde, construção, manutenção, reposição, controle de tráfego, resgate, sepultamento, movimentos, provisionamento, governo militar, lei marcial e assuntos correlatos.

- Teatro de Operações: terra, ar e mar numa área que se pretende invadir ou defender. Pode



haver numerosos teatros de operação.

- Zona de Combate: a área avançada do teatro de operações, uma área tipicamente dividida entre exército, corpo e divisões.

- Zona de Comunicações: o território entre a retaguarda do teatro de operações e a retaguarda da Zona de Combate. A Zona de Comunicações tipicamente inclui suprimentos, transporte, manutenção, saúde e outras unidades administrativas.

- Zona do Interior: território nacional excluído do teatro de operações, como os Estados Unidos continental.

- Linhas de Comunicação: uma rede de estradas, ferrovias e linhas marítimas que conectam a Zona do Interior à Zona de Comunicações e a Zona de Comunicações à Zona de Combate.

- A Zona de Comunicações era por si dividida em três *Sections*, ou seções, progressivamente responsáveis por organizar as demandas de suprimentos pro-

vidas pelas unidades de combate, enviar esses requisitos para a chefia de intendência na Zona do Interior, bem como receber, inventariar e distribuir suprimentos de todas as naturezas para a Zona de Combate. Essas eram as *Advanced Sections*, ou seções avançadas; *Intermediate Sections*, ou seções intermediárias; e as *Base Sections*, ou seções de base - que se tornariam as grandes organizadoras e fontes de material da cadeia logística militar do Exército dos Estados Unidos.

O comandante do teatro era o indivíduo singularmente responsável por todas as unidades norte-americanas de combate e de suporte no teatro de operações, e muitas vezes poderia agir como comandante-supremo de forças de coalizão. Após a entrada definitiva dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em dezembro de 1941, o novo oficial apontado para o comando do Teatro de Operações do Mediter-



râneo, general Dwight Eisenhower, assumiu o posto juntamente com o comando supremo de todas as forças Aliadas – ao contrário de Pershing, que nunca exerceu nenhum comando além da própria Força Expedicionária Norte-Americana.

Somando às imensas responsabilidades de Eisenhower como comandante do Teatro de Operações estavam também de governo das populações civis de áreas no exterior sob controle administrativo do Exército dos Estados Unidos. Ao contrário do que se imaginou inicialmente, as responsabilidades sobre o bem-estar das populações locais não se provariam uma tarefa simples ou secundária, gerando pesadas demandas ao escalão administrativo da força.

As primeiras movimentações militares norte-americanas após a entrada no conflito se deram no começo de 1942, com os primeiros comboios de material sendo despachados para a Inglaterra,

tendo por objetivo o estabelecimento de uma vasta infraestrutura de acúmulo de homens e material para uma invasão da Europa continental através do Canal da Mancha.

Em 1942, todavia, uma invasão através do Canal era considerada uma empreitada extremamente perigosa, dada a inexperiência das tropas norte-americanas e sua ainda insuficiente cadeia logística nas ilhas britânicas, ante a estimada poderosa e proficiente força de reação alemã que os aguardaria nas praias.

Os chefes militares norte-americanos favoreciam o ataque inicial a um ponto menos perigoso, que ao mesmo tempo colocaria os Estados Unidos no combate e favoreceria as chances de sucesso de sua força numa operação inédita: o desembarque anfíbio em terras transatlânticas.

Também politicamente pressionados, visto que o Presidente Franklin Roosevelt queria que



seu exército entrasse em combate contra o Terceiro Reich ainda em 1942, o Departamento de Guerra acabou decidindo-se por uma invasão anfíbia do Norte da África, onde as forças do Eixo comandadas pelo general Erwin Rommel encontravam-se em ofensiva contra os britânicos no Egito.

Um ataque pela retaguarda ítalo-germânica no Marrocos e Argélia colaboraria para deter o ímpeto ofensivo inimigo para leste, bem como estabeleceria bases norte-americanas no continente africano para o lançamento de uma campanha de bombardeio aéreo da Itália e sul da Europa.

A decisão pelo ataque ao Norte da África foi tomada em 25 de julho de 1942, apenas três meses antes da data prevista para sua realização, e imediatamente os *Services of Supply* começaram seu planejamento para sustentar uma força de invasão de 125 mil homens.

A Operação Tocha – como a invasão ficaria conhecida – teria duas fases principais: o desembarque simultâneo nas colônias francesas do Marrocos e Argélia por três forças-tarefa, seguido de um avanço por terra pela Argélia e Tunísia. O comando esperava poder convencer as forças da França Vichy a aderirem à sua campanha contra o Eixo na Líbia.

Cada força-tarefa recebeu a incumbência de planejar seu próprio plano de apoio logístico, e cada comandante de força-tarefa recebeu um brigadeiro-general para coordenar seus SOS. Muito embora o trabalho já tivesse sido iniciado na preparação das unidades designadas para a Tocha, na metade de setembro ainda não havia um planejamento central de operações aprovado por Estados Unidos e Grã-Bretanha – menos de 48 dias antes da data prevista para a partida dos comboios.

Os planejadores logísticos utilizaram-se de palpites para esta-



belecer os tipos e quantidades de material requeridos para a invasão. Em todo caso, as requisições de suprimentos e equipamentos tinham que levar em consideração o tempo de produção. O limitado tempo de planejamento levou a confusões e planos apressados, que resultaram em revisões e mudanças nas forças.

Mas uma decisão logística tomada pelo alto-comando levou a uma consequência estratégica negativa: os generais Eisenhower e George Patton, comandante da Força-Tarefa Ocidental, optaram por priorizar o número de tropas dentro do espaço disponível nos navios de transporte, em detrimento de muitos outros importantes suprimentos, com destaque para os caminhões.

Isso significou que quando a operação foi finalmente desfechada no litoral noroeste da África em 8 de novembro de 1942, desfrutando de um raríssimo mar calmo que favoreceu seu sucesso, os americanos se esta-

beleceram em terra apenas após superar uma imensa confusão logística causada por sua inexperiência, mas não puderam alargar imediatamente sua frente de batalha devido à falta de transportes motorizados.

Sob a tutela de Marshall, o Exército dos Estados Unidos havia inteiramente o uso de tração animal, motorizando-se por completo, e neste contexto todas as suas operações ofensivas se tornaram grandes ofensivas mecanizadas. A necessidade do transporte de forragem para milhares de cavalos deu lugar à necessidade de peças, lubrificantes e combustível para os veículos motorizados, e sem uma quantidade adequada de caminhões o infante americano não podia se deslocar por grandes distâncias.

Essas circunstâncias impediram os americanos de atingir seu planejamento inicial e ocupar a Tunísia antes dos alemães, permitindo que Rommel chegasse a



Túnis e recebesse mais uma imensa quantidade de suprimentos naquele inverno. Eisenhower então utilizou os meses seguintes para corrigir os erros operacionais cometidos e estabelecer firmemente suas forças no continente.

Apenas dois dias após a invasão, em 10 de novembro de 1942, foi estabelecida a primeira seção de base norte-americana: a *Mediterranean Base Section* (MBS), aquartelada em Orã, na Argélia. Sete semanas depois, em 30 de dezembro, foi estabelecida a *Atlantic Base Section* (ABS) em Casablanca, no Marrocos – ambas subordinadas diretamente a Eisenhower.

Enquanto a ABS tinha por responsabilidade suprir a área do I Corpo Blindado, a MBS supria o II Corpo de Exército e as forças americanas anexadas ao 1º Exército Britânico. Pedidos de suprimentos pelas forças americanas eram enviados diretamente às seções de base, que além de

suprir as forças de combate, receberam também a responsabilidade de atender às necessidades dos civis, forças francesas e prisioneiros de guerra.

O Norte da África era extremamente pobre em ferrovias, com uma única linha de bitola estreita seguindo o curso do litoral, o que limitava imensamente a capacidade de carga que podia ser movida por este meio. Para contornar este problema, e com a linha de frente se tornando cada vez mais distante de Orã, em 13 de fevereiro de 1943 decidiu-se criar uma terceira seção de base, a *Eastern Base Section* (EBS), em Argel, na Argélia, 400 km a leste da MBS. Esta nova organização foi colocada sob comando do coronel Arthur Pence, oficial de engenharia formado em West Point, dono de um enérgico estilo pessoal de liderança que traduzia perfeitamente o espírito que imbuía a logística norte-americana:



Cumpram a missão. Usem todos os meios disponíveis. Improvisem se os meios tradicionais e os canais de comunicação forem inadequados. Mantenham as rodas girando, é o resultado que conta. Devemos fazer todo o possível nós mesmos sem contar com a ajuda de ninguém.

O primeiro trimestre de 1943 mostrou-se um período de extremo amadurecimento da força americana no Norte da África. Sua zona de comunicações rapidamente compreendeu as limitações do inóspito terreno em que operava, e contornou as dificuldades para criar uma máquina de guerra funcional pronta para o ataque final.

Foi percebido que arregimentar apoio da população civil e contar com sua mão-de-obra acabava liberando militares de funções secundárias para tarefas mais importantes, ampliando em muito a eficiência do setor administrativo. Novos métodos de embalagem e carregamento oti-

mizaram a capacidade de carga dos navios de suprimento, e erros observados no processo de desembarque foram revisados e eliminados.

Em abril de 1943, as forças norte-americanas e britânicas no Norte da África finalmente iniciaram sua ofensiva final contra o Eixo na Tunísia, e recuando cada vez mais para o perímetro de Túnis, italianos e alemães se renderam lá em 13 de maio. Mesmo antes de assegurar esta vitória, o alto-comando Aliado no Mediterrâneo já preparava o seu próximo passo: a invasão da ilha italiana da Sicília.

No dia 10 de julho os Aliados desembarcaram no sudeste da ilha, e integrada àquelas forças estava a 1ª Brigada Especial de Engenharia, unidade responsável por assumir o controle das praias e organizar o desembarque de suprimentos.

Na Sicília os americanos mostraram ter superado a confusão de suprimentos e prioridades



evidenciada na África, passando a carregar os navios de desembarque com suprimentos para apenas um serviço particular, com uma única prioridade por barco.

A melhora foi sensível, mas ajustes ainda precisavam ser feitos: o tamanho da área e da força de ataque era grande demais para ser controlada por uma única brigada, e fazer com que tropas de engenharia exercessem controle prolongado sobre as áreas de desembarque provou-se um equívoco. Soldados de engenharia não tinham todo o conhecimento técnico suficiente para gerir suprimentos, material bélico, transportes e operações de saúde. Um caso que evidenciou esse equívoco foi que munição de gás venenoso para a artilharia acabou sendo enviada para a linha de frente até atingir as vanguardas em Nicósia, gerando posteriormente um tremendo esforço para localizar e recolher todas aquelas caixas

antes que alguma fosse inadvertidamente utilizada.

A resistência do Eixo na Sicília, todavia, não demoraria a ceder, com o principal contingente de tropas sendo evacuado para o continente pelo Estreito de Messina. Assim sendo, foi somente depois da conclusão dos combates pela ilha, em 1 de setembro, que oficialmente foi inaugurada a *Island Base Section* (IBS) no porto de Palermo, que assumiu a responsabilidade pelo suprimento de todas as forças americanas na Sicília, bem como recolocou em serviço diversas unidades italianas de prisioneiros de guerra, que passaram a agir como tropa de apoio da logística Aliada.

A invasão da Sicília havia provocado a queda de Benito Mussolini em 25 de julho, e o controle do país foi assumido pelo marechal Pietro Badoglio, que imediatamente iniciou conversações secretas com os Aliados para retirar a Itália da guerra. Tendo



por base este acordo secreto, rapidamente foi posta em movimento a Operação Avalanche, a invasão da Itália continental pelos Aliados nas proximidades do porto de Salerno, que foi desfechada em 9 de setembro.

Pela primeira vez a força Aliada enfrentou resistência decidida na zona de desembarque, mas a experiência das operações anteriores e seu agora vasto apoio aéreo de bases no Norte da África e na Sicília foram determinantes na superação do inimigo e o perímetro de Salerno foi rapidamente assegurado.

As tropas de engenharia usadas na Sicília para gerenciar os suprimentos foram substituídas em Salerno por militares dos próprios SOS, que desembarcaram já no terceiro dia da operação para gerir a logística e estabelecer os alicerces de uma nova seção de base.

O general Arthur Pence foi movido de seu comando da EBS para a Itália, chegando a Nápoles

apenas 24 horas após a captura da cidade e seu porto, em 2 de outubro de 1943, estabelecendo lá seu novo comando: a *Peninsular Base Section* (PBS), a primeira seção de base estabelecida em solo continental europeu.

O trabalho da equipe precursora da PBS seria hercúleo, visto que os alemães haviam literalmente destruído aquele que deveria ser o principal porto logístico dos Aliados para toda a Campanha da Itália. Todo o sistema napolitano de comunicação e transporte havia sido destruído, bombas-relógio haviam sido plantadas pela cidade, seu estoque de carvão havia sido queimado, e todas as linhas férreas que se conectavam ao porto haviam sido destroçadas. Os alemães drenaram o estoque de água potável da cidade e Nápoles estava sem pão há dez dias.

Mais uma vez as experiências adquiridas nas campanhas anteriores se provaram valiosas, e priorizando o atendimento das



necessidades básicas dos civis, a população da cidade recebeu alegremente a chegada dos norte-americanos, passando a colaborar franca e abertamente com eles. A maior prioridade do momento, contudo, era a revitalização do porto.

Esperando encontrar apenas danos leves ao local, foi com horror que os primeiros americanos encararam a completa destruição do porto quando o capturaram em 1 de outubro. Os primeiros danos haviam sido feitos pelos próprios Aliados em sua campanha de bombardeio estratégico contra a Itália nos meses anteriores. Ao dano feito pelas bombas, somou-se a destruição metódica levada a cabo pelos alemães.

Durante três semanas, engenheiros alemães sistematicamente trabalharam para destruir todos os equipamentos úteis e afundar todos os navios possíveis para tornar o porto inútil para os Aliados. Dos 72 atracadouros de

Nápoles, apenas 3 restavam funcionando.

A criatividade dos alemães – que destruíram equipamentos e afundaram navios de maneira a dificultar ao máximo sua remoção – foi, contudo, pareada pela criatividade das equipes de restauração Aliadas: os canais do porto foram rapidamente limpos, e novos píeres foram construídos por cima de grandes navios submersos. Após dois dias de trabalho, o porto já podia receber cinco grandes navios de carga e oito de cabotagem; 17 dias depois, os engenheiros britânicos e americanos já haviam conseguido restaurar outros dez atracadouros.

Depois de 30 dias de trabalho, o porto de Nápoles já tinha capacidade suficiente para sustentar ambos o 5º Exército americano o 8º Exército britânico, um feito admirável. Nos seus primeiros dias de operação, 5.380 toneladas de suprimentos foram descarregadas em Nápoles; seis meses depois, esse total subira para



2.375.000 toneladas – o dobro de sua capacidade operativa em tempos de paz e quatro vezes maior que a estimativa do Departamento de Guerra.

Mesmo que o porto de Nápoles estivesse progredindo acima do esperado, no final de outubro de 1943 as autoridades Aliadas haviam reestabelecido nos arredores a operação de outros três portos menores – Bagnoli, Pozzuoli e Nizida – unicamente para receber e abrigar os vastos contingentes de tropa que chegavam ao Teatro de Operações, permitindo que Nápoles se concentrasse unicamente em suprimentos e carga.

Um sargento nova-iorquino de ascendência italiana chamado Nick Orobello, também fluente na língua local, conseguiu contratar centenas de napolitanos para força de trabalho do porto, reduzindo o tempo de descarga de um navio de carvão, que era de três semanas, para apenas quatro dias.

Notícias sobre as vantagens de se trabalhar para o porto se espalharam, e a força civil passou de 700 para 12 mil em pouco tempo. Além do pagamento em dinheiro, trabalhar para os americanos gerava uma recompensa inigualável na época: comida. Em pouco tempo, o porto passou a alimentar diariamente 20 mil refugiados além de sua própria força de trabalho. Em dezembro de 1943, a PBS provia alimentação para 200 mil americanos, 8.634 franceses, 10.100 soldados muçulmanos e 9.176 prisioneiros de guerra.

Simultaneamente ao trabalho no porto, a infraestrutura da cidade também foi reparada aceleradamente nas semanas que se seguiram à sua captura: ruas, esgotos e linhas de bondes foram desobstruídos e reparados, e a eletricidade retornou às casas através da criatividade do tenente-coronel Gilbert Cooley, da divisão elétrica da PBS, que ligou os geradores a diesel de três



submarinos italianos atracados no porto à subestação dos bondes que possuía um grande alternador, distribuindo de lá a energia elétrica para a cidade, uma ação que intensificou os laços de amizade e cooperação entre os civis e os militares.

Enquanto isso, a linha de frente se afastava do setor costeiro, e os Aliados encontraram-se cada vez mais emaranhados num infindável terreno montanhoso. Esse terreno provou-se uma carta a favor dos alemães, que através da utilização de sequenciais linhas de defesa, conseguiram reduzir o passo do avanço Aliado rumo norte.

Em terreno de montanha, a logística americana previa o deslocamento de suprimentos em caminhões até onde fosse possível, com a carga então sendo realocada em jipes para entrega aos postos de comando de companhias. A partir daí, todo e qualquer suprimento teria que ser carregado em mulas para

continuar a sinuosa subida até a linha de frente.

Analisando o sucesso da 3ª Divisão de Infantaria com o uso de mulas, o General Mark Clark, comandante do 5º Exército, ordenou à PBS que arranjasse uma ampliação imediata do número desses animais disponíveis para uso na linha de frente, chegando ao número de 1.300 deles. Em novembro, contudo, essa estimativa foi revisada para quase 10 mil animais.

Alimentar esses animais não foi tarefa simples, incluindo na conta da PBS a chegada e distribuição de 3.500 toneladas mensais de alimentação para mulas. Além disso, a seção de base teve que equipar e sustentar milhares de soldados italianos que se tornaram os encarregados de manter e conduzir os animais, dispensando os americanos desta tarefa. Com a expansão da ofensiva esses números não parariam de crescer, e em maio de 1944 a demanda por mulas chegou a



21.259 animais, com a 10^a Divisão de Montanha trazendo outros 6.000 para seu próprio uso quando chegou à Itália no final daquele ano.

As dificuldades de suprimento de unidades na linha de frente em terreno montanhoso na Itália favoreceram também o desenvolvimento de uma nova ciência: o ressurgimento aéreo. Para tanto, a *Peninsular Base Section* estabeleceu uma unidade especializada em lançamento de cargas no aeroporto de Capodichino, em Nápoles, dotada de equipamento especializado e pessoal treinado para a tarefa.

Cada carga exigia seu paracadedas específico, amarração correta e acolchoamento adequado para evitar danos, e eram então carregadas em aeronaves Douglas C-47. A típica missão de ressurgimento aéreo distribuía comida, água, remédios, combustível e munição para unidades isoladas na linha de frente.

O uso do lançamento de cargas também reduzia bastante o tempo entre a requisição e a entrega dos suprimentos, como ilustra um exemplo ocorrido em 16 de maio de 1944: uma força isolada a 30 km de sua base de apoio nas montanhas solicitou ajuda às 22:45, e sua carga foi lançada no dia seguinte às 14h, meras 16 horas depois. Se fosse atendido por meios convencionais, o mesmo pedido necessitaria de dois dias e 500 mulas para chegar.

No primeiro trimestre de 1944 o avanço Aliado havia sido estancado na Itália: o contingente principal de tropa estava detido diante da Linha Gustav em Monte Cassino, e desembarque anfíbio em Anzio, ao sul de Roma, realizado em 22 de janeiro com o objetivo de desestabilizar a retaguarda alemã, estava imobilizado no perímetro da praia. Mas ao contrário da linha de frente, o trabalho da PBS continuava em constante desenvolvimento.



Em 27 de março o general Pence entregou o comando por razões de saúde para o General Art Wilson, que havia comandado anteriormente a *Atlantic Base Section*. Wilson coordenou a vasta expansão do aparato de bombardeio estratégico na Itália, com o estabelecimento da 12ª e da 15ª Força Aérea no país.

Enquanto a 12ª Força Aérea, baseada em Foggia, daria apoio aéreo direto ao 5º Exército em sua ofensiva, a 15ª Força Aérea era uma força estratégica que deveria levar a cabo o bombardeio de alvos alemães no sul da Europa, estabelecendo-se em Bari.

Bari era uma cidade portuária localizada no Mar Adriático e, portanto, em território controlado pelo 8º Exército britânico, mas também era geograficamente a melhor localização para lançar ataques estratégicos contra alvos inimigos nos Bálcãs, Áustria e principalmente contra o complexo petrolífero romeno.

Assim sendo, a PBS teve que estabelecer uma ramificação em Bari, que atendia prioritariamente as demandas da força aérea, mas que acabou sustentando todas as unidades americanas no Adriático, incluindo o *Office of Strategic Services*, a OSS – precursora da CIA – em suas operações de apoio aos guerrilheiros iugoslavos.

A ruptura do perímetro de Anzio pelos americanos em maio levou à queda de Monte Cassino, resultando no desmoronamento da posição alemã na Linha Gustav. Os Aliados então partiram em perseguição, finalmente capturando Roma em 4 de junho de 1944. O avanço continuado das semanas seguintes, todavia, provou que Nápoles estava ficando para trás muito rápido, alongando perigosamente as linhas de suprimento do 5º Exército. Era necessário estabelecer um porto mais próximo do combate.

A cidade de Civitavecchia, 240 km a norte de Nápoles, foi



capturada em 8 de junho e seu pequeno porto começou imediatamente a ser revitalizado para uso pelos americanos, e o mesmo ocorreu com o porto de Piombino, 160 km a norte de Civitavecchia, capturado em 25 de junho. Esses dois portos, todavia, eram muito diminutos para o tamanho das necessidades do avanço, e um porto de grande porte continuava ser necessário.

A solução foi encontrada em Livorno, localizada a 480 km a norte de Nápoles, capturada pela 36ª Divisão de Infantaria em 19 de julho. Seu amplo porto, igualmente demolido pelos alemães, foi igualmente revitalizado com extrema agilidade pela PBS, que teve que remover 25 mil minas do local e reparar virtualmente todos os guindastes e outros equipamentos.

Livorno podia receber simultaneamente onze grandes navios de carga classe Liberty, seis cargueiros menores e um petroleiro. Sua capacidade sema-

nal cresceu para 45.328 toneladas de suprimentos em setembro, e o porto estava localizado a apenas 50 km de distância da nova frente de batalha na Linha Gótica, acima dos Montes Apeninos. A partir do fim de novembro, todos os comboios de suprimento para o 5º Exército seguiam diretamente para Livorno, que se tornou a nova base de operações da PBS.

Foi neste íterim que começou a desembarcar em Nápoles a Força Expedicionária Brasileira, cujo primeiro escalão chegou à Itália em 16 de julho de 1944. Devido à ainda indisponibilidade de um porto adequado mais a norte, os cinco mil militares brasileiros foram transferidos para a frente em composições ferroviárias e caminhões, até atingirem sua área de acampamento nos arredores de Pisa.

Os escalões seguintes, que desembarcaram em Nápoles a partir de 6 de outubro, foram transferidos para Livorno por



mar, em barcos de desembarque de infantaria, para otimizar a cadeia logística.

A 1ª Divisão de Infantaria Brasileira, tendo chegado antes da transferência de base, coletaria todo o seu material inicial dos depósitos em Nápoles, mas foi também a partir de novembro ressuprida a partir de Livorno.

O estabelecimento da nova base da PBS em Livorno encurtou e otimizou as linhas de suprimento brasileiras a partir do inverno de 1944 para 1945, visto que se encontrava a apenas 25 km do Depósito de Pessoal em San Rossore e a 120 km do quartel-general da divisão em Porreta Terme.

As forças Aliadas na Itália haviam perdido mais de 100 mil homens que foram realocados para a nova frente de batalha do sul da França aberta em agosto de 1944, e com a alta demanda de embarcações de desembarque em outros locais, os comandantes na Itália chegaram à conclu-

são de que não teriam condições de realizar uma operação anfíbia para contornar a Linha Gótica. O avanço Aliado teria que ser detido pelo inverno, enquanto a PBS se encarregava de suprir as desgastadas divisões para um ataque final no ano seguinte.

Nos últimos dias do inverno, entre 12 de fevereiro e 27 de março de 1945, foi realizado o reparo de 70 km de linha férrea que haviam destruídas pelos alemães em seu recuo, ligando Livorno aos Apeninos, ampliando consideravelmente a capacidade logística dos Aliados, que foi primordial para suprir a Ofensiva da Primavera, iniciada em 14 de abril.

Esta ofensiva destruiu as últimas posições alemãs nas montanhas e jogou-os no terreno plano do Vale do Rio Pó, onde foram ferozmente perseguidos em solo e fustigados por ar pela aviação Aliada.

Mesmo que a PBS tivesse estendido a linha de combustível a



até 3 km da linha de frente em Bolonha, o avanço foi tão rápido que algumas unidades sofreram com falta momentânea de suprimentos, mas esses gargalos foram rapidamente resolvidos por decisões acertadas do alto-comando. Nos últimos dias de abril a situação era não menos que caótica para os remanescentes do Eixo na Itália, e uma rendição final acabou sendo assinada, entrando em vigor em 2 de maio de 1945.

A conclusão das hostilidades fez com que a imensa maioria dos comboios fosse impedido de desembarcar o que agora eram “suprimentos não essenciais” nos portos da PBS. Ao todo, nos dias imediatos após a rendição, 16 cargueiros retornaram aos Estados Unidos sem desembarcar sua carga após chegarem à Itália.

Ao mesmo tempo tropas administrativas portuárias e de intendência tiveram sua transferência imediatamente ordenada para o Teatro de Operações do

Pacífico, onde a guerra contra o Japão continuava. Este fato causou uma repentina queda na disponibilidade de mão-de-obra especializada para a PBS, que teve que recorrer à reabilitação de 4.500 prisioneiros de guerra alemães para preencher as lacunas, incluindo 1.000 alemães como motoristas de caminhão.

No começo do mês de julho foi concluída a restauração da linha ferroviária que ligava Bolonha ao Passo do Brenner, ligando pela primeira vez a toda a Itália à Europa ao norte dos Alpes pela primeira vez desde 1943. Esta obra permitiu a aceleração da repatriação de militares americanos e britânicos, bem como de prisioneiros alemães.

A repatriação de militares também foi acelerada pelos portos de Livorno e Nápoles naquele mês de julho, totalizando quase 55 mil homens, que incluíam os primeiros elementos da Força Expedicionária Brasileira a retornar ao Brasil.



A rendição japonesa em agosto interrompeu bruscamente a transferência de tropas para o Pacífico e acelerou de forma extraordinária a demanda por repatriação por mar, que atingiu seu ápice naquele mesmo mês, com 92 mil passageiros embarcados, 84 mil dos quais para os Estados Unidos. A demanda por navios foi tamanha que as autoridades colocaram naquele serviço quaisquer embarcações disponíveis, incluindo navios-hospital, transatlânticos italianos e diversos cargueiros convertidos.

Carregar passageiros acima da capacidade projetada do navio tornou-se uma regra, com os da classe Liberty levando até 30% a mais. O recorde foi estabelecido pelo USS *Wakefield*, que partiu de Nápoles para Nova Iorque com 8.227 passageiros a bordo, atestando que a pressa de estar em casa compensava o sacrifício de uma viagem confortável.

Em setembro de 1945 o grosso do 5º Exército já havia deixado a Itália, e justamente naquele mês retornaram ao Brasil os últimos elementos da FEB. As atribuições da *Peninsular Base Section* passaram a basicamente ao controle de transporte, e no final do ano todas as operações foram unificadas sob o comando do coronel John Cobb, que até então chefiava o porto de Livorno.

Em meados de 1946, o que restou da PBS foi reduzido a um pequeno grupo supervisorio de linhas férreas, que controlou operações ferroviárias para as forças de ocupação na Itália até novembro de 1947, quando finalmente foi desativado.

BIBLIOGRAFIA

BYKOFISKY, Joseph; LARSON, Harold. *The Transportation Corps: operations overseas*. Washington: Center of Military History US Army, 1957.



DWORAK, David. *War of Supply: World War II Allied logistics in the Mediterranean*. Lexington: University Press of Kentucky, 2022.

RISCH, Erna. *The Quartermaster Corps: organization, supply and services*, v. I. Washington: Center of Military History US Army, 1995.

Observadores militares brasileiros e a preparação da FEB

Giovanni Latfalla

INTRODUÇÃO

Pouco após o encontro de Natal entre Vargas e Roosevelt, ocorrido em janeiro de 1943, o Ministro da Guerra, general Dutra recebeu a visita do general norte-americano Robert Walsh¹, que havia estado presente ao encontro dos dois presidentes, e este perguntou-lhe se o ministro sabia do interesse do governo dos EUA para que o Brasil enviasse uma missão militar de observação para o norte da África. De acordo com McCann², a ideia do envio de uma missão de observadores militares foi do general Walsh. Dutra disse que sabia deste interesse tendo em vista haver recebido um telegrama do

embaixador brasileiro naquele país, e que estava tomando as devidas providências³.

O Brasil acabou por enviar uma missão chefiada pelo tenente-coronel Aurélio de Lyra Tavares, ao QG das Forças Francesas e do V Exército dos EUA. Os majores Hugo Panasco Alvim e Pedro Costa Leite atuaram junto aos franceses, e o TC Lyra Tavares, e o seu adjunto, o capitão Antônio Henrique Almeida de Moraes, além de dois oficiais aviadores, o major Victor Barcelos e o capitão Pinto de Moura, atuaram junto aos norte-americanos. A viagem para a missão teve início no dia 27 de março de 1943⁴.

A missão que nos foi confiada, através de Nota Confidencial do Ministro da Guerra, com data de 03 de março de 1943,



abrangia o estudo geral do Teatro de Operações da África do Norte, particularmente quanto ao clima, condições de vida, uniformes da tropa, comportamento da população civil com relação a guerra e hábitos dos nativos, além dos aspectos técnicos da organização do Exército norte-americano, armamento, equipamentos, instrução, processos de combate e outros aspectos de natureza militar. Devíamos considerar as hipóteses de a FEB operar na África do Norte ou na Itália, o que iria depender da evolução dos acontecimentos⁵.

AS MISSÕES DOS OBSERVADORES MILITARES BRASILEIROS

A missão junto aos franceses teve início no princípio de abril, e os observadores relataram as dificuldades na remessa da correspondência ao Brasil. Durante os contatos eles foram informados que o efetivo do exército francês no norte da África, na

aquele momento, era de cerca de 50.000 mil soldados, com a previsão de chegar a 300.000, após receber o equipamento bélico dos EUA. Os observadores verificaram as condições climáticas da região e a inadequação dos uniformes brasileiros.⁶

Em nossas pesquisas no Arquivo Histórico do Exército⁷, em 2015, encontramos também dois relatórios assinados pelo tenente-coronel Lyra Tavares e pelo capitão Almeida de Moraes. O primeiro relatório era mais sucinto, tendo sido escrito pouco após a chegada ao norte da África, com detalhes da viagem desde o Brasil. Consideramos importante que os observadores relataram que foram interrogados nos QGs dos generais Eisenhower e Mark Clark quanto ao tempo provável da permanência naquela região. Isso seria novamente citado no outro relatório⁸.

O segundo relatório era maior e dividido em quatro partes:⁹

I – Caráter da nossa missão.



II – O General Clark

III – A participação ativa do Brasil: A – Medidas de organização necessárias; B – O problema dos reabastecimentos; C – O aspecto político.

IV – A situação dos observadores militares junto aos franceses.

Já no caráter da missão os dois militares relataram que apesar de se encontrarem na situação de “observadores militares”, eles foram recebidos como “visitantes”. Acreditavam que a missão seria por tempo indeterminado, sem prazo fixado, mas plotaram também que desde o primeiro contato com os militares norte-americanos, estes demonstravam grande insistência em saber quando retornariam. Os dois foram informados que acompanhariam as atividades do V Exército dos Estados Unidos, estacionado no Marrocos francês. No decorrer das suas atividades junto a esta grande unidade, fo-

ram informados também que a missão seria limitada a 5 ou 6 semanas.¹⁰

Os observadores elogiaram os contatos que tiveram com o general Mark Clark, sempre educado e simpático, e relataram que o mesmo exprimiu por duas vezes, o seu desejo de contar com o contingente brasileiro expedicionário, e que só depois de sua chegada, consideraria o seu exército completo.

Em uma parte do relatório, os militares teceram considerações sobre uma participação mais ativa do Brasil no conflito, e indicaram algumas medidas de organização. Começaram relatando que a guerra era totalmente mecanizada; a seguir enfatizaram a necessária a preparação dos quadros, com um período intensivo de treinamento, além de lembrarem da importância da tropa ter boas condições de saúde para a sua utilização naquele ambiente:

O problema é difícil porque o brasileiro não é, por índole, como o americano, afeito ao



trato de problemas técnicos, e, do pequeno contingente que é possível recrutar-se em boas condições, é necessário exigir-se um estado de saúde capaz de resistir, sem grave ônus, ao clima e as condições de vida de uma região muito rebelde, como a da África ¹¹.

Outro ponto que chamou que atenção dos observadores foi a respeito da má qualidade os uniformes brasileiros (não seria a única vez que o comando do Exército foi alertado quanto a isso), que causaria muitos problemas para a tropa brasileira. No período do início da missão, março de 1943, o inverno no norte da África já havia terminado:

3 - O nosso tipo de uniforme terá que ser revisto completamente, porque ele não atende, em absoluto, as condições atuais da guerra, no que é tudo é preciso fazer-se e se faz em benefício do fator humano¹².

No relatório também foi abordada a questão da prepara-

ção moral da tropa para o emprego em outro continente:

[...] o sentimentalismo brasileiro, provavelmente, reagirá muito contra as condições da guerra extracontinental e, quando menos, será necessária e urgente uma intensa e cuidadosa preparação moral e espiritual, a ser iniciada tão cedo quanto possível, para evitar-se uma perturbação perniciosa e de grande repercussão, no ânimo dos homens que partem e das famílias que ficam¹³.

A seguir, outra questão foi levantada pelos observadores: o problema dos reabastecimentos:

Muito mais importante de que o problema do equipamento e aparelhamento iniciais de uma Força Expedicionária, que comporta soluções razoáveis, é o dos seus reaprovisionamentos em território estrangeiro¹⁴.

Eles escreveram que tudo era fornecido pelos EUA aos militares e civis franceses, mesmo em



território francês, como era o caso do Marrocos. Tudo ficava na dependência do governo dos EUA.

Um Comando Brasileiro, muito mais que os chefes franceses, ficará privado, nesse sentido, de qualquer iniciativa, e a sua ação moral sobre a tropa dependerá mais dos recursos que puder receber, do que da ação própria visando obedecer às ordens do Governo Brasileiro. Ninguém come nem dorme, nem veste, nem se trata, atualmente na África do Norte, se não dispuser de Esquadra e Aviação próprias e eficientes ou não contar com o auxílio imprescindível do Governo Americano, que terá que suprir, com prioridade, os seus próprios Exércitos ¹⁵.

No relatório também consta a informação de que 300 mil soldados franceses estavam aguardando equipamento para a formação de grandes unidades.

Pode-se entender pelo relato até aqui, sobre problemas

futuros para a formação da FEB, como treinamento, aprovisionamento de equipamentos e suprimentos, todos dependentes do fornecimento pelos EUA, além de detalhes como a má qualidade do fardamento brasileiro.

Outra parte importante do relatório está relacionada a visão do ponto de vista político que eles tiveram como a FEB seria utilizada no norte da África¹⁶. Eles chegaram à conclusão que a intervenção brasileira seria com pequenas unidades, como escreveram no relatório, tendo em visto suas observações, que a FEB poderia ser utilizada na região marroquina¹⁷, uma opinião similar àquela já apresentada anteriormente pelo Brigadeiro Eduardo Gomes, que também visitara a região, tendo este retornado em 11 de abril de 1943.

A outra missão do então major Almeida de Moraes, foi relatada em um livro, publicado em 1953, com o título *No Teatro do Mediterrâneo. Diário de um Ob-*



servador Militar Brasileiro (Dezembro de 1943 a Julho de 1944).

A obra é um diário do seu dia-a-dia no cumprimento de suas atividades. Antes de começar sua missão, o major fez parte da comitiva chefiada pelo general Mascarenhas de Moraes, composta de oficiais e de um grupo de observadores militares, que esteve no norte da África e Itália.

Após uns dias no norte da África, toda a comitiva foi para a Itália, até a cidade de Nápoles, onde visitaram unidades do Exército dos Estados Unidos, sendo recebidos pelo general Mark Clark, que expôs as operações que aconteciam naquela oportunidade na sua frente de combate. No dia 23 de dezembro de 1943, a comitiva do general Mascarenhas retornou para o Brasil, ficando apenas alguns militares brasileiros como observadores.

A MISSÃO DO MAJOR ALMEIDA DE MORAES

O major Moraes recebeu ordens do general Mascarenhas de Moraes, e deveria cumprir a missão de reconhecimento e, posteriormente, as suas observações deveriam ser entregues ao major Sena Campos, que também participava da comitiva citada anteriormente, ou enviados diretamente ao general Dutra¹⁸.

Os assuntos a serem respondidos eram os seguintes:

a) - Condições geográficas das regiões prováveis de estacionamento: aspectos físicos; clima; recursos locais; condições de vida das populações; costumes; moeda; meios de transporte; vias e comunicação; ligações com o exterior, etc.;

b) - Cartas das regiões de estacionamento; cartas dos teatros prováveis de emprego da tropa;

c) - Quadros de organização das G.U. inimigas;



d) – Gravuras ou estampas de uniformes das tropas inimigas e dos Exércitos Aliados, com insígnias e outros distintivos;

e) - Campos de Instrução: dimensões e características dos terrenos destinados à instrução; possibilidades de tiros de artilharia e infantaria; possibilidades com relação a instrução motomecanizada; existência de um curso d'água e suas características; material de instrução existente (alvos, instalações diversas, meios para educação física e aplicações militares, etc.);

f) - Indicações quanto a defesa antiaérea da D.I. e dos diversos elementos de reforço, em sua vida no teatro de operações;

g) - Como será encarada a aclimação da D.I., no teatro de operações e como se processará esta fase.

O major e mais outros três oficiais brasileiros permaneceram no norte da África, junto às tropas dos Estados Unidos, com as seguintes atribuições¹⁹.

– o TC Médico Emanuel Marques Porto, para os assuntos relacionados ao Serviço de Saúde; o TC Sebastião de Carvalho, para as questões relacionadas ao Serviço de Intendência; o Major Luiz Gomes Pinheiro, para as questões relacionadas a 1ª e 4ª Seções; o Major Almeida de Moraes, para as questões pertinentes a 2ª e 3ª Seções.

Almeida de Moraes fez uma narrativa de sua atuação como observador junto as unidades norte-americanas em boa parte do seu livro. Ele também observou a atuação de tropas francesas que lutavam no front italiano. Acompanhou combates em batalhas violentas como Ânzio e Monte Cassino. Suas observações perduraram de 23 de dezembro de 1943, a 24 de março de 1944²⁰.

Consideramos importante uma observação feita pelo major, na data de 10 de fevereiro de 1944, relacionada ao caráter acidentado do terreno, as chuvas



continuadas e o frio intenso, e suas repercussões junto aos soldados, e que a FEB teria que enfrentar. Nos contatos com o oficial médico brasileiro, coronel Marques Porto, ele teve conhecimento dos problemas trazidos pelo pé gelado e neurose de guerra, e a respeito dos uniformes brasileiros:

O problema dos uniformes constitui outro ponto de grande importância, pois os que trouxe do Brasil, comigo, não ofereceram proteção alguma contra os ventos gelados da Itália. No meu último relatório, salientei, com ênfase, todos estes pontos capitais. Não desejo salvar responsabilidades, mas agir, efetivamente, no sentido de preservar a nossa Força Expedicionária contra esses inconvenientes²¹.

No dia 23 de março de 1944, os oficiais brasileiros receberam orientações para se deslocarem para Argel no norte da África,

com o objetivo de prepararem o estacionamento para a FEB²².

Em abril, veio uma ordem do general inglês Wilson, Comandante das Forças Aliadas do Mediterrâneo, para Almeida de Moraes se deslocar para Oran e fazer um estágio de quatro semanas na base norte-americana²³.

Ao chegar em 5 de abril, Almeida de Moraes, apresentou-se ao comandante norte-americano, general Kingman, Chefe da Comissão Mista de Armamento, que, aparentemente, não tinha conhecimento oficial da chegada da FEB. Em sua conversa com o general, Almeida de Moraes, observou que o general e sua equipe de instrutores, estavam em condições de prestar apreciável assistência técnica as tropas brasileiras. Entretanto, ele nada pode dizer quanto ao local do estacionamento da FEB, pois desconhecia a palavra oficial sobre o assunto²⁴.

Dois dias após a apresentação, o major brasileiro, visitou o cam-



po de instrução de Chanzy, 120 km ao sul de Oran, local destinado ao treinamento de unidades dos EUA, e que possuía a capacidade para receber três divisões de infantaria. Um dia depois, foi realizada uma visita a área de estacionamento intermediário, localizada a 10 km do porto de Oran, sendo este o local onde as tropas se dirigem após o desembarque, e também recebem o material²⁵.

Almeida de Moraes detalhou como foi realizada a assistência técnica feita pelos norte-americanos junto às unidades francesas, após a criação de uma Comissão Mista de Rearmamento, que organizou vários centros de instrução, ministraram cursos de Motomecanização, Material Bélico, Engenharia, Artilharia de Campanha, Artilharia Antiaérea, Guerra Química, Transmissões e Saúde. O militar brasileiro especificou no relatório, de maneira detalhada, o funcionamento de todos eles²⁶.

Estes cursos teriam sido muito importantes para o treinamento da FEB, antes da entrada em combate. A seguir, citaremos, por exemplo, o que o major observou sobre os cursos da escola de Motomecanização e de Material Bélico:

A experiência com os franceses mostrou a necessidade de maior desenvolvimento na parte de motores, pois, de início, houve grande desperdício de material motivado pela deficiência de conhecimentos técnicos dos instruídos.

O curso de direção de automóveis tem a duração de 10 dias, com turmas de 40 alunos (20 oficiais e 20 praças). Para isso foram necessários 10 instrutores norte-americanos e 10 intérpretes.

O curso de mecânicos de 2º escalão funciona com turmas de 7 alunos, sendo necessários 3 instrutores e 3 intérpretes, com a duração de 3 semanas²⁷.

Na Itália, o general Mascarenhas de Moraes²⁸ criticou os motoristas da tropa brasileira.



Na FEB, a escola de motoristas só funcionou a partir de 26 de agosto de 1944.

O major Almeida de Moraes²⁹ ainda escreveu sobre o seu estágio na 9ª Divisão de Infantaria Colonial da França, estacionada em Inkerman, na Argélia, iniciado em 17 de abril de 1944. Esta unidade estava organizada no modelo norte-americano, e havia sido reunida em julho de 1943, e recebido o seu material em outubro e novembro daquele mesmo ano. Uma das suas maiores dificuldades foi com relação a formação de motoristas devido ao baixo nível de instrução de seus membros.

E fez uma observação importante a respeito da demora da entrega de material e sobre o não recebimento de fuzis *Garand* pelos franceses, o que também viria a ocorrer com a FEB.

Tive oportunidade de visitar Unidades de todas as armas, em fase de intensa preparação para operações no conti-

nente europeu. Em algumas, houve certa demora na entrega do material, havendo, mesmo, falta de material em outras, decorrência dos torpedeamentos no Atlântico. Não foram recebidos fuzis "*Garand*" e parte das viaturas do Batalhão de Saúde. Nessa última unidade, uma das Companhias de Evacuação de feridos está constituída de mulheres³⁰.

Almeida de Moraes retornou para Oran no início de maio, e no dia 11, anotou em seu diário:

Fui chamado, hoje, ao Quartel General Aliado, sendo recebido pelo general Foster (norte-americano), que me comunicou haver recebido de Washington um telegrama anunciando a próxima chegada da FEB, em dois escalões. O primeiro constituído de um Grupoamento Tático (reforçado), em meados de julho, e, o segundo, com o restante da Divisão, no decorrer do mês de outubro, tudo de acordo com as disponibilidades de transporte. Recomendou-me que se tratava de um documento ultrassecreto ("Top Secret") e,



assim deveríamos manter o máximo sigilo. Em seguida, formulou perguntas sobre o grau de treinamento da tropa brasileira, declarando que outros oficiais daquela seção deveriam entrar em contato comigo, a fim de estabelecer um plano de instrução para a nossa Divisão. Perguntei como seria recebido o material para a Divisão brasileira e onde ela deveria estacionar, para completar a instrução. Respondeu que nenhuma indicação podia dar-me, uma vez que a respeito ainda estava aguardando instruções complementares de Washington.

Tal comunicação, embora sem pormenores que permitissem providências mais firmes, encheu-nos de satisfação, pois a partir daquele momento iríamos trabalhar mais objetivamente, aplicando as observações e ensinamentos colhidos na Itália, e, agora, nas próprias Unidades e Escolas existentes na África do Norte. Fui também procurado pelo Tenente-Coronel Clark (norte-americano), da 3ª Seção do Q.G Aliado a fim de tratar de assuntos relativos a instrução da FEB. Ficou então assenta-

do que a Divisão brasileira teria a sua instrução completada nos mesmos moldes das suas congêneres francesas e norte-americanas que haviam passado pela África do Norte³¹.

Faltando menos de dois meses para o embarque da FEB, que ocorreria em 2 de julho de 1944, tudo se encaminhava para um período de treinamento da mesma no norte da África. Observa-se a postura ativa dos militares dos EUA em tomarem as devidas providências para que a FEB tivesse as mesmas condições de treinamento que as unidades francesas e norte-americanas tiveram anteriormente.

Achamos pertinente informar uma anotação do major Almeida de Moraes, do dia 3 de maio de 1944:

Embarcou para o Brasil, hoje, a chamado do Ministro da Guerra, o nosso companheiro de Missão, Major Luiz Gomes Pinheiro, que vai transmitir suas observações pessoais e



as dos demais companheiros sobre o que temos visto, a fim de que possam, elas, ser úteis à preparação da FEB³².

Em 22 de maio, o major Moraes solicitou e conseguiu uma autorização para fazer um estágio na 91ª Divisão dos EUA que iniciava o seu treinamento naquele local. Ele detalhou as diretrizes para a instrução da citada unidade: 1- Objetivos; 2- generalidades; 3- Pormenores do treinamento; 4- Escolas; 5- Programas e zonas de treinamento. Este completamento de instrução da 91ª DI durou de meados de maio até o dia 3 de junho de 1944, culminando com um exercício de desembarque no dia 11 de junho³³.

Podemos observar aqui que além do treinamento em território dos Estados Unidos, a 91ª Divisão de Infantaria, teve instruções no norte da África. Supõe-se que algo de semelhante seria feito com a FEB, se a mesma

se dirigisse para aquela região para treinamento.

De acordo com as anotações de Almeida de Moraes³⁴ o major Harold Russo chegou ao quartel do V Exército, vindo do Brasil, na noite de 23 de março de 1944, “com novas instruções para os oficiais brasileiros”. Estas novas instruções não foram explicitadas pelo major brasileiro. No dia 28 de março, o major Russo acompanhou o TC Dr Marques Porto e os majores Luiz Gomes Pinheiro e Almeida de Moraes na viagem para o Alger, no norte da África, onde todos ficaram adidos ao Quartel das Forças Aliadas, no Mediterrâneo, como observadores militares³⁵.

Em 22 de junho, dez dias antes do embarque da FEB, ele anotou:

Desde a chegada do Cel. Paca, estamos em ativa ligação com o Comando Aliado do Mediterrâneo, em particular, a Base Norte-Americana, a fim de preparar a chegada da FEB.



Tivemos, hoje, uma reunião, com o Ten.Cel Shaw (norte-americano), na qual foi discutido o programa de treinamento da Divisão Brasileira. Esse oficial integra o E. Maior do Gen. Kingman, Chefe da Comissão Mista de Rearmamento, que orientou a instrução das Divisões Francesas organizadas na África do Norte³⁶.

Faltando poucos dias para o embarque da FEB, os preparativos para a sua chegada para treinamento no norte da África continuavam acontecendo. Aqui observa-se que os militares dos EUA, no norte da África, também nada sabiam sobre o que de fato ocorreria com a FEB. Tudo estava sendo discutido entre militares brasileiros e norte-americanos, no sentido de receber a FEB para treinamento, após o embarque no Rio de Janeiro.

A CHEGADA DA FEB

No dia 2 de julho de 1944, o primeiro escalão da FEB embar-

cou, não para o norte da África, e sim para a Itália. Além dos norte-americanos, somente o general Mascarenhas de Moraes sabia o destino da FEB:

A operação de embarque foi revestida de grande sigilo, como defesa natural contra a preparação de qualquer ataque da aviação, ou de submarinos inimigos, durante o trajeto. A bordo, era eu a única pessoa a saber o nosso porto de destino: Nápoles. O general Kroner, antes do embarque, fez-me essa comunicação secreta, que nesse caráter guardei³⁷.

Em 5 de julho de 1944:

Em virtude de ordem superior nos deslocamos, hoje, via aérea, de Argel para Nápoles. É que ficou decidido pelo Comando Aliado do Mediterrâneo que a Divisão Brasileira deveria desembarcar em Nápoles, a fim de completar seu treinamento na Itália, ao invés de fazê-lo na África do Norte, como fora projetado inicialmente. Nada justificava, de fato, o seu desembarque na



África do Norte, quando as forças aliadas, na Itália, já se encontravam ao norte de Roma, em fase de perseguição aos alemães³⁸.

Fica claro aqui que no dia do embarque da FEB, 2 de julho de 1944, militares brasileiros e norte-americanos estavam aguardando a ida do 1º escalão para o norte da África, e não para o front italiano. Almeida de Moraes teria, a partir desta data, 5 de julho, apenas nove dias para organizar a recepção da FEB em um local não previsto.

Sobre o destino da FEB, McCann³⁹ afirmou, sem apresentar a fonte:

No deslocamento do Rio, o comando aliado modificou a destinação do Norte da África, onde havia depósitos de equipamentos e áreas de treinamento, para o Sul da Itália, onde não havia nada disponível. A FEB não dispunha de material de cozinha, acampamento e bivaque, armas e viaturas; em síntese: de coisa alguma que fosse necessária a

uma existência independente. O comando norte-americano não preparou uma área inicial de bivaque. A primeira noite da FEB na Itália foi desabrigada e tiritante numa zona de estacionamento, localizada na cratera poeirenta do extinto vulcão Astronia. O moral despencava a cada momento e também a lembrança da hostilidade com que a população de Nápoles os recebera. Deslocando-se desarmados e em uniformes verde-oliva, foram tomados por prisioneiros nazistas. A recepção que tiveram estava longe de ser grandiosa.

Silva⁴⁰ afirma que em uma entrevista, Adolf Berle Júnior, ex-membro do Departamento de Estado e Conselheiro presidencial, afirmou que partira do presidente do EUA, Franklin Delano Roosevelt, a ordem para a FEB ir diretamente para a Itália, e não para o norte da África.

Retornando ao relato do major Almeida de Moraes, em 6 de julho, já em Nápoles, os militares brasileiros iniciaram os contatos



com os norte-americanos para preparar a recepção da FEB. Somente no dia 10 de julho ele foi informado que o general Mascarenhas de Moraes e parte do seu Estado-Maior, vinham com o 1º escalão da FEB⁴¹.

Em contato com a base de abastecimento norte-americana (PBS: *peninsular base section*) responsável pela área da Itália, observou que ela estava muito preocupada em abastecer o VII Exército, destinado a invasão do sul da França, em detrimento ao V Exército, que atuava ao norte de Roma, e ao qual a FEB ficaria subordinada. Ele supôs que a FEB seria prejudicada no recebimento de meios já previstos⁴². Não estaria enganado.

No dia 8 de julho, ele e oficiais da PBS fizeram um reconhecimento das áreas onde unidades que chegavam ficavam estacionadas, objetivando escolher a melhor possível para a FEB, sendo que a de nº 3 em Bagnoli escolhida. Ordens foram dadas no

sentido de que o campo fosse preparado, ocorrendo a seguinte situação:

Quanto às barracas para praças e demais peças de equipamento individual, deixamos de aceitar o oferecimento, porque a notícia que havíamos recebido do Brasil era que a tropa da FEB vinha provida deste material⁴³.

Infelizmente, a informação não era verdadeira. Os brasileiros da missão, na chegada da FEB, quando foram cumprimentar os generais Mascarenhas e Zenóbio da Costa, ficaram sabendo que a tropa não havia trazido barracas de campanha⁴⁴: a FEB ficaria ao relento. E não foi só isso:

Ainda no dia 08 de julho, ele esteve no órgão de transporte da PBS, onde ficou estabelecido que deveríamos receber o mesmo número de viaturas normalmente atribuído as unidades de efetivos semelhantes, norte-americanas, quando chegamos a Itália. Nessa



ocasião, pleiteamos um reforço, dada a situação especial do escalão de forças em causa. A despeito da boa receptividade da nossa proposta, foi nos declarado que a prioridade para a organização do VII Exército acarretara a absorção de todos os meios disponíveis de transporte, mesmo os mantidos em reserva. Combinou-se, então, que os meios em apreço seriam recebidos com os respectivos motoristas, na véspera da chegada da FEB⁴⁵.

No dia 16 de julho, os brasileiros foram informados que o número de viaturas destinadas à FEB seria ainda menor, devido ao cumprimento de ordens superiores. De acordo com Moraes⁴⁶, um comboio com apenas 24 viaturas seguiu para Bagnoli. Um número minúsculo, para não dizer, insignificante. O autor não especificou quais eram estas 24 viaturas: seriam Jeeps, caminhões ou meia-lagartas? O efetivo do 1º escalão era de 5.075 homens, com 304 oficiais. Não vieram

viaturas no navio. Uma brigada sem armas e viaturas. Esta miséria de material era uma situação muito diferente da encontrada pelos observadores militares no norte da África, e expostas nos relatórios enviados ao Brasil.

E o resultado da tropa sem viaturas, armas e com fardas inadequadas foi:

Para alcançar a zona de estacionamento, a tropa percorreu 25 km, parte de trem, parte a pé. Os oito quilômetros, do cais do porto a estação ferroviária, a pé, foram feitos em meio a curiosidade popular que nada tinha de simpática. E como a tropa estava desarmada e desequipada, com a fisionomia macambúzia e assustada, muitos populares indagavam: são prisioneiros?⁴⁷

Em suas pesquisas no *National Archives II*, nos EUA, Oliveira⁴⁸ encontrou uma fonte em que militares norte-americanos criticavam fortemente as condições em que a tropa da FEB chegou na Itália, sem passar por um trei-



namento adequado. Eles não sabiam que a ordem de embarque para a Itália veio de Washington.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envio da FEB para o front não ocorreu da maneira mais correta. Em nossa opinião, ela deveria ter sido treinada e equipada, no norte da África, conforme estava sendo planejado. Os cursos ministrados para as unidades francesas seriam muito úteis para a tropa brasileira. O embarque para a Itália foi uma determinação dos EUA. Muitos problemas que ocorreram na Itália poderiam ter sido evitados, como por exemplo, a constrangedora reunião do Comando da FEB com o general norte americano da PBS, em solo italiano, citada em um livro pelo marechal Brayner.

A atuação dos observadores militares brasileiros foi impor-

tante, pois, foram fornecidas valiosas informações que, infelizmente, não foram levadas em consideração pelo Ministério da Guerra. Algumas delas devem ser citadas como: a total dependência dos EUA, no recebimento de equipamentos e suprimentos; as más condições dos uniformes brasileiros; a possibilidade de não receber os modernos fuzis *Garand*; o descumprimento de acordos por parte dos EUA, além da informação de que 300.000 franceses, 25 vezes o efetivo da FEB, esperavam para serem equipados pelos EUA. Os militares brasileiros, após meses de observação no norte da África, tiveram apenas nove dias para organizar a recepção da FEB.

FONTES - ARQUIVO HISTORICO DO EXÉRCITO (AHEx)

Dos observadores junto ao Q.G. do general Giraud ao Exmo Sr. Ministro da Guerra. Secreto. Ar-



gel, 03-04-1943. AHEX. Documentos da Guerra 1943/1945.

Dos Observadores Militares junto ao Exército Americano na África do Norte ao Exmo Sr. General de Divisão Ministro da Guerra. Assunto: Relatório. Oujda (Marrocos Francês). Quartel General do V Exército dos EUA no norte da África. AHEX. Documentos da Guerra 1943/1945.

BIBLIOGRAFIA

BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968.

LATFALLA, Giovanni. *Segunda Guerra Mundial: propostas para o emprego de tropas do Brasil*. Juiz de Fora: Editar, 2022.

LEITE, Mauro Renault; JÚNIOR, Novelli. *Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

McCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*. Rio de

Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

McCANN, Frank D. *Brazil and United States during World War II and its Aftermath: negotiating alliance and balancing giants*. New Hampshire: University of New Hampshire, 2018.

MORAES, Antônio Henrique Almeida de. *No Teatro de Operações do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert/Biblioteca do Exército, 1953.

MORAES, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Estabelecimento General Gustavo Cordeiro de Farias (EGGCF), 1960.

MORAES, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005.

OLIVEIRA, Dennison. *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015.

SILVA, Hélio. *1939-1944: o Brasil na Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.



TAVARES, Aurélio de Lyra. *O Brasil de Minha Geração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ O general Robert Walsh (1894-1895), em junho de 1942, foi nomeado comandante das Forças do Exército dos EUA no Atlântico Sul.

² McCANN, Frank D. *Brazil and United States during World War II and its Aftermath: negotiating alliance and balancing giants*. New Hampshire: University of New Hampshire, 2018, p. 168.

³ LEITE, Mauro Renault; JÚNIOR, Novelli. *Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983, p. 587-588.

⁴ TAVARES, Aurélio de Lyra. *O Brasil de Minha Geração*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1976, p. 159-161.

⁵ *Ibid.*, p. 161.

⁶ Dos observadores junto ao Q.G do general Giraud ao Exmo Sr. Ministro da Guerra. Secreto. Argel, 03-04-1943, p.1. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

⁷ LATFALLA, Giovanni. *Segunda Guerra Mundial: propostas para o emprego de tropas do Brasil*. Juiz de Fora: Editar, 2022, p. 220-229.

⁸ Dos Observadores Militares junto ao Exército Americano na África do Norte ao Exmo Sr. General de Divisão Ministro da Guerra. Assunto: Relatório. Oujda (Marrocos Francês). Quartel General do V Exército dos EUA no norte da África. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

⁹ Dos Observadores Militares junto ao Exército Americano na África do Norte ao Exmo Sr. General de Divisão Ministro da Guerra. Assunto: Relatório. Rio de Janeiro, data ilegível, p.p 1-5. AHEx. Documentos da Comissão Mista Brasil-EUA.

¹⁰ *Ibid.*, p. 1.

¹¹ *Ibid.*, p. 3.

¹² *Ibid.*, pp, 3-4.

¹³ *Ibid.*, p. 4.

¹⁴ *Ibid.*

¹⁵ *Ibid.*

¹⁶ *Ibid.*, p. 5.

¹⁷ *Ibid.*, p. 3.

¹⁸ MORAES, Antônio Henrique Almeida de. *No Teatro de Operações do Mediterrâneo*. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert/Biblioteca do Exército, 1953, p. 16-18.



¹⁹ Ibid., p.18.

²⁰ Ibid., p. 33-118.

²¹ Ibid., p. 96.

²² Ibid., p. 118.

²³ Ibid., p. 123.

²⁴ Ibid., p. 123-124.

²⁵ Ibid., p. 124-125.

²⁶ Ibid., p. 126-130.

²⁷ Ibid., p. 127.

²⁸ MORAES, João Baptista Mascarenhas. *A FEB pelo seu comandante*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2005, p. 51-53.

²⁹ MORAES, 1953, op.cit., p. 131-132.

³⁰ Ibid., p. 132.

³¹ Ibid., p. 137-138.

³² Ibid., p. 136.

³³ Ibid., p. 138-143.

³⁴ Ibid., p. 118.

³⁵ Ibid., p. 123.

³⁶ Ibid., p. 144.

³⁷ MORAES, 2005, op.cit., p. 171.

³⁸ MORAES, 1953, op.cit., p. 147.

³⁹ McCANN, Frank D. *Aliança Brasil-Estados Unidos 1937-1945*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, p. 319.

⁴⁰ SILVA, Hélio. *1939-1944: o Brasil na Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974, p. 236.

⁴¹ MORAES, 1953, op.cit., p. 151.

⁴² Ibid., 147-148.

⁴³ Ibid., p. 148.

⁴⁴ Ibid., p. 151.

⁴⁵ Ibid., p. 148-150.

⁴⁶ Ibid., p. 150.

⁴⁷ BRAYNER, Floriano de Lima. *A verdade sobre a FEB*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968, 109-110.

⁴⁸ OLIVEIRA, Dennison. *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015, p. 248.

O Serviço de Saúde da FEB: organização e funcionamento

Ivan da Costa Garcez Sobrinho

1. INTRODUÇÃO

Por mais terrível que sejam as guerras, não foram poucas as vezes que, por meio delas, a medicina militar proporcionou progressos médicos duradouros, não só para os exércitos, mas, também, para a humanidade em geral.

Nos parágrafos seguintes, iremos tratar da atuação heroica e inesquecível da Força Expedicionária Brasileira (FEB) no teatro de operações da Itália durante a Segunda Grande Guerra, em particular tratando da organização e funcionamento do Serviço de Saúde da FEB (SSFEB).

Como diz o emérito historiador coronel Claudio Moreira Bento, Presidente da Federação das

Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB) e eterno instrutor de História Militar da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), “Sem documentos não há história e sem historiadores para explorar os documentos, não haverá História”. Com base nesta premissa, os inúmeros artigos científicos ou não sobre a atuação do SSFEB permitem destacar alguns aspectos importantes para introdução do tema.

Inicialmente, cabe lembrar que o Exército Brasileiro e, obviamente, o seu Serviço de Saúde, à época da mobilização para a campanha na Itália, ainda vivia com doutrina de emprego oriunda da Missão Militar Francesa (1919).



A população brasileira era aproximadamente de 41 milhões de pessoas, que em sua maioria (70%) viviam em localidades rurais, caracterizadas pela pobreza, doenças e desnutrição, o que impactou a seleção médica para composição do efetivo da FEB.

O efetivo profissional do Serviço de Saúde era pequeno, o que determinou que, aproximadamente a metade dos médicos componentes da FEB fossem militares convocados, inclusive, alguns ainda estudantes que tiveram suas formaturas antecipadas e fizeram um treinamento de 16 semanas em socorro pré-hospitalar.

As três condicionantes acima não impediram o desempenho meritório, eficiente e corajoso do SSFEB, o que foi plenamente exposto nos testemunhos do Comandante da FEB e dos soldados, bem como nos resultados estatísticos que não deixaram a desejar,

quando comparados com a tropa americana.

2. ORGANIZAÇÃO DO SERVIÇO DE SAÚDE DA FEB

a. A Força Expedicionária Brasileira (FEB)

A FEB foi criada pela Portaria Ministerial 47/44 de 9 de agosto de 1943 é estruturada com a 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ª DIE) e Órgãos Não-Divisionários (OND), reforçados por um Depósito de Pessoal (re-completamento). O Comando da 1ª DIE foi entregue ao General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes e o seu efetivo total foi de aproximadamente 25.000 homens, sendo 15.000 na 1ª DIE e 10.000 nos Órgãos Não-Divisionários (OND). A 1ª DIE, além do Comando e do seu Estado-Maior (EM), tinha como elementos orgânicos de maior destaque:



- 1) 3 (três) Regimentos de Infantaria (1º, 6º e 11º);
- 2) Artilharia Divisionária, com 4 (quatro) Grupos de Obuses;
- 3) 9º Batalhão de Engenharia;
- 4) 1º Esquadrão de Reconhecimento Motomecanizado; e
- 5) 1º Batalhão de Saúde.

b. O Serviço de Saúde da FEB (SSFEB)

Um serviço de saúde em campanha tem por objetivo contribuir para o êxito das operações militares mediante a conservação dos efetivos. O cumprimento desta missão começa na seleção física e psicológica dos efetivos a serem empregados, na aplicação de medidas de promoção da saúde e profilaxia de doenças, na instrução dos militares sobre primeiros socorros, higiene e profilaxia, bem como na recuperação de doentes e feridos.

A doutrina de emprego acima descrita foi executada efetiva-

mente, em todos os seus aspectos, pelo SSFEB, apesar dos diversos óbices ocorridos, com destaque para a seleção, a imunição e a adaptação a uma nova forma de emprego.

O SSFEB, órgão integrante do Estado-Maior Especial da FEB, esteve sob a direção do Coronel Médico Emanuel Marques Porto e empregou um efetivo total, distribuído entre orgânicos da 1ª DIE e OND, de 1369 militares, sendo 198 oficiais (166 médicos, 26 dentistas e 6 farmacêuticos), 49 enfermeiras, 225 sargentos, 176 cabos e 721 soldados. Cabe destacar que, compondo este efetivo, havia 6 manipuladores de farmácia, 6 manipuladores de radiologia e 2 protéticos.

O SSFEB orientou, dirigiu e coordenou todas as ações médicas da tropa brasileira e para isto programou e executou um programa de instruções nas áreas de primeiros socorros, triagem, cirurgia de campanha, normas de evacuação, tratamento e trans-



porte de feridos, suprimento e manutenção de saúde, fazendo uma adaptação à nova doutrina de emprego americana.

As Seções de EM do SSFEB eram as seguintes: S/1- Pessoal; S/2 - Secretaria; S/3 - Operações; S/4 - Suprimentos Médicos; S/5 - Intendência; e S/6 - Medicina Preventiva, sendo todas chefiadas por Oficiais Médicos

À Chefia e ao EM do SSFEB competiam, ainda, a coordenação e emprego das Seções Brasileiras Anexas aos Hospitais Americanos (SBHNA) formadas por equipes cirúrgicas e médicas oriundas dos Grupos Suplementares Brasileiros em Hospitais Americanos (G-SBHNA), do Serviço Dentário com o Laboratório de Prótese e do Posto Avançado de Neuropsiquiatria.

Em síntese, a estrutura organizacional do SSFEB era composta pela Chefia do SSFEB, Chefia do SS da 1ª DIE, Batalhão de Saúde, G-SBHNA e o Serviço de Saúde do Corpo de Tropa. Tal

estruturação compreendia três escalões bem distintos: o SSFEB, o SSDIE e o das unidades de tropa (Regimentos e Grupos).

A 1ª DIE tinha como instalações desdobradas no terreno para o apoio de saúde da frente para retaguarda, os Postos de Socorro de Batalhão (PSBtl), os Postos de Socorro Divisionários (PSD) e o Posto de Tratamento Divisionário (PTD). Deste último, os feridos iam para o Hospital de Campanha (*Field Hospital*) ou para o Hospital de Evacuação (*Evacuation Hospital*) ambos americanos reforçados com SBHNA do SSFEB.

c. O 1º Batalhão de Saúde

O Batalhão de Saúde (1ºBS) foi criado pelo Decreto-Lei Reservado nº 6071-A, de 6 de dezembro de 1943, era uma unidade nova integrante da 1ª DIE, como adequação à doutrina de emprego do Serviço de Saúde Americano e foi instalado na cidade de Valença-RJ. O BS tinha



subordinação militar ao comando da DIE e técnica ao Chefe do SSDIE.

No comando do 1º BS estava o tenente-coronel médico Bonifácio Borba. O batalhão era constituído por 1(uma) Companhia de Comando e Serviço, 1 (uma) Companhia de Tratamento e 3 (três) Companhias de Evacuação. Cada Cia de Tratamento possuía 2 (dois) Pelotões de Tratamento com capacidade para instalar 2 (dois) Postos de Tratamento e as Cia de Evacuação eram compostas por 1 (um) Pelotão de Padioleiros, 1 (um) Pelotão de Ambulâncias e 1(um) Pelotão de Posto de Socorro. Os seus integrantes ficaram em adestramento até 14 de maio de 1944, realizando exercícios, inspeções de saúde, instruções técnicas para padioleiros e enfermeiros.

O BS desdobrava seus Postos de Socorro Divisionários (PSD), e Postos de Tratamento Divisionários (PTD) e as Cia de Evacuação empregavam seus meios de pa-

diagem e ambulâncias no transporte dos feridos dos Postos de Socorro (PS) das unidades de tropa para os PSD ou PTD.

d. O Serviço Dentário e o Laboratório de Prótese

O Serviço Dentário, como órgão não-divisionário, foi um criado com finalidade específica e teve grande importância nas fases iniciais de chegada e estacionamento da FEB, pois realizou uma triagem odontológica de relevante importância para eliminar numerosos problemas dentários em face das más condições de saúde oral dos militares.

O atendimento dentário ocorria nos regimentos e grupos da DIE, e nos diversos escalões de apoio de saúde divisionários, mas teve seu maior esforço realizado junto ao Depósito de Pessoal da FEB, órgão não-divisionário da FEB, pela montagem e operação do atendimento odontológico e do funcionamento de um laboratório de prótese.



O Serviço Dentário funcionou com muita eficiência e com elevado número de trabalhos técnicos realizados, vale destacar suas 16.015 consultas, 10.399 curativos, 9.071 extrações e 8.329 obturações, entre outros procedimentos. No tocante ao Laboratório de Prótese, instalado em 3 de janeiro de 1945, resalte-se o excelente trabalho realizado para recuperar o coeficiente mastigatório dos militares pela produção de aproximadamente 500 chapas e de 105 coroas, entre outros trabalhos.

e. O Posto Avançado de Neuropsiquiatria

O Posto Avançado de Neuropsiquiatria (PANP) foi criado por ideia pessoal do Chefe do SSFEB visando acompanhar os progressos na esfera da assistência neuropsiquiátrica em campanha, dentro dos moldes americanos.

O PANP, órgão não-divisionário, era instalado junto ao Posto de Tratamento Divisio-

nário (PTD) e sua missão, na definição do próprio Chefe do SSFEB, era de:

- 1) receber os indisponíveis psiconeuróticos das unidades;
- 2) observação e tratamento precoce;
- 3) recuperação em muito curto prazo (até 5 dias);
- 4) possibilidade de retenção até 10 dias, em situações especiais; e
- 5) evacuação para Seção Brasileira de Hospitalização anexa ao Hospital de Evacuação.

Um total de 85% dos casos de pacientes inicialmente considerados neuropsiquiátricos pelo atendimento no Posto de Tratamento Divisionário foram recuperados e devolvidos a tropa pelo PANP. Os principais diagnósticos e suas ocorrências foram: 102 estados de ansiedade; 33 ataques de histeria; 33 fobias de obuses; 30 organo-neuroses; e 28 simulações de doenças psiquiátricas.



3. O FUNCIONAMENTO DO SERVIÇO DE SAÚDE DA FEB

a. A preparação da tropa no Brasil

O sucesso do funcionamento do SSFEB foi resultado do adequado ajuste na cadeia de evacuação e atendimento desde os primeiros escalões da frente até os hospitais da retaguarda. Isto é, podemos dizer que os resultados exitosos começavam nos Padiroleiros das Subunidades de Corpo de Tropa e terminavam na assistência hospitalar com a atuação das Seções Hospitalares Brasileiras anexas aos Hospitais Americanos (SBHNA).

As atividades do SSFEB começaram com a preparação e a formação da tropa expedicionária, a qual podemos dividir pelas seguintes atividades de maior destaque: seleção física do contingente; imunização individual; instrução sobre normas de higiene geral; tratamento dentário; e pesquisa de sífilis. As medidas

foram levadas a efeito com êxito variável, por várias dificuldades interpostas, o que resultou na necessidade de corrigir as falhas no próprio Teatro de Operações (TO).

Algumas dessas atividades merecem destaque a parte, tais como:

1) Seleção física do contingente

As Juntas de Inspeção de Saúde deveriam selecionar pessoal apto a compor a FEB, que tinha previsão inicial de incorporar 60.000 homens, mas as imposições de várias origens, limitaram o efetivo final para 25.000 homens. A missão foi desafiadora para o Serviço de Saúde e o processo de seleção física enfrentou diversos obstáculos, como: local e material inadequado para as inspeções; reduzido efetivo de profissionais aptos ao ato de seleção médica; a extensão territorial do país; e o curto prazo para execução.



O efetivo de examinados foi de 107.604 homens e 95 mulheres com o resultado constante do quadro abaixo:

	EXAMINADOS	INCAPAZES	APTOS
OFICIAIS	4.044	243	3.801
PRAÇAS	103.560	22.988	80.572
ENFERMEIRAS	95	2	93

As principais causas de incapacitação foram a subnutrição crônica, motivando desenvolvimento físico insuficiente e os altos índices de tuberculose, problemas dentários e sífilis.

2) Instrução técnica dos militares do SSFEB

Os reservistas convocados realizaram estágios para médicos e dentistas e cursos de emergência de medicina militar para civis, que foram realizados na Escola de Saúde do Exército ou em universidades em todo território nacional.

A instrução abordava, principalmente, primeiros socor-

ros, medicina de campanha, cirurgia de guerra, evacuação médica e transporte de feridos.

b. Embarque, transporte e desembarque

Os diversos escalões que compuseram a tropa brasileira foram transportados em navios americanos de grande capacidade para alojar o contingente. O embarque era precedido de revista sanitária com 48 horas de antecedência para detecção e expurgo de portadores de doenças contagiosas e venéreas.

Durante o transporte, os militares eram atendidos pelo SSFEB e os casos mais severos eram levados à bem equipada enfermaria do navio.

Ao desembarcar em território italiano, a tropa estacionou em áreas de adaptação adrede preparadas (*Staging Areas*), para o 1º Escalão nas cercanias de



Nápoles e para os demais escalões (mais 4) em S Rossore, ao Norte de Pisa, onde eram submetidos a quarentena.

Nesta fase inicial da campanha, o SSFEB funcionou dentro da seguinte forma:

1) Casos leves e ambulatoriais tratados pelo serviço de saúde da própria unidade;

2) Hospitalização de até quatro dias no Posto de Triagem montado pelo Pelotão de Tratamento; e

3) Evacuação e baixa para casos com necessidade de maior tempo de tratamento.

c. Condições físicas da tropa

As revistas sanitárias procedidas no Teatro de Operações (TO) demonstraram que grande número de militares não possuíam as aptidões físicas necessárias para as atividades de campanha, o que fora consequência das dificuldades ocorridas durante a seleção física para forma-

ção do contingente, ainda no Brasil.

A eliminação destes incapazes já no TO sobrecarregou o SSFEB e suas Juntas Médicas e aconteceu durante toda duração da campanha na Itália, pois muitos dos homens apresentaram defeitos físicos que se agravaram pelo esforço exigido nas operações de guerra, e acabaram por se transformar em encargos para o estado.

d. Medidas profiláticas

Estas medidas tiveram a intenção de proteger a tropa contra doenças de maior incidência no TO, tais como: disenterias, doenças do grupo tífico, hepatite epidêmica, doenças venéreas, malária, tifo exantemático, doenças do aparelho respiratório, pé de trincheira e tétano.

Em regra geral, para cada uma das enfermidades acima, o SSFEB distribuiu orientações para tropa sobre como deveriam ser os procedimentos profiláticos para



evitar o contágio ou a baixa por tais doenças, além das orientações algumas outras medidas merecem destaque, tais como: aprimoramento dos uniformes para proteção contra o frio; distribuição de inseticidas; uso de mosquiteiros e repelentes; distribuição de preservativos tipo condom; uso preventivo de atebina para malária; uso do soro antitetânico; e vacinação.

Podemos inferir que, as orientações e as medidas adotadas permitiram reduzir a incidência das doenças transmissíveis de importância militar, o que ficou demonstrado nos dados registrados pelo SSFEB sobre a ocorrência destas enfermidades e quando comparado a incidências destas mesmas doenças na tropa americana.

e. Posto de Socorro, Evacuações, Triagem e Hospitalização

O funcionamento operacional do SSFEB no tocante ao atendimento de doentes e feridos no

TO foi segregado em duas vertentes, o atendimento os elementos orgânicos da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária (1ªDIE) e o dos Órgãos Não-Divisionários (OND).

Outra divisão da atuação pode ser considerada como decorrente das fases e formas de emprego da tropa no TO, isto é, nas fases de adaptação (chegada), ações de movimento para entrar em posição, dispositivo na defensiva, no ataque e perseguição ao inimigo ou aproveitamento do êxito.

Em consequência, o desdobramento do apoio de saúde foi flexível, adaptando-se continuamente às situações de combate acima referidas. De modo geral, simplificado e didático podemos apresentar a organização do emprego do SSFEB da forma que se segue:

1) Apoio de saúde aos OND

O apoio aos OND ocorreu mediante o emprego dos elementos de saúde no Depósito de Pes-



soal, onde estavam montados uma enfermaria, 3 (três) Postos Médicos, sendo um para oficiais, Posto de Vacinação, Serviço Odontológico, Centro de Triage, Fiscalização Sanitária e Juntas Militares de Saúde.

Os casos que necessitavam de atendimento mais especializado eram evacuados para o 64º Hospital Geral americano (*64nd General Hospital*) em Livorno.

2) Apoio de saúde à 1ª DIE

As diversas variáveis decorrentes da situação do combate, obrigaram a realização de diversos reajustamento nas posições das instalações de saúde de apoio à 1ª DIE, desde Postos Socorro de Batalhão (PSBtl) até à hospitalização, com emprego das SBHNA. Apresentaremos uma sequência sumária e periódica do ocorrido ao longo dos onze meses em que a FEB esteve no TO.

a) Julho/agosto de 1944:

A tropa do 1º Escalão ficou estacionada em uma área de

adaptação (*Staging Area nº 3*) nas cercanias de Nápoles, com apoio principal de hospitalização pelo 45º Hospital Geral (*45th. General Hospital*) também em Nápoles, com reforço das SBHNA.

Com os deslocamentos sucessivos para as regiões de Tarquinia e Vada, ainda em áreas de adaptação e treinamento, o encargo da hospitalização passou para o 105º Hospital de Guarnição (*105th. Station Hospital*) em Civita Vecchia, com reforço da uma SBHNA

As evacuações nesta fase foram por apoio de transporte da Base Peninsular Americana, até que o SSFEB recebesse seus meios orgânicos (ambulâncias).

b) setembro/outubro de 1944:

Neste período ocorre o primeiro engajamento em combate da tropa brasileira, e o SSFEB ficou escalonado com um Posto de Socorro Divisionário (PSD), um Posto de Tratamento



Divisionário (PTD) e uma Seção de Triage com a hospitalização no 38º Hospital de Evacuação (38th. *Evacuation Hospital*) ao norte de Pisa. As evacuações foram por elementos orgânicos de tropa e da 1ª Cia de Evacuações do 1º BS. O transporte dos PSD e PTD para o hospital eram realizados por meios de transporte do V Exército Americano.

Nesta fase ocorreram diversos reajustamentos e mudanças de posição das instalações de saúde ocorreram e os PSBtl eram instalados em habitações existentes nas proximidades do local de emprego da tropa respectiva, desenhado dos tiros diretos.

As evacuações, por ambulâncias, a braço ou por "jeeps" dos PSBtl para os PSD e PTD, eram encargo da Cia de Evacuações e seus pelotões, sendo a hospitalização ainda dirigida para o 38º Hospital de Evacuação (Pisa), os pacientes com recuperação de curto prazo, até 5 (cinco) dias, os demais eram encaminhados para

o 64º Hospital Geral (64th. *General Hospital*) em Ardenza, que tinha o apoio de uma SBHNA, enquanto aqueles que necessitavam de recuperação acima de 120 (cento e vinte) dias ou eram incapazes definitivos seguiam para o 45ª Hospital Geral em Nápoles e depois para o Hospital Geral em Roma de onde eram repatriados.

c) Novembro/dezembro de 1944/janeiro de 1945:

No início de novembro, a tropa brasileira foi rocada para outro setor de emprego e recebeu atribuições ofensivas na Região dos Apeninos. Naquele período a tropa foi castigada por chuvas, noites longas e frio.

A localização dos PSBtl obedeceu aos mesmos imperativos já citados de proximidade da tropa engajada, guardada as posições do local e muito se aproveitou de instalações dos montanhese italianos. Os PSD e PTD sofreram diversos reajustes



e reposicionamentos, com ênfase para os desdobramentos em Porreta Terme, Syla, Corvela e Valdibura quando dos primeiros ataques a Monte Castelo.

As evacuações continuaram no mesmo padrão de execução, com um maior reforço de viaturas e padioleiros para os PSBtl. A hospitalização continuou para o 38ª Hospital de Evacuação, em Pisa, e, quando da interdição daquele hospital por determinado tempo, as hospitalizações foram para o 15º Hospital de Evacuação (*15th Evacuation Hospital*), em Florença, com presença de pessoal técnico brasileiro.

Durante este período entra na cadeia de hospitalização o 32º Hospital de Campanha (*32nd. Field Hospital*) instalado em Valdibura, com apoio de uma SBHNA e a 5 km da retaguarda da linha de contato, o que permitiu uma regulação melhor da triagem, principalmente para os casos graves, ditos intransportá-

veis. Desta cadeia de hospitalização também participavam o 16ª Hospital de Evacuação (*16th. Evacuation Hospital*), em Pistoia, e o 7º Hospital de Guarnição (*7th. Station Hospital*), em Livorno.

No mês de dezembro, os combates variam de fases calmas, de patrulhamento intenso até combates pesados, como o ataque a Monte Castelo no dia 12, entretanto o posicionamento dos elementos de saúde sofreu mínimas modificações.

Durante o mês de janeiro, além das rotineiras mudanças de posição dos PSBtl e dos PSD e PTD, cabe ressaltar a entrada na cadeia de evacuação do 3º Hospital de Convalescentes (*3rd. Convalescent Hospital*), em Montecatini, o que permitiu atividades como palestras, trabalhos manuais, diversões, atletismo e esportes, com amplos benefícios para a recuperação, ainda no TO, de muitos combatentes.



d) Fevereiro/março/abril de 1945:

A missão de FEB no início deste período foi parte defensiva e posteriormente de ataque local, em colaboração com a 10ª Divisão de Montanha Americana. O emprego dos meios flutuou segundo as intenções do Comando para cada situação.

Os PSBtl de grande atividade foram os do 1º Btl/11º RI em Gaggio Montano, o do 2º Btl/1º RI em Crociolo e depois Abetaia, o do 3º Btl/1º RI em Casa de Toschi e Casa Marconi e do 2º Btl/11º RI em Docce.

Os PSD e PTD mantiveram-se estabilizados, assim como a cadeia de hospitalização e os encargos de evacuação.

No mês de março com a tomada do Maciço Belvedere e de Monte Castelo modificou-se o dispositivo da 1ª DIE, mas a missão era a mesma de fevereiro, patrulhamento e limpeza do Vale Morano, neste período, a Divisão

fez grande número de prisioneiros.

Os PTD ocupavam posições em Crociolo, Farné e Ponte della Venturina para apoio aos PSBtl e os sistemas de hospitalização e a missão de evacuação ficaram quase inalterados.

No mês de abril temos o início da fase final da campanha com a rendição incondicional do inimigo. Os batalhões em número de quatro que ocupavam a linha de frente, tinham como missão acompanhar o esforço para o norte e aproveitar o êxito em direção ao Panaro.

e) Maio/junho/julho de 1945:

Cessadas as hostilidades em 2 de maio de 1945, a tropa brasileira estacionou em grupamentos ao longo da estrada 9. A hospitalização continuou nas SBHNA dos hospitais já descritos e, com o deslocamento da tropa para Nápoles, foi montada uma SBHNA anexa ao 32º Hospital de



Guarnição (32nd. *Station Hospital*) em Caserta.

4. CONCLUSÃO

As lições e ensinamentos retirados do emprego do SSFEB configuraram, inicialmente, uma oportunidade para o SS atingir o merecido reconhecimento na aplicação da doutrina de emprego, agora extraída da experiência em combate, e desejar obter melhorias em todos os campos da medicina militar brasileira, isto é, nos campos operacional, preventivo, pericial, ensino e assistencial.

O êxito da atuação do SSFEB pode ser cabalmente demonstrado pelos relatado no desenvolvimento deste texto, bem como pelo extraído do mapa estatístico com o resumo de altas e baixas do efetivo da FEB, o qual demonstra que, dos 10.536 feridos, doentes e acidentados durante os onze meses de campanha, um

total de 9.137 foram recuperados dentro e fora da zona de combate, mas ainda no TO, e que estes dados se equipararam as taxas de recuperação observadas no experiente serviço de saúde americano.

O reconhecimento do General Mascarenhas de Moraes, Comandante da FEB, expresso em sua Nota de Comando nº 9, corrobora a eficácia, a eficiência e a capacidade demonstradas pelos soldados de branco, nota da qual extraí os parágrafos que se seguem:

Verdadeiros heróis da grande luta contra a morte, esse exército de padioleiros e bisturis faz, do mesmo modo que os canhões e baionetas, grande dano ao alemão que nos defronta. Cada soldado reconstituído e um soldado furtado à sanha inimiga.

Eis porque me sinto ufano de ser chefe desse conjunto de eficiência que é o Serviço de Saúde, com os seus meios de execução – Batalhão e os Destacamentos Regimentais.



E assim, pelo que foi visto, testemunhado e escrito, depreendemos que foi decisiva a forma pela qual o Serviço de Saúde apoiou os Soldados do Brasil, durante a guerra, direta ou indiretamente, colaborando para as vitórias alcançadas. Os 1.396 combatentes do serviço de saúde da FEB, dentre os quais oito não retornaram ao território pátrio, podem dizer com grande orgulho: “A cobra fumou”.

FONTES PRIMÁRIAS

PORTO, Emanuel Marques. Marechal médico. *Relatório do Chefe do Serviço de Saúde da FEB*. Rio de Janeiro: Arquivo Histórico do Exército Brasileiro, 1944.

ALBERTO, M.S. General de brigada médico. *Serviço de Saúde do Exército (Memorial)*. [S.1.:s.n.], p. 112-116, 2001.

BIBLIOGRAFIA

ZERNOW, Danielle Correa de Freitas et al. *O Serviço de Saúde no contexto da Segunda Guerra Mundial*, 2021, Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2021.

ROQUE, Daniel Mata et al (org.). *Práticas e representações fotográficas do serviço de saúde brasileiro na II guerra mundial*. Rio de Janeiro: Academia de História Militar Terrestre do Brasil, 2019.

PIRES, Jardel da Silva et al. *Serviço de Saúde na Segunda Guerra Mundial*, 2020, Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

FELICIO, Flavia Luz et al. *O Apoio de Saúde do Exército na Campanha da Itália (II GM)*, 2020, Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2020.

CRUZ, Marcelo Azevedo da. *O Serviço de Saúde da FEB na Segunda Guerra Mundial*, 2008, Escola de Saúde do Exército, Rio de Janeiro, 2008.

KOELLER, Kleber Figueiredo Gonçalves. *O Posto Avançado de Neuro-Psiquiatria da Força Expe-*



dicionária Brasileira (1943-1945). Rio de Janeiro: UFRJ/IFCS, 2008.

Enfermeira Virgínia Portocarrero: do Colégio Pedro II para a Segunda Guerra Mundial

**Margarida Maria Rocha Bernardes
Daniel Mata Roque
Fernando Rocha Porto**

INTRODUÇÃO

O presente artigo traz um estudo que objetiva descrever a biografia da capitã Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, com destaque para o recorte histórico da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Essa militar, oriunda do Colégio Pedro II, foi uma das mulheres pioneiras que atuou como enfermeira da Força Expedicionária Brasileira (FEB), unidade militar diferenciada e especial criada em 1943, quando o Brasil tornou-se um

dos países aliados no maior conflito armado da História.

Esta guerra foi uma tragédia que envolveu não só a Europa, mas todos os continentes, e afetou a “história das nações e a vida das pessoas – particularmente dos que eram jovens [...] e tiveram que participar dela”¹, sendo também esse o caso da nossa biografada.

A trajetória biográfica da enfermeira Virgínia contribui também para o estudo da história das mulheres na carreira militar. O emergir da presença e de uma fala feminina em locais que lhes



eram até então proibidos ou pouco familiares, como nas guerras, nos faz discutir a temática.

Para o conceito de trajetória, amparamo-nos em Pierre Bourdieu que, em seu clássico artigo *A ilusão biográfica*, a apresenta como uma “série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) num espaço que é ele próprio um devir, estando sujeito a incessantes transformações”². Daí compreendemos a importância de investigar a vida pessoal, pré e pós-guerra, da enfermeira Virgínia Portocarrero, como um emblemático e significativo exemplar deste grupo. Bourdieu ressalta não ser possível compreender uma trajetória sem perceber também as relações do agente investigado, uma “individualidade biológica”, com o “conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo” e suas conexões, razão que, combinada com a dedicação de Virgínia à memória do coletivo de enfer-

meiras veteranas no pós-guerra, atuando em associações de veteranos, e sua constante interlocução com as companheiras nas décadas seguintes, nos permite associar sua trajetória pessoal à própria trajetória coletiva das enfermeiras da FEB.

Na avaliação de Jacques Le Goff³, “o interesse do passado está em esclarecer o presente”, permitindo elaborar estratégias para o percurso futuro. Ele é justificado quando acreditamos que o nosso presente é o eco do passado, sendo este indestrutível.

Trazer o tema de guerras para o estudo possibilita incluir o termo “estratégia” na perspectiva da operação histórica, usando o jogo de escalas de distinção permitindo modificar a amplitude do objeto, “do micro para o macro, e vice-versa, potencializando os rigores da escrita”⁴. Isso se dá porque ele distingue uma realidade social pelo nível de análise, uma vez que as experiências sociais bastante distintas só são



aprendidas pelo trabalho de campo nas guerras como “estratégias” em nível de micro social. A análise do micro, da trajetória pessoal de uma enfermeira, ocorre, no entanto, sem perder de vista o quadro mais geral do grupo de 67 enfermeiras da FEB, da própria FEB enquanto unidade militar de vinte e cinco mil componentes e do Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial, observando, como salienta Giovanni Levi⁵, o micro como texto e o macro como contexto.

A PIONEIRA VIRGÍNIA

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, filha de Titto Portocarrero e Dinah de Niemeyer Portocarrero, nasceu em 23 de outubro de 1917, no Rio de Janeiro, numa casa na Rua São Francisco Xavier. Nela morava a família Portocarrero: filhos, pais, avós, tios e primos.

De famílias brasileiras conhecidas e respeitadas, Niemeyer por parte de mãe e Portocarrero por parte de pai, é descendente de Ludovina Portocarrero, Baronesa do Forte de Coimbra, que ajudou a cuidar dos soldados feridos na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). Ser enfermeira está no DNA de Virgínia Portocarrero. Suas habilidades, porém, não se limitaram à área de saúde.

Cursou o então primário no Colégio Maria Imaculada, na Rua São Francisco Xavier, no bairro carioca do Maracanã. Continuou seus estudos no Colégio Pedro II, tradicional instituição de ensino público federal, na antiga Rua Larga, atual Avenida Marechal Floriano, no centro histórico da cidade do Rio de Janeiro.

Após formar-se no Pedro II em 1936, fez Curso de Prática de Laboratório, indo trabalhar no Hospital São Sebastião, ligado à Secretaria de Saúde e Assistência do Departamento de Higiene, na



então Prefeitura do Distrito Federal.

Aperfeiçoou-se em Arte Decorativa na Escola Nacional de Engenharia, no Largo de São Francisco, e fez curso de desenho para lecionar no 1º e 2º anos do Ciclo Secundário. Seu talento para desenho, em particular no estilo “bico de pena”, ficou registrado em seu Diário de Guerra. Ainda antes de eclodir a Segunda Guerra Mundial, participou de um concurso de cartazes realizado pela Cruz Vermelha Brasileira, onde se classificou em 2º lugar, ganhando a medalha de prata.

Obteve o Certificado de Habilitação para o cargo de Escrivãria da Prefeitura do Distrito Federal, na Secretaria de Educação e Cultura, no Departamento de Saúde Escolar. No mesmo ano, recebeu o Certificado de Aprovação do Concurso Básico do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários no Ministério do Trabalho.

Com o movimento do Brasil para se juntar aos Aliados em 1942, combatendo os países do Eixo que afundavam nossos navios mercantes, Virgínia, que então trabalhava como desenhista no Instituto do Mate, apresentou-se na Cruz Vermelha Brasileira e ingressou no Curso de Samaritanas, tendo como colegas de turma as princesas brasileiras Orleans e Bragança. Seu espírito inovador já se manifestava naquela ocasião. Convidada para dama de casamento das princesas, seu traje foi o de enfermeira. Ao final do curso, em 14 de novembro de 1942, recebeu o diploma da Cruz Vermelha. Enquanto aluna, foi sempre doadora voluntária de sangue. No ano seguinte, apresentou-se como voluntária para o Exército Brasileiro, integrando a primeira turma de mulheres enfermeiras.

A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial é momento crucial da chamada Era Vargas (1930-1945): Getúlio Vargas,



presidente à época, reconheceu o estado de beligerância brasileiro com a Itália e a Alemanha em 22 de agosto de 1942, seguindo-se a formalização com o Decreto-Lei nº 10.358, de 31 de agosto de 1942, que declara estado de guerra em todo território nacional⁶.

O Brasil, neutro durante o período inicial do conflito, sofre pressões internas e externas para se definir, decorrente de sua posição geográfica estratégica no cenário internacional e a condição política de ditadura. O país ficou ao lado dos Aliados (Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos), contra o Eixo (Alemanha, Itália e Japão), sendo este o resultado de um dos processos mais complexos de nossa história diplomática⁷.

Quase um ano após o ato formal de entrada no conflito, o Brasil criou uma unidade militar diferenciada e especial, a Força Expedicionária Brasileira (FEB), em agosto de 1943, e passou a

chamar enfermeiras voluntárias através de anúncio no jornal *O Globo*. Foi essa a profissão que se fez necessária para a mobilização do conflito, por imposição das enfermeiras norte-americanas, que se encontravam exaustas no *front* italiano, já atuando no conflito há quase dois anos⁸.

Houve, portanto, o empenho do governo brasileiro em implementar em caráter de urgência a busca de voluntárias, de modo a atender a solicitação de um grupo hegemônico militar estrangeiro, sendo os mandatários do Estado detentores do monopólio de violência simbólica legítima⁹.

No processo de mobilização nacional para a guerra, foi oficialmente criado e treinado um grupamento de enfermeiras da reserva do Exército Brasileiro, que foi incorporado junto ao efetivo da FEB. Para acomodar as novas militares, foi criado o Quadro de Enfermeiras da Reserva do Exército (QERE), através do



Decreto-lei nº 6.097, de 13 de dezembro de 1943.

Assim, ainda em 1943, Virgínia Portocarrero apresentou-se como voluntária para o Exército Brasileiro, integrando a primeira

O primeiro grupo de enfermeiras seguiu para o *front* italiano em 7 de julho de 1944. Ao todo, o Brasil enviou à Itália pouco mais de 25 mil homens¹⁰. A determinação do governo norte-



Enfermeira Lenalda Campos Dubock, do serviço aéreo.

Fonte: Acervo COC FIOCRUZ (colorização feita pelo pesquisador Carlos Dias)

turma de mulheres enfermeiras. Antes da partida para o *front* italiano, recebeu treinamento militar.

americano correspondeu à imposição de uma visão de mundo hegemônica, constituindo-se em violência simbólica, permitindo, porém, a inserção da mulher



enfermeira no campo militar, contribuindo para a valorização da mulher na sociedade brasileira.

Na oportunidade foram para a Itália cento e oitenta e seis profissionais de saúde, entre eles, sessenta e sete enfermeiras pioneiras do Exército, sendo sessenta e uma enfermeiras hospitalares e seis especializadas em transporte aéreo¹¹.

Com a premência da organização do Quadro, o Exército aceitou mulheres com diferentes tipos de formação e experiência. Como pré-requisito, deveriam ser brasileiras natas, solteiras ou viúvas (aceitariam mulheres casadas desde que com o consentimento do marido), ter entre 22 e 45 anos de idade e alguma formação em enfermagem¹².

Parte das enfermeiras era “diplomada”, ou seja, havia cursado o equivalente a um curso de nível superior em escolas da época, como a Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN), a Escola Al-

fredo Pinto (EAP) e a da Universidade de São Paulo (USP). O curso tinha a duração de três anos e esse grupo representou a minoria do efetivo¹³. Outro grupo de enfermeiras era o de “samaritanas”, formadas pela Cruz Vermelha Brasileira em um curso de um ano, próximo do que seria, hoje, uma formação técnica. É o caso da enfermeira Virgínia. A maior parte das enfermeiras da FEB, no entanto, era de “voluntárias socorristas”, também formadas em curso ministrado pela Cruz Vermelha Brasileira, com duração de três meses, voltado para formação emergencial e com alta procura, motivada pela contingência da guerra. Muitas mulheres que concluíram este curso trabalhavam em outras áreas, não possuíam nenhuma experiência na área da saúde e procuraram a enfermagem especificamente com o objetivo de seguirem para o voluntariado da guerra.

Muito embora carregassem bagagens acadêmicas, formação e experiência muito diversas, sendo ainda um grupo bastante heterogêneo quanto a condição e origem econômica, muitas enfermeiras compartilhavam o passado militar no sangue: eram filhas, netas ou sobrinhas de generais e almirantes brasileiros, de alguma forma ligadas à vida militar, com parentes ou amigos

na FEB. Algumas descendiam de heróis da Guerra da Tríplice Aliança, como foi o caso das enfermeiras Aracy Arnaud Sampaio, Lúcia Osório e, claro, da nossa biografada Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero¹⁴.

Essas enfermeiras brasileiras voluntárias receberam exaustivo investimento nos aspectos inerentes ao treinamento profissional, preparo físico e assimilação



Treinamento das enfermeiras (Virgínia à direita, segurando o bastão, de frente)

Fonte: Acervo dos autores



de um *habitus* militar. O treinamento intencionalmente igualitário para todas objetivou fortalecer o sentimento de unidade interna do grupo, mediante a homogeneização de atitudes e gestos, assim como de possibilitar-lhes atuar na equipe multiprofissional de saúde norte-americana. Sobre o treinamento que antecedeu a partida para o *front* italiano, a biografada descreveu em depoimento transcrito por uma das autoras deste texto o seguinte:

O treinamento todo era muito pesado. Amanhecíamos no Hospital Central do Exército até doze horas, aí pegávamos um ônibus e vínhamos para um restaurante ao lado da Central do Brasil [...] Nós entrávamos às 13 horas nas aulas teóricas na Diretoria de Saúde, no Centro, antigo Ministério do Exército [...] Acabando isso pegávamos um ônibus ali mesmo da Central para a Urca e íamos para a Escola de Educação Física [...] Só éramos liberadas seis horas da noite, tínhamos o dia

inteiro de treinamentos diferentes [...].

A divulgação dessas fotografias nas páginas centrais do jornal *A Folha Ilustrada* gerou visibilidade ao grupo que, à frente de seu tempo, impôs a força da presença feminina em um universo eminentemente masculino, conquistando um campo inédito na história da enfermagem brasileira.

Com uma missa rezada na Igreja Nossa Senhora da Candelária, no centro do Rio de Janeiro, Virgínia Portocarrero seguiu abençoada para a Itália, como espelha o texto fotográfico demarcador desse momento.

A família Portocarrero rumou para a guerra com quatro representantes: Virgínia e três primos-irmãos, a quem ela afetuosamente chamava de “irmãos-primos”. Uma família brasileira com quatro jovens membros zarpando para atuar em uma guerra mundial, correndo perigo iminente e real de vida, gerou um fato de



significativa repercussão, registrado em imagem.



Virgínia com os primos Heraldo e Maurício Portocarrero no Depósito de Pessoal da FEB
Fonte: Acervo COC FIOCRUZ

Virgínia Portocarrero fez parte do Destacamento Precursor de Saúde, composto por um médico e cinco enfermeiras. Saindo do Rio de Janeiro, embarcou para a Itália em 7 de julho de 1944, por via aérea e com diversas escalas no continente africano, chegando a Nápoles em 15 de julho, um dia antes do primeiro escalão que,

por via marítima, levava os primeiros elementos combatentes.

Lá começou logo a prestar os primeiros socorros aos brasileiros que chegavam.

Em todo o efetivo da FEB o movimento nos hospitais foi intenso, tratando quase metade da tropa brasileira, incluindo feridos de guerra, doentes, aci-

dentados e combatentes que trouxeram problemas pré-existentes de vários tipos, como doenças tropicais, problemas dentários e doenças sexualmente transmissíveis.

O movimento de brasileiros pela linha de atendimento hospitalar, durante os onze meses de permanência em



ação, [foi intenso, totalizando] 10.776 pacientes [entre doentes e feridos]. É preciso ressaltar que foram para a Itália 25.334 brasileiros [na FEB, e mais cerca de 500 na FAB]. [...] Apenas 49 pacientes brasileiros faleceram nos hospitais¹⁵.

É preciso destacar, ainda, que os profissionais brasileiros, de igual forma, “atenderam indistintamente brasileiros, americanos, ingleses, alemães e italianos”¹⁶. É interessante observar, no contexto trágico e mortífero de um confronto armado, a lógica do Serviço de Saúde, que “combate amparado apenas pela cruz vermelha bordada nos fardamentos, e luta, em aparente contrassenso, para salvar vidas amigas e inimigas”¹⁷. Dentro das perspectivas da guerra, o corpo “tem um objetivo incomum, sobreviver com experiências de adaptação e improviso”. Nas guerras, o corpo é entendido como um “laboratório de experiências vivenciadas na guerra, onde a experiência de

guerra é, antes de tudo, experiência do corpo”. Dessa forma, ao “subdividir o corpo, deparou-se com as terminologias: esgotado, ferido, o acometimento da psique e o corpo humilhado, sendo sujeito passivo da ação do outro e do meio”¹⁸.

A GUERREIRA VIRGÍNIA

No Teatro de Operações na Itália, as cinco primeiras enfermeiras, que fizeram parte do grupo precursor, se apresentaram e prestaram continência ao Comandante da FEB.



As cinco primeiras enfermeiras se apresentam ao comandante da FEB.

Fonte: Acervo COC FIOCRUZ



Na foto acima, da esquerda para a direita, estão Carmem Bebiano, Ignácia de Melo Braga, Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero, Antonieta Ferreira, Elza Cansação Medeiros e o Comandante da FEB, General de Divisão João Baptista Mascarenhas de Moraes.

Nem só da tristeza da guerra foram feitos os dias na Itália. No mesmo recorte temporal, se encontraram Virgínia e Clarice Lispector, jornalista e escritora que acompanhava o marido, diplomata do Ministério das Relações Exteriores. Clarice chegou à Itália em 24 de agosto de 1944. Como não havia assistentes sociais no Exército Brasileiro, a escritora solicitou às autoridades militares permissão para realizar um trabalho voluntário, ajudando as enfermeiras no hospital em Nápoles, para onde os casos de guerra mais graves eram enviados. Visitava diariamente o hospital, escrevendo e lendo cartas para os soldados e interagindo,

na busca de minorar suas dores da alma. A vida de Virgínia entrelaçou-se, assim, com a de Clarice. Tornaram-se amigas para sempre.

Antes de embarcar, ainda no Brasil, firmou com seu pai, Tito Portocarrero, o compromisso de escrever cartas para registrar a memória de sua trajetória na II Guerra Mundial. Seu Diário de Guerra, intitulado pela própria como “Visionário Pacto”, hoje depositado no acervo da Casa de Oswaldo Cruz na FIOCRUZ¹⁹, se enquadra naquilo que Michael de Certeau diz existir na história como um começo no ato de separar, reunir e transformar em documentos alguns objetos distribuídos aleatoriamente²⁰. Esse é o primeiro trabalho que consiste em produzir documentos, simplesmente o copiando, transcrevendo ou os fotografando, mudando seu lugar e *status*. Nossos arquivos são a contribuição de um grupo de eruditos, de lugares, as bibliotecas e de práticas



como: cópias, impressão, comunicação, classificação, entre outros. O estabelecimento das fontes solicita um gesto inicial representado pela combinação de um lugar onde se instauram os métodos, de um aparelho e de técnicas propostas que se organizam, sendo a escrita histórica feita não só pelo historiador, mas sim em coletivo, já que é fruto da validação acadêmica e das relações com as ideias de pares.

Ressalta-se que para evitar a censura imposta à época para as correspondências enviadas pelo serviço de correio da FEB, Virgínia remetia para o pai escritos cotidianos como folhas de seu diário. Estas seguiam para o Brasil nas mãos dos feridos na Guerra encaminhados para o Brasil. Transgredindo, filha e pai se correspondiam e preservavam essa relevante memória²¹.

Segundo Virgínia:

quando algum ferido baixado na enfermaria era evacuado para o Hospital Central do

Exército – o HCE – no Brasil, eu entregava as páginas a ele, e informava ao papai, por carta, para procurar fulano de tal no hospital, e papai ia lá buscar.

Em 11 de agosto de 1944, no Boletim Interno da FEB de número 9, as enfermeiras foram “arvoradas” ao posto de 2º tenentes. Essa terminologia militar foi criada exclusivamente pelo Comandante Mascarenhas de Moraes para regularizar a situação das enfermeiras brasileiras que chegavam ao *front*. Até então, conviviam como uma espécie de “civis fardadas”. Tornaram-se, de fato e de direito, enfermeiras militares incorporadas ao V Exército norte-americano, subordinado ao general Mark Clark.

Com as colegas brasileiras, Virgínia iniciou os deslocamentos que se fizeram necessários. Segundo ela, “quando avançava a tropa, nós avançávamos também!” A foto a seguir ilustra o depoimento.



As enfermeiras em ação na Itália.
Fonte: Acervo COC FIOCRUZ

Se sucederam as mudanças nos hospitais: Nápoles, Tarquinia, Ardenna, Cecina (S. Luce), norte de Pisa, Pistoia, onde o *16º Evacuation Hospital* pega fogo após uma explosão de éter, com as enfermeiras e os feridos o abandonando às pressas. A própria Virgínia detalha as dificuldades da situação, no hospital

instalado em barracas, a alguns quilômetros da linha de frente dos combates:

No 16º Ev. Hosp. suportamos bombardeios da aviação inimiga, incêndio, *blackout*, tempestade e os rigores do inverno, com temperatura de 20 graus negativos. Quando a aviação alemã rondava nosso acampamento, permanecíamos apreensivas e num alerta constante, mantendo o



blackout durante a noite, quando os trabalhos eram feitos sob a luz de lanternas protegidas para não irradiarem qualquer luminosidade. Esses *blackouts* eram fiscalizados pela Polícia Militar americana, que rondava o acampamento. [...] Foram muitos os sofrimentos, sacrifícios e vigílias das enfermeiras, para o bom desempenho de suas missões, no conjunto de suas equipes mistas, brasileiras e americanas, com o objetivo

primordial de amenizar padecimentos e salvar vidas. [...] Glória ao 16º Evacuation Hospital!²²

Em Pisa, servia no 38º *Evacuation Hospital* quando este, com centenas de feridos, foi atingido por uma grave inundação durante o transbordamento do Rio Arno, ocasião em que Virgínia recebeu o seguinte elogio oficial,



16º Evacuation Hospital após incêndio.

Fonte: Acervo COC FIOCRUZ



assinado pelo major-médico Ernestino Gomes de Oliveira, chefe da Seção Brasileira de Hospitalização ali anexa, a unidade brasileira que funcionava dentro de cada hospital, comandados pelos americanos.

E como exemplo digno de ser seguido como padrão para todos os que se sacrificam pela causa da liberdade e serviço do Brasil, tenho muita satisfação em elogiar e louvar a enfermeira VIRGÍNIA MARIA DE NIEMEYER PORTOCARRERO, destacou-se pela capacidade de trabalho, dedicação e carinho com que atende aos seus pacientes durante a madrugada de calamidade, bem assim no dia consecutivo, tendo sempre uma palavra de conforto para os doentes mais graves, encarnando bem o papel da enfermeira brasileira [...].²³

Os profissionais de saúde também se ferem, também adoecem. De 4 a 8 de dezembro de 1944 Virgínia ficou internada, recuperando-se da operação de

emergência por conta de uma apendicite, retornando ao trabalho 7 dias depois.

Em 21 de fevereiro de 1945, os pracinhas brasileiros conseguiram, em pleno inverno, tomar a fortaleza alemã de Monte Castello, onde se travou a batalha mais significativa da Força Expedicionária Brasileira. Seu relato, escrito após a noite de 21 de fevereiro, foi preservado na íntegra e se encontra no Diário:

Dia 21-02-45 - Combate de Monte Castelo, norte da Itália - *Front* dos Apeninos. O Regimento Sampaio foi escolhido para este combate. Enfermaria cheia. Quanta mutilação. Quanta Miséria. Eu estou triste. Tanta gente baixada. Quanto sofrimento; que dias cansativos. Quanta gente chegou. Enfermaria lotada, 60 leitos. Eu sofro com eles. Cuido com maior carinho destes queridos heróis. Na sala de operações o aspecto é terrível. Pedacos humanos recolhidos em carrinhos de mão e enterrados em enormes crateras nos fundos do hospital. Que coisa



terrível é a guerra. As equipes médicas se desdobraram em operações sucessivas. Os sargentos enfermeiros e nós, enfermeiras, trabalhando em horários cansativos e extenuantes. Como sofremos vendo nossos doentinhos, ainda entorpecidos pelas anestésias, dormindo sem pressentir suas mutilações. Estou escrevendo estas notas depois desta noite horrorosa que passei. Larguei meu serviço às 7 horas da manhã; já são 10 horas e o sono não vem. As mutilações me tiram o sono e, agora, em minha barraca, saturada de emoção e cansaço moral enorme, estou sem sono completamente, e me espanto escrevendo o que de dentro de mim extravasa. As chegadas foram em massa. Como sofri. São homens que nunca vi; entretanto sofro com eles. Fico em suspenso, aflita com medo que aconteça algo aos meus primos queridos amigos que se encontraram *no front*. Que competência mostram cirurgiões brasileiros e americanos, misturados na sala de operações, salvando vidas. E o sono não vem, e eu preciso me refazer para amanhã pegar forte aquela enfermaria

de doentinhos tão sacrificados. O serviço de saúde se desdobrou em sacrifícios, vigílias e competência. O material do hospital americano fartíssimo coopera para o sucesso de vidas salvas, e a competência dos médicos brasileiros e aliados, a vontade de salvar vidas humanas, triunfou.

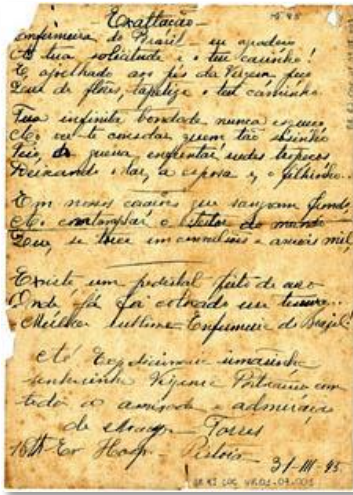
O sentimento de gratidão amenizava as agruras das batallas. Recebeu uma carta de agradecimento de um ferido, o Sargento Virgolino, do Regimento Sampaio, que bem traduziu o sentimento dos pacientes que estiveram sob seus cuidados.



Fonte: Acervo COC FIOCRUZ



Grato pela bondade com que foi tratado, outro pracinha ferido, identificado como Torres dedicou-lhe um poema²⁴.



Fonte: Acervo COC FIOCRUZ

De março a junho de 1945 ficou adida na Itália, esperando definição da data de regresso ao país. Partiu da Itália rumo ao Brasil em 11 de junho daquele ano. Foi licenciada pelo Exército, assim como a tropa brasileira que retornou à terra natal com o ideal de liberdade avivado. A

Portaria número 8.411, que os licenciava, foi publicada no Diário Oficial de 23 de junho de 1945²⁵.

ATIVIDADES NO PÓS-GUERRA

Retomou, então, suas atividades civis. Foi transferida do Instituto do Mate para o Ministério da Educação, passando a trabalhar no Departamento de Saúde Escolar, onde ficou responsável pelo Setor de Estatística. Em 1950, por força da Lei 1.209, de 25 de agosto, foi incluída na Reserva do Exército. Em seu parágrafo único, a lei em questão determinava que as enfermeiras que fizessem jus aos benefícios daquele artigo teriam direito a receber os vencimentos dos postos em que foram arvoradas desde a data da mobilização até a sua desmobilização. A Lei 3.160, de 1º de junho de 1957, incluiu, finalmente, as enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no Serviço de



Saúde do Exército, no posto de 2º tenente²⁶.

A reversão ao Serviço Ativo do Exército, doze anos após o fim da guerra, permitiu a Virgínia Portocarrero servir na Policlínica Central do Exército (atual Policlínica Militar do Rio de Janeiro), no Centro da cidade do Rio de Janeiro, até sua passagem para a reserva remunerada (aposentadoria), quando foi reformada no posto de capitão, em 1961. Neste local exerceu várias funções em diversas áreas: Clínica de Metabolismo Basal, Laboratório de Pesquisas Clínicas e Clínica de Pediatria. Foi responsável pela aplicação da vacina Salk e chefiou o Serviço de Triagem da unidade.

Batalhando pela memória da FEB nas décadas seguintes, teve grande desempenho na Associação Nacional de Veteranos da FEB (ANVFEB), sendo membro nato do Conselho Deliberativo, onde foi secretária da gestão do coronel Paulo Ramos, e adminis-

tradora do Mausoléu e do Ossuário dos Veteranos da FEB, nos cemitérios do Caju e São João Batista²⁷.

Dentre as diversas homenagens recebidas pela enfermeira destaca-se a condecoração com a Medalha de Campanha, em 1945, por ter participado de operações de guerra na Itália, sem nota desabonadora. Em 1946, recebeu a Medalha de Guerra, concedida pelo EB, por ter cooperado no esforço de guerra do Brasil. Recebeu ainda a Medalha da Cruz Vermelha Brasileira e a Medalha Mascarenhas de Moraes. Em 25 de agosto de 2017, recebeu a Medalha do Pacificador e, no mesmo ano, foi agraciada com a Medalha Serviço de Saúde da FEB. Em março de 2018, recebeu o título de Aluna Emérita do Colégio Pedro II.

Teve reiterada sua importância para o campo da enfermagem brasileira por meio do recebimento da Medalha da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto, da



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Em junho de 2018, recebeu o Prêmio Anna Nery, concedido pela Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, e, em 6 de dezembro de 2019, Virgínia recebeu, da Academia Brasileira de Medicina Militar, a medalha Marechal Marques Porto. Em 04 de Março de 2020 foi-lhe outorgado o título de Doutora Honoris Causa, sendo a primeira enfermeira a receber este título pela UNIRIO²⁸.



Virgínia Portocarrero em agosto/2019, aos 101 anos, recebendo o livro *Práticas e representações fotográficas do Serviço de Saúde brasileiro na II Guerra Mundial*

Fonte: Acervo dos autores

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do olhar da enfermeira Virgínia Portocarrero, podemos ver o engajamento de uma mulher que ressaltou, juntamente com outras enfermeiras militares, o papel das mulheres brasileiras na Segunda Guerra Mundial. A biografada reuniu no acervo publicado na Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ exemplares raros e emblemáticos para a memória histórica desse recorte temporal que trata de cuidado, de socorro e da resistência, com vontade de (co)existir.

Virgínia Maria de Niemeyer Portocarrero chegou aos 105 anos em 2022. É a única enfermeira da FEB ainda entre nós. Mulher à frente do seu tempo, escolheu o caminho da determinação, da bondade e do amor ao próximo. Superando suas dores, compartilhou afeto, atuando para o bem dos que estavam em sofrimento. Distribuiu abraços verdadeiros, apertos de mão since-



ros e sorrisos de luz. Dessa maneira conduziu sua existência e assim acha que vale a pena viver. Tida por mim (por todos nós) e por muitos como heroína, em sua difícil trajetória no curso da Segunda Guerra Mundial, com coerência e generosidade afirma categórica: “não fui heroína, cuidei dos heróis!”

BIBLIOGRAFIA

BERNARDES, Margarida et al. *Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial*: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. 2022, v. 29, n. 2, pp. 531-550. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702022000200013>. Acesso em 24 set. 2022.

BERNARDES, Margarida et al. Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio

de Janeiro, v. 29, n.2, p. 531-550, abr.-jun. 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/wrFdqPkS4J7ygX3qKTDLBQS/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em 24 set. 2022.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha, PORTO, Fernando Rocha. Vídeo. *A enfermeira que cuidou dos heróis da II Guerra Mundial*. Direção: Margarida Maria Rocha Bernardes; Fernando Rocha Porto. Brasil: Pátria Filmes, 2018. (19min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jtKeSjGSab8>. Acesso em: 15 set. 2022.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha. *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a Segunda Guerra Mundial*. 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Teixeira. Enfermeiras do Exército Brasileiro no transporte aéreo de feridos: um desafio enfrentado na 2ª Guerra Mundial. *Revista Brasileira de*



Enfermagem, Brasília, v. 60, n. 1, p. 68–72, jan.-fev. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/T3GrZ7Gm6KvmZmcCsBRfrxD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2021.

BESSA, Carlos Henrique. *Fotos e relatos da Guerra e outras memórias*. São Paulo: Ed. IPSI, 2022.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2016.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto Lei nº 10.358, de 31 de agosto de 1942* - Declara o estado de guerra em todo o território nacional. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-10358-31-agosto-1942-467907-norma-pe.html>>. Acesso em 17 set. 2022.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Lei 3.160, de 1º de junho de 1957* - Inclui no Serviço de Saúde do

Exército, no posto de 2º tenente, as enfermeiras que integraram a Força Expedicionária Brasileira, durante as operações de guerra na Itália. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-3160-1-junho-1957-355300-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em 22 set. 2022.

BRASIL. *Portaria n. 8.411*. Diário Oficial de 23 de junho de 1945.

CAMERINO, Olímpia de Araújo. *A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1983.

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In.: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CORBIN, A.; VIGARELLO, G. *História do Corpo: as mutações do olhar. O século XX*. Petrópolis: Vozes, 2011.

JUNIOR, Olival Freire; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 34 (67), Jun 2014. Dis-



ponível em:
<https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000100009>. Acesso em 12 set. 2021.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992.

LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MEDEIROS, Elza Cansanção. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987.

OLIVEIRA NETO, W. (org.). *Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial: estudos contemporâneos*. Joinville: Editora Univille, 2020.

OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra*. 2010. 301 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

REVEL, J. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Bra-*

sileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 434-444, set.-dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

ROQUE, Daniel Mata. *A Veterana*. Rio de Janeiro: AHIMTB, 2019.

ROQUE, Daniel Mata; BERNARDES, Margarida Maria Rocha; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; BLAJBERG, Israel. *Práticas e representações fotográficas do Serviço de Saúde brasileiro na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: AHIMTB, 2019.

VALADARES, Altamira Pereira. *Álbum Biográfico das Febianas*. Batatais: Centro de Documentação Histórica do Brasil, 1976.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ BESSA, Carlos Henrique. *Fotos e relatos da Guerra e outras memórias*. São Paulo: Ed. IPSI, 2022, p. 16.

² BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Ja-



neiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 189.

³ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. São Paulo: Ed. UNICAMP, 1992, p. 2.

⁴ REVEL, J. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 434-444, set.-dez. 2010. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/?lang=pt&format=pdf>>._Acesso em: 18 set. 2022, p. 438.

⁵ LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: a trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 97.

⁶ BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto Lei nº 10.358, de 31 de agosto de 1942* - Declara o estado de guerra em todo o território nacional. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-10358-31-agosto-1942-467907-norma-pe.html>>._Acesso em 17 set. 2022.

⁷ JUNIOR, Olival Freire; SILVA, Indianara. Diplomacia e ciência no contexto da Segunda Guerra Mundial: a viagem de Arthur Compton ao Brasil em 1941. *Revista Brasileira de Histó-*

ria, São Paulo, n. 34 (67), Jun 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-01882014000100009>. Acesso em 12 set. 2021.

⁸ OLIVEIRA NETO, W. (org.). *Brasil no contexto da Segunda Guerra Mundial: estudos contemporâneos*. Joinville: Editora Univille, 2020.

⁹ BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Edições 70, 2016.

¹⁰ BERNARDES, Margarida Maria Rocha; LOPES, Teixeira. Enfermeiras do Exército Brasileiro no transporte aéreo de feridos: um desafio enfrentado na 2ª Guerra Mundial. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 60, n. 1, p. 68-72, jan.-fev. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/T3GrZ7Gm6KvmZmcCsBRfrxD/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 18 out. 2021.

¹¹ Ibid.

¹² OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de. *Enfermeiras da Força Expedicionária Brasileira no front do pós-guerra*. 2010. 301 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010, p. 85.

¹³ BERNARDES, Margarida Maria Rocha. *O Grupamento Feminino de Enfermagem do Exército na Força Expedicionária Brasileira durante a*



Segunda Guerra Mundial. 2003. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003, p. 60-62.

¹⁴ ROQUE, Daniel Mata. *A Veterana*. Rio de Janeiro: AHIMTB, 2019, p. 57.

¹⁵ MEDEIROS, Elza Cansação. *E foi assim que a cobra fumou*. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1987, p. 112.

¹⁶ OLIVEIRA, op.cit., 109.

¹⁷ ROQUE, Daniel Mata; BERNARDES, Margarida Maria Rocha; OLIVEIRA, Alexandre Barbosa de; BLAJBERG, Israel. *Práticas e representações fotográficas do Serviço de Saúde brasileiro na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: AHIMTB, 2019, p. 14.

¹⁸ CORBIN, A.; VIGARELLO, G. *História do Corpo: as mutações do olhar*. O século XX. Petrópolis: Vozes, 2011, p. 365.

¹⁹ Disponível em <http://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/virginia-portocarrero>. Acesso em 26 set. 2022.

²⁰ CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In.: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

²¹ BERNARDES, Margarida Maria Rocha, PORTO, Fernando Rocha. Vídeo. *A enfermeira que cuidou dos*

heróis da II Guerra Mundial. Direção: Margarida Maria Rocha Bernardes; Fernando Rocha Porto. Brasil: Pátria Filmes, 2018. (19min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jtKeSjGSab8>. Acesso em: 15 set. 2022.

²² PORTOCARRERO apud CAMERINO, Olímpia de Araújo. *A mulher brasileira na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Capemi Editora, 1983, p. 72-76.

²³ VALADARES, Altamira Pereira. *Álbum Biográfico das Febianas*. Bata-tais: Centro de Documentação Histórica do Brasil, 1976, p. 41.

²⁴ BERNARDES, Margarida et al. *Uma enfermeira da Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial*: Fundo Virgínia Portocarrero da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz. História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]. 2022, v. 29, n. 2, pp. 531-550. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-59702022000200013>. Acesso em 24 set. 2022.

²⁵ BRASIL. *Portaria n. 8.411*. Diário Oficial de 23 de junho de 1945.

²⁶ BRASIL. Câmara dos Deputados. *Lei 3.160, de 1º de junho de 1957* - Inclui no Serviço de Saúde do Exército, no posto de 2º tenente, as enfermeiras que integraram a Força Expedicionária Brasileira, durante as operações de guerra na Itália. Disponível em



<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1950-1959/lei-3160-1-junho-1957-355300-publicacaooriginal-1-pl.html>>.
Acesso em 22 set. 2022.

²⁷ BERNARDES, 2022, op.cit.

²⁸ Ibid.

O Serviço de Assistência Religiosa (SAREx) e a sua atuação na Campanha da Itália

Marcony Vinícius Ferreira

PRIMÓRDIOS DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA NO BRASIL

Com a chegada dos portugueses a essas terras, nos idos de 1500, a fé cristã marcará inegavelmente a identidade e a cultura brasileiras. Uma nação nascida aos pés da Cruz de Cristo, cujo primeiro ato oficial e solene foi uma Santa Missa oficiada pelo Frei Henrique Soares, aos 26 de abril daquele ano. Desde aquele momento, fé e estado estiveram unidos pelas normas do Padroado Régio. Em períodos distintos, seja acompanhando expedições marítimas, ou expedições de interiorização, capelães eram envi-

ados para auxiliar as tropas, levando os sacramentos, o culto e a fé nas regiões mais remotas do território brasileiro, incluindo missões fixas junto aos fortes militares.¹

Durante o Império (1822-1889), o Exército Brasileiro contou com a Repartição Eclesiástica do Exército criada em 1850, todavia o trabalho dos capelães militares ganhou notoriedade com na Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). A fé do Comandante em Chefe das tropas brasileiras, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, a sua devoção a Imaculada Conceição, sua participação fervorosa e piedosa nas Missas e atos de religião, fizeram



com que o trabalho dos Capelães Militares naquele conflito ganhasse grande relevo. Célebre a exclamação do glorioso Patrono do Exército Brasileiro: “retirem meus generais, mas não retirem os meus capelães” mostra a importância que a fé exercia naqueles momentos críticos da vida de tantos militares. Ao final do conflito, um novo decreto imperial amplia o Corpo Eclesiástico do Exército Brasileiro tornando possível a prestação do serviço religioso em mais organizações militares espalhadas pelo país.

Com o advento da República em 1889 e a separação entre Igreja e Estado proveniente da nova constituição, o Corpo Eclesiástico do Exército foi extinto. Todavia, vários sacerdotes civis continuaram prestando auxílio religioso aos quartéis, celebrando a Páscoa dos Militares, atendendo confissões e celebrando Missas em várias organizações militares em todo o território nacional. Nos anos 30 do século

passado, durante o Estado Novo tendo já passando mais de 40 anos da ruptura entre a Igreja e o Estado, houve uma maior compreensão do sentido de que um estado laico, não significa um estado ateu, e vários laços entre as igrejas e o poder público foram estreitados.

A RECRIAÇÃO DO SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA RELIGIOSA DO EXÉRCITO

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945) trouxe consequências para além dos dois grandes grupos, Aliados ou Eixo. Com o ataque a base americana em Pearl Harbor, o continente americano passou a se posicionar com maior eloquência em favor dos aliados, isto faz com que também no Brasil, sempre se mantendo numa zona de maior neutralidade, passasse a apoiar a causa dos Aliados, todavia, ataques a navios mercadores brasileiros por for-



ças alemãs forçaram a opinião pública a pedir que o Brasil declarasse guerra ao Eixo.

Essa nova posição brasileira no cenário internacional ocasionou a participação brasileira em uma Guerra fora do América do Sul e em um conflito que envolvia as maiores potenciais políticas, econômicas e bélicas do planeta. Será neste contexto que o Serviço de Assistência Religiosa será recriado. O fato que desencadeou esta recriação foi-nos relatado pelo Dr. Gentil Palhares, ex-combatente e o principal biógrafo do Capelão Antônio Álvares da Silva, o Frei Orlando. Segundo este autor, numa parada militar de apresentação da tropa da Força Expedicionária Brasileira (FEB), o presidente Getúlio Vargas, perguntou ao então Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara, quais as impressões sobre o desfile:

A gentileza das autoridades civis e militares colocaram-me entre o Sr. Presidente e o

Almirante Aristides Guilhen, Ministro da Marinha. Ao passar a tropa, voltei-me para o Ex.mo. Sr. Presidente e arrisquei-me a observar: 'Ex.^a, está faltando uma força no desfile; vejo médicos, enfermeiras, mas nenhum capelão.' Sua Ex.^a baixou os olhos. E eu receando haver tocado em ponto delicado, voltei-me para o Ex.mo Sr. Ministro da Marinha, que então me contou já haver marinheiros do Brasil em combate na Europa. Com surpresa minha, dois minutos após, o Sr. Presidente Getúlio Vargas me fala: 'Depois de amanhã sai o decreto'- admirado, olhei Sua Ex.^a que percebeu não haver atinado com o sentido de sua frase. E, por isso continuou: - 'Sim, o decreto das Capelanias Militares'. Imagine-se o meu agradecimento à imediata solução de tão importante caso.²

Com esta decisão de Vargas foi criado de forma provisória o Serviço de Assistência Religiosa do Exército para a Força Expedicionária Brasileira (SAR/FEB). Foram selecionados 26 capelães militares, sendo 24 sacerdotes



católicos e 2 pastores protestantes. Foi nomeado como chefe do SAREx o capelão Padre João Pheneu de Camargo e Silva, a quem se atribui, graças a sua larga experiência, a confecção do primeiro regulamento do Serviço de Assistência Religiosa.

A chegada dos capelães à Capistrano, base de treinamentos, foi marcada por uma grande receptividade e entusiasmo por parte dos pracinhas e foi altamente importante para aqueles dias de árdua preparação e confinamento, no dia da apresentação dos capelães, houve uma Santa Missa oficiada pelo Frei Orlando, em cuja homilia tocou diretamente os ouvintes e já demonstrou a grandeza de sua personalidade e raridade de sua alma. "A presença dos capelães nos campo de treinamento foi motivo de comemoração entre as tropas"³.

Naqueles dias de preparação havia Santa Missa, recita do terço, confissões e comunhões, ini-

ciava assim o Serviço de Assistência religiosa no período republicano. Durante a viagem nas embarcações, várias Missas eram oficiadas durante o dia, com número aproximado de 300 pessoas por cerimônia, muitas confissões aconteciam, muitas comunhões e até mesmo vários pracinhas receberam a primeira comunhão ou foram batizados durante a viagem,

O sucesso das ações dos capelães militares durante a Campanha na Itália fez com que em 1946, o Serviço de Assistência Religiosa do Exército fosse criado de forma permanente e a repercussão da vida e virtude do Capelão Frei Orlando, "capelão que não voltou" fez com que o Exército o escolhesse como Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, com um pouco mais de um ano da sua morte, feito inédito até hoje.



O CAPELÃO QUE NÃO VOLTOU

Sem desmerecer os feitos dos outros capelães militares, é justo destacar a figura do Capitão Antônio Álvares da Silva, o Frei Orlando, a quem com muita justiça o Exército nomeou como Patrono do SAREx⁴.

Falar da FEB e ao mesmo tempo falar do SAREx sem mencionar este grande vulto militar e religioso seria uma omissão grave. Frei Orlando, Soldado de Cristo e do Brasil, é um grande modelo para todos os capelães militares, mas também para todos os militares de fé, é alguém no qual podemos ver com tida clareza a grandiosidade e a importância que o SAREx teve na Campanha da Itália em especial junto aos nossos soldados da FEB.

O livro de Gentil Palhares, *Frei Orlando: o capelão que não voltou* é, sem sombra de dúvida, uma leitura obrigatória para todos aqueles que querem conhecer a

figura, a vida e os feitos do Frei Orlando, mas é também o relato testemunhal de quem foi “ovelha do redil” e pode conviver, conhecer, aprender e ser cuidado por um pastor tão zeloso, um verdadeiro cura de almas. Ler os relatos nos fazem penetrar na atmosfera daqueles difíceis dias, e perceber o quanto foi importante não somente a atuação do Frei Orlando, mas de todos do SAREx na vida daqueles soldados distantes não apenas de suas famílias, mas também de sua Pátria: “por mais terras que eu percorra não permita Deus que eu morra sem que eu volte para lá”, nos diz a Canção da FEB. De acordo com o seu principal biógrafo,

Frei Orlando prestou, heroicamente, toda a assistência de sua religião aos nossos companheiros, vítimas do cumprimento do dever. Não se punha à retaguarda nem se conformara em ser mero espectador de um duelo. Ia assim procedendo, cumprimento rigorosamente os seus de-



veres para com Deus e a Pátria, o que para nós não constituía segredo nem surpresa, dando o nosso amigo exuberante demonstração do seu profundo sentimento cristão e cívico.⁵

O REGULAMENTO DO CAPELÃO MILITAR NA FEB

Um documento importante deste período é o regulamento do Serviço de Assistência Religiosa do Exército na Força Expedicionária Brasileira, escrito pelo Capelão Chefe do SAR/FEB, o Padre João Pheeney de Camargo e Silva, este documento de 122 páginas, escrita por um capelão inteligente, zeloso e experiente funcional como um manual de campanha para os novos capelães recém-incorporados e trazia recomendações claras e objetivas sobre a atuação do capelão e as particularidades do seu trabalho.

No regulamento se encontra a finalidade do Serviço de Assistência Religiosa SAR/FEB: “a)

Fornecer os meios para o serviço religioso público para o pessoal militar. b) Dar ajuda espiritual, conselhos morais e direção religiosa àqueles que estão sob a jurisdição militar”⁶.

Sobre a seleção dos candidatos, rege o documento: devem ser obrigatoriamente cidadãos do sexo masculino, entre 23 e 34 anos; estar regularmente ordenado e acreditado por uma seita ou organização religiosa que tenha direito a capelães, de acordo com a necessidade de serviço; ter quatro anos de “college” e 3 anos de curso teológico em seminário; estar realizando ativamente a sua função religiosa e ter pelo menos 3 anos de exercício⁷.

O Regulamento é uma fonte riquíssima para compreender a atuação do Capelão Militar na FEB. Das recomendações deste documento, destacamos a dedicação exclusiva dos capelães à assistência religiosa, “quando for praticável, devem ser levados a efeito serviços iguais aos domini-



cais, durante a semana. É importante que seja desfeita a opinião de que a religião deve ser limitada somente a pequenos períodos de nossas vidas”⁸.

A ATUAÇÃO DO CAPELÃO MILITAR

O SAR/FEB apresenta como primeira atuação do Capelão Militar o aspecto cultural, missas, cultos, recepção de sacramentos e orações em comum, "nestes serviços o capelão deve procurar suprir as conveniências e demandas dos soldados, porém, deve dissociar o seu programa dos programas seculares, a fim de manter um ideal religioso salutar e obter os melhores e maiores resultados”⁹.

O estudo de Anysio Henriques Neto *A religião no Exército Brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra*, apresenta as atividades do Cape-

lão divididas em dois eixos: “divididos entre as tarefas militares e religiosas, os capelães atuam desta forma tanto quanto militares como quanto clérigos.” Assim, os serviços de natureza militar se restringiam à adequação das normas do Exército e às tarefas administrativas supervisionadas pelo capelão-chefe, como a confecção de relatórios de batismos, casamentos, cerimônias religiosas regulares, dentre outros. Já os serviços de natureza religiosa, eram definidos de acordo com as necessidades do contexto que o capelão estava inserido, que poderia incluir missas ou cultos evangélicos, aconselhamento espiritual individual ou coletivo, sepultamentos, cerimônias em datas comemorativas, funerais oficiais, etc.

No quartelamento, nos hospitais, entre os feridos no *front* de combate ou junto ao serviço funerário o “capelão é o homem de Deus dentro da caserna, deve ser a presença de Cristo no meio



dos militares. Sua conduta deve transparecer mansidão, humildade, misericórdia, bom senso”¹⁰. Sobre a atividade do capelão nos hospitais, reza o Regulamento:

Quando levando a efeito seus humanitários deveres no hospital ou na enfermaria, o capelão deve manter na mente o fato de que está num quadro de relações - com Deus, com o paciente, com a família e com as autoridades do hospital - que o obrigam a uma contínua lembrança da sua divina missão, bondade para com os doentes, simpatia para com os parentes e a maior consideração possível com os médicos e auxiliares.¹¹

No serviço funeral, o capelão não era apenas o responsável pela cerimônia religiosa, mas também era sua missão comunicar a morte aos familiares e o encaminhamento dos pertences pessoais aos familiares do militar falecido. Sobre esse assunto, Adriane Piovezan, em sua tese de doutorado, apresentou uma lista

dos objetos encontrados junto aos soldados tombados em batalha, a grande maioria levava consigo diversos elementos religiosos. Entre as ocorrências mais frequentes aparecem: 84 meda-lhas religiosas, 47 estampas de santos, 34 crucifixos, 32 orações, 31 quadros religiosos, 27 Manuais de Orações, 23 Rosários, 11 imagens religiosas, e 9 relíquias religiosas¹².

Será no *front* que o trabalho dos capelães será ainda mais exigente, dado o contexto em especial da proximidade com a morte. Os militares tinham que lidar ao mesmo tempo com a morte de um companheiro e a possibilidade de perder a própria vida. A presença do capelão além de ser um conforto diante da morte, era um sinal de esperança da proteção divina. Sobre este trabalho menciona Frei Orlando:

Desde que vim para a linha de frente, estou sempre no Posto de Saúde avançado, a fim de atender aos feridos que che-



gam do campo de luta. De fato vivo zanzando por toda a parte, hoje aqui, amanhã ali, dormindo ora neste, ora naquele lugar, sempre em primeira linha, Até hoje, graças a Deus, nada sofri. Ao contrário, estou sempre disposto, alegre e sempre animando a turma.¹³

UM EXEMPLO DA IMPORTÂNCIA DO CAPELÃO

Um fato digno de nota foi registrado pelo Capelão Católico da FEB, o Padre Jacob Emílio Schneider em seu livro, *Vivência de um ex-capelão da FEB*. De acordo com ele, certo dia após um ataque alemão às unidades avançadas, a tropa foi contagiada por uma situação de agitação que estava atingindo o moral. Diante desse acontecimento, o capelão-chefe da FEB, tenente-coronel Padre João Pheeney de Camargo e Silva, dirigiu-se ao local do combate com o objetivo de, através dos ensinamentos da fé cris-

tã, persuadir os soldados e elevar a confiança de todos em um momento de pânico.

Num dia de azar para nós, um contra-ataque alemão atropelou com tal violência uma de nossas unidades avançadas, que começou a estabelecer-se a desordem em nossas linhas. Mas o nosso capelão-chefe, advertido do sinistro, partiu célere para o local da luta, desarmado e a peito descoberto, gesticulou e animou de tal forma a tropa, que, tenho certo não fosse ele, os soldados teriam voltado as costas ao inimigo. Você sabe o que é um pânico em combate. Pois, meu amigo, o capelão-chefe sozinho salvou neste dia a tropa dessa ignomínia.¹⁴

A importância do Capelão Militar durante a guerra ia sempre muito além de uma atividade religiosa ligada somente ao culto ou a práticas religiosas, vemos nesse caso e em tantos outros relatos de ex-combatentes que os capelães foram imprescindíveis para o moral da tropa brasileira, atuando não só de forma coleti-



va, mas na maioria das vezes de forma individual, sendo o auxílio certo e necessário em cada situação. O Padre João Pheeneey, capelão-chefe do SAR/FEB, emocionou a todos na Santa Missa em 29 de outubro de 1944, na Catedral de Pisa, com a intenção pela vitória dos aliados e pelo fim da guerra. Esta Santa Missa foi divulgada na BBC de Londres com o título de “Ecos de uma Missa memorável”. Em sua homília, transcrita pelo cronista Sílvio da Fonseca, destacamos:

Meses atrás, ecoou uma voz que nos chamava às armas [...] era a voz do nosso querido Brasil. Tinha sido ferido em sua honra [...] atacado na pessoa de seus filhos [...] e clamava em alta voz, procurando quem o defendesse [...] quem reparasse o mal feito a seus estremecidos filhos que tombaram inocentemente. Ouvimos estava voz, tão nossa conhecida; era a voz de nossa mãe, ela tocou as fibras mais delicadas de nosso coração; e para nós, não houve dúvidas: aqui estamos com o entusi-

asmo e ardor de nosso são patriotismo, incondicionalmente nos entregamos, para que não sejam nunca desmentidas as palavras do nosso patrono, o Duque de Caxias: Disciplina, resignação, constância e valor, são virtudes inatas no soldado brasileiro¹⁵.

O CAPELÃO MILITAR EM MEIO À GUERRA: UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO

A partir de vários relatos dos “pracinhas”, dos oficiais e daqueles que exerceram funções de comando é inegável a importância da Capelania Militar durante a Segunda Guerra Mundial. O principal desdobramento desta experiência de sucesso foi a criação em forma permanente do Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas, com o Decreto Lei nº 8.921, de 26 de janeiro de 1946¹⁶.

Um testemunho eloquente é do próprio comandante da FEB, o



então General João Batista Mascarnhas de Moraes,

O Serviço religioso [...] buscou fortalecer as convicções, a noção de responsabilidade e o espírito de sacrifício, sem o qual nada se poderia obter¹⁷.

O General Mascarenhas confidenciou ao capelão Padre Alberto da Costa Reis, a importância da sua fé naqueles momentos mais importantes da sua vida e da sua carreira militar.

Capelão, antes de ver no senhor o tentente, vejo o padre. Sou um homem de fé. Sou católico, e busco na minha religião a força que preciso para bem cumprir os meus deveres de cristão e de soldado. Como soldado, aprouve a providência de colocar-me à frente da FEB, como seu comandante. Deus não me tem faltado com a sua ajuda. Diariamente, peço-lhe a serenidade necessária para suportar as críticas e as incompreensões a que não está imune um comandante. Sempre pautei meus atos pelos princípios da minha reli-

gião. Na Eucaristia, busco as energias para transpor os obstáculos e vencer as dificuldades inerentes à minha missão. Contudo, em meio a todas estas dificuldades, próprias de um comando, eu confio em mim, porque confio em Deus, Capelão. E assim será até sempre.¹⁸

A fé alimentada pelos capelães católicos e protestantes foi importantíssima para manutenção e elevação do moral da tropa, para a coesão entre os militares, para a luta pela vitória e, em especial, para manter viva a esperança do retorno para casa, conforme consta no depoimento do Sargento Rubens Leite de Andrade:

Deus é brasileiro, Ele nos ajudou muito e nos orientou. Nossos capelães também nos confortaram. Sempre que havia oportunidade armavam o altar e rezavam a Missa, da qual participávamos com fé em Deus para que voltássemos ao Brasil, para que não fôssemos feridos. Todo mun-



do, numa hora dessas, tem fé¹⁹.

O Sargento Munguba, de fé evangélica, também relata a importância da fé e dos capelães:

A assistência religiosa também não podia ir à frente. Mas, antes de entrar em combate, havia sempre um jeito de recebê-la. Os capelães, padre e o evangélico, faziam reuniões conosco, antes de irmos para a linha de frente, ainda no acampamento. Essas reuniões eram muito úteis. Para mim, foram de vital importância.²⁰

Um dos mais belos momentos de testemunho público de fé foi a procissão de Nossa Senhora Aparecida realizada em Pisa, em comemoração à Padroeira do Brasil:

Eram cerca de 10.000 homens, foi realizada em Pisa uma procissão belíssima. Os soldados transportaram uma imagem de Nossa Senhora Aparecida, cheios de unção,

cantando cânticos aprendidos na infância em suas paróquias do interior. Os italianos assistiram, extasiados, àquele desfile triunfal de soldados desarmados, cujo troféu era a imagem daquela Virgem Negra do Brasil.²¹

Mesmo estando em número menor, os capelães protestantes 1º Tenente João Filson Soren e o 1º Tenente Juvenal Ernesto da Silva deram grandes contribuições ao SAR/FEB e possuem feitos relevantes para a história dos capelães militares, como da própria FEB. Sobre sua atuação o Capelão Juvenal concedeu entrevista à revista *A Voz Missionária* dizendo que “sua função era a de confortar os feridos, os enfermos, visitar, levando palavras de conforto tanto para os que iam para a frente de combate como para aqueles que estavam à espera de serem chamados para a luta.”²²

Todos esses testemunhos, e a atuação dos capelães militares fizeram com que o então Cel Flo-



riano de Lima Brayner, Chefe de Estado Maior da FEB afirmou:

O meu parecer é este: os capelães se identificaram tanto com a tropa, e esta com eles, que o Exército jamais poderá dispensá-los, nem na guerra, nem na paz.²³

O próprio Comandante da FEB afirmou:

Eficiente tem sido a atuação do Serviço Religioso. Os capelães Brasileiros, seguindo o exemplo daqueles padres que sempre se encontravam onde uma ânsia de liberdade surgia no solo pátrio, acorreram céleres ao chamado para acompanhar a tropa brasileira ao teatro da luta pela liberdade do Mundo.²⁴

Sobre a atuação dos capelães, o General Mascarenhas menciona a colaboração dos capelães nas ações de comando: "Acompanhando com desvelo a vida do soldado, fortalecendo-lhe a convicção na dignificante missão que veio executar tão longe da Pátria, confortando-o nos momentos de

crise com palavras de amigo ou com os sacramentos da Igreja, esses pastores de alma têm grandemente auxiliado a ação do comando"²⁵.

O elogio do Comandante da FEB ao trabalho da Capelania da chancela com autoridade o profícuo trabalho dos capelães e o êxito do Serviço de Assistência Religiosa em apoio ao Exército Brasileiro durante a Campanha da Itália:

Pensamento voltado para Deus e para o Brasil, sua permanente preocupação consiste em manter, no combatente, o fogo sagrado da fé Cristã e o amor ao solo bendito de nossa terra. Alentando os feridos na frente de combate ou nos hospitais, aplicando-lhes os socorros espirituais tão necessários, esses missionários da Paz têm muito feito pelo bom êxito da FEB na Guerra. Merecem a admiração respeitosa de todos os que aqui lutam e a veneração de nossa gente de além-mar.²⁶



BIBLIOGRAFIA

BRASIL - Câmara dos Deputados. *Decreto Lei n. 20.680, de 28 de fevereiro de 1946* - Institui patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército o Capelão Militar Capitão Antônio Álvares da Silva. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20680-28-fevereiro-1946-330543-norma-pe.html>>. Acesso em 20 fev. 2023.

BRASIL - Câmara dos Deputados. *Decreto-Lei nº 8.921, de 26 de Janeiro de 1946* - Institui em caráter permanente o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8921-26-janeiro-1946-416859-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 20 fev 2023.

BRASIL - Exército Brasileiro. *Regulamento SAR/FEB*. Arquivo Histórico do Exército - Seção/FEB. 1944. Cx 355.

COSTA, Graciete Guerra da. *Fortes portugueses na Amazônia brasileira*. 2015. 142 f., il. Trabalho final (Pós-doutorado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

HENRIQUES NETO, Anysio. *A religião no Exército Brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra*. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2011.

LIMA, Rogério de Carvalho. *Capelães da FEB: a participação histórica da Capelania Militar do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021.

MERON, Luciano Bastos. *Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB*. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

MORAES, João B. Mascarenhas de. *Memórias*. São Paulo: Instituto Progresso, 1947.



O Cruzeiro do Sul, n. 3 - Ano I, 10 jan. 1945.

PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982.

PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções no Brasil (1944-1967)*. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

Revista do Exército Brasileiro, v. 120, n. 4, out./dez.1983.

SCHNEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um ex-capelão da FEB*. Curitiba: Rosário, 1983.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ Sobre este assunto, ver COSTA, Graciete Guerra da. *Fortes portugueses na Amazônia brasileira*. 2015. 142 f., il. Trabalho final (Pós-doutorado em Relações Internacionais) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

² CAMARA, Jaime de Barros apud PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Rio de Janeiro:

ro: Biblioteca do Exército, 1982, p. 201-202.

³ HENRIQUES NETO, Anysio. *A religião no Exército Brasileiro: memória e plausibilidade na identidade dos soldados da FEB a partir da experiência de guerra*. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora: 2011.

⁴ BRASIL- Câmara dos Deputados. *Decreto Lei n. 20.680, de 28 de fevereiro de 1946* - Institui patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército o Capelão Militar Capitão Antônio Álvares da Silva. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20680-28-fevereiro-1946-330543-norma-pe.html>>. Acesso em 20 fev. 2023.

⁵ PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982, p. 93.

⁶ BRASIL. Exército Brasileiro. *Regulamento SAR/FEB*. Arquivo Histórico do Exército - Seção/FEB. 1944. Cx 355. p. 9.

⁷ *Ibid.*, p. 13.

⁸ *Ibid.*, p. 29

⁹ *Ibid.*

¹⁰ LIMA, Rogério de Carvalho. *Capelães da FEB: a participação histórica da Capelania Militar do Exército Bra-*



sileiro durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945). Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2021, p. 64.

¹¹ BRASIL, 1944, op.cit., p. 45.

¹² PIOVEZAN, Adriane. *Morrer na guerra: instituições, ritos e devoções no Brasil (1944-1967)*. 2014. 298 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. p. 143.

¹³ PALHARES, op.cit., p. 151.

¹⁴ SCHNEIDER, Jacob Emílio. *Vivência de um ex-capelão da FEB*. Curitiba: Rosário, 1983, p. 82-83.

¹⁵ SILVA, João Pheeny Camargo e apud *O Cruzeiro do Sul*, n. 3 - Ano I, 10 jan. 1945, p. 3.

¹⁶ BRASIL - Câmara dos Deputados. *Decreto-Lei nº 8.921, de 26 de Janeiro de 1946* - Instituí em caráter permanente o Serviço de Assistência Religiosa nas Forças Armadas. Disponível em

<<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8921-26-janeiro-1946-416859-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 20 fev. 2023.

¹⁷ MORAES, João B. Mascarenhas de. *Memórias*. São Paulo: Instituto Progresso, 1947, p. 129.

¹⁸ *Revista do Exército Brasileiro*, v. 120, n. 4, out./dez.1983, p. 219.

¹⁹ ANDRADE, Rubens Leite de. Apud MERON, Luciano Bastos. *Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB*. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 101-102.

²⁰ MUNGUBA, Silas de Aguiar. Apud MERON, Luciano Bastos. *Memórias do front: relatos de guerra de veteranos da FEB*. 2009. 160 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009, p. 102.

²¹ VIOTTI, Cássio Abranches. Apud LIMA, Rogério de Carvalho. *Capelães da FEB: a participação histórica da Capelania Militar do Exército Brasileiro durante a Segunda Guerra Mundial (1944-1945)*. Rio de Janeiro: BIBLI-Ex, 2021 p. 89.

²² *A Voz Missionária*. Apud: LIMA, op.cit., p. 57.

²³ BRAYNER, Floriano de Lima. Apud: SCHNEIDER, op.cit.

²⁴ MORAES, op.cit., p. 313.

²⁵ *Ibid.*, p. 313.

²⁶ *Ibid.*, p. 314.

Feitos, vida e morte do capitão capelão Frei Orlando

Claudio Skora Rosty

*Passei minha vida sempre rindo, embora tivesse muitos motivos para chorar...*¹

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa faz parte do X Seminário Nacional sobre a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, realizado no auditório do Colégio Militar do Rio de Janeiro, com o tema: Os Serviços de Apoio Logístico, Saúde e Assistência Religiosa da FEB.

A Força Expedicionária Brasileira (FEB), composta por cerca de vinte e cinco mil homens atravessou o Oceano Atlântico, o Mar Mediterrâneo e combateu os nazifascistas em terra italiana, no vale do rio Serchio, nas montanhas dos Apeninos e no vale do rio Pó, libertando quase meia centena de vilas e cidades, per-

correndo mais de quatrocentos quilômetros e aprisionando cerca de vinte e cinco mil inimigos.

Após alguns anos de pesquisas em fontes primárias, arquivos, bibliotecas e baseado em relatos pessoais de seus companheiros, seminaristas de Divinópolis, conhecidos das cidades de Abaeté, São João Del Rei e amigos febianos do Regimento Tiradentes (11^o Regimento de Infantaria – 11^o RI) e também, em pesquisa documental realizada, no dossiê de Frei Orlando, na sede provincial dos frades Franciscanos, em Carlos Prates², no Museu da Associação Nacional de Veteranos da FEB-Seção Belo Horizonte e no Seminário Seráfico de Santos



Dumont, onde estão os uniformes, medalhas e terços do Frei Orlando, consegui preparar este trabalho, que mostra quem foi o Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército Brasileiro (SAREx).

OBJETIVO

Este trabalho visa apresentar os feitos, a vida e a morte de um herói religioso mineiro, que se notabilizou, não só por confortar almas guerreiras, mas também a de civis, por exercer a caridade em todos os momentos, por salvar vidas, levando sempre sua palavra amiga aos companheiros, trazendo a paz de Deus e esperanças em momentos difíceis na Campanha da Itália durante a Segunda Guerra Mundial.

De maneira que, o menino órfão de Morada Nova, Antônio Alvares da Silva "Tonho", ficou conhecido como o "Francisco de Assis Brasileiro", "o Missionário

da Caridade", "o Pai dos Pobres" e por fim "o Patrono de Serviço de Assistência Religiosa do Exército" (SAREx).

INFÂNCIA E DESPERTAR DA FÉ

Antônio Alvares da Silva nasceu na cidade de Morada Nova de Minas, no Estado de Minas Gerais, em 13 de fevereiro de 1913, sendo o caçula dentre os nove filhos do comerciante Itagyba Alvares da Silva e de Dona Jovita Aurélia da Silva. Com apenas um ano de idade perdeu sua mãe, durante as complicações de parto. Dois anos mais tarde, viria a perder seu pai, vítima de um assassinato. Assim, o pequeno Antônio foi criado e educado por seus vizinhos: o farmacêutico Sebastião de Almeida Pinho e a Dona Emirena Teixeira Pinho, velhos amigos de seus falecidos pais.

Em 18 de março de 1913 foi batizado na Igreja Nossa Senhora



de Loreto. Aos sete anos foi matriculado no Grupo Escolar Prof. Rafael Barroso, atualmente Escola Estadual Frei Orlando. Por falta de professor, foi morar em Abaeté, sendo matriculado na Escola Estadual Frederico Zacarias.

Passou a ser assíduo frequentador do catecismo, repicando os sinos da matriz Nossa Senhora do Patrocínio de Abaeté, onde fez a Primeira Comunhão. Em 1922 tornou-se coroinha, e em contato com os Franciscanos decidiu, por conta própria, seguir para o Seminário de Divinópolis.

SERVO DE DEUS

Aos 12 anos de idade, em 1925, ingressou no Colégio Seráfico de Divinópolis, hoje Museu Histórico de Divinópolis, para cursar o Seminário Menor, atual ensino fundamental, onde teve diversificada formação intelectual, esportiva e recreativa.

Passados os anos, em 1930 seguiu para a Holanda, a fim de prosseguir em seus estudos, ingressando na Ordem Franciscana. Seu sonho era um dia poder ser missionário na China. Fez o sexto ano do Seminário Menor no Colégio Seráfico de Sittard, recebendo o noviciado em Hoogcrutz, o hábito marrom, com o grande cordão de três nós, representante da profissão perpétua de “obediência, pobreza e castidade”. Estudou dois anos de filosofia em Venray e um ano de teologia no convento de Alverna, onde passou a adotar o nome religioso de “Orlando”.

No final de setembro de 1935, regressou da Holanda, após o término de seus estudos no exterior. Ao chegar em sua cidade natal, os sinos de Morada Nova anunciaram o retorno de Antônio Alvares da Silva, agora como Frei Franciscano “Orlando” – “primeiro frei Franciscano Mineiro”. Dias depois de haver desembarcado no Brasil, deu início



ao seu trabalho de caridade em prol dos mais necessitados. Ao mesmo tempo, prosseguiu estudando teologia em Divinópolis, onde era conhecido pelo seu espírito alegre e jovial e por seu cachimbo.

Em 24 de outubro de 1937, dois anos após seu regresso e com 24 anos de idade, foi ordenado sacerdote franciscano no Santuário de Santo Antônio de Divinópolis. Sua família esteve presente e continuava unida. Suas irmãs, o presentearam com cinco margaridas, cada margarida representava cada uma delas. No dia 1º de novembro, na Igreja São Francisco das Chagas, em Carlos Prates, Frei Orlando celebrou a sua primeira missa no subsolo da edificação ainda inconclusa.

A VIDA RELIGIOSA EM SÃO JOÃO DEL REI

Em dezembro de 1938, foi nomeado padre espiritual do

Colégio de Santo Antônio, da cidade de São João Del Rei, onde prosseguiu na senda sacerdotal no templo São Francisco de Assis, marcando sua vocação à caridade e aos misteres da igreja, percorrendo a comunidade com sua bicicleta holandesa.

Nessa escola, como diretor na Ordem Terceira, passou a lecionar Português, Geografia e História Geral, e tornou-se um autêntico missionário da caridade, arregimentando, para sua causa, voluntários da cidade, como foi o caso da enfermeira Afrinha. Nessa época immortalizou seu trabalho ao implementar a obra caridosa da "Sopa dos Pobres".

Com o propósito de atender ao maior número possível de necessitados, Frei Orlando solicitou o apoio do 11º Regimento de Infantaria - 11º RI, hoje 11º Batalhão de Infantaria de Montanha. No mesmo dia, o boletim interno da unidade, publicava a relação dos militares voluntários que contribuiriam para socorrer



a prestimosa obra assistencial da “Sopa dos Pobres”.

Fundou e orientou a Congregação Mariana, formada pelos alunos do Colégio Santo Antônio. Como seu diretor, “impunha-se ele à mocidade de modo categórico, porém suave, elevando a espiritualidade a um nível até então desconhecido”.

Prestou ainda memoráveis serviços em cidades do interior da Bahia, Caravelas, Nova Viçosa e Alcobaça, estendendo suas obras religiosas e assistenciais, executando mais de cem primeiras comunhões. Participou com seus amigos e fiéis de um grande Congresso Eucarístico. O qual rendeu inúmeras fotos com seus seguidores.

Na sede da Ordem Franciscana “Província de Santa Cruz”, em Carlos Prates, estão documentadas as transferências internas do Frei Orlando, onde em 1º de março de 1943 foi movimentado de São João Del Rei para a paróquia de Nossa Senhora do Patro-

cínio de Abaeté, em substituição ao Frei Clemenciano, ocupando a casa da família. Em 1º de janeiro de 1944, ainda em Abaeté, foi nomeado Comissário da Ordem Terceira para Minas Gerais. E, finalmente, em 6 de julho foi desligado de Abaeté, para se apresentar como voluntário no 11º RI.

A SERVIÇO DE DEUS E DA PÁTRIA – INCORPORAÇÃO

Em 1939, teve início a Segunda Guerra Mundial, quando o mundo assistiu de forma perplexa as ações da Alemanha de Hitler na Europa. Em dezembro de 1941, a guerra chegou ao continente americano com o ataque japonês a Pearl Harbor.

Em 22 de agosto de 1942, o Brasil rompeu relações diplomáticas com o Eixo. Diversos navios mercantes brasileiros foram afundados por submarinos alemães e italianos, fazendo com



que o país entrasse na guerra. A FEB foi criada em 9 de agosto de 1943, com a constituição da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária, o 11º Regimento de Infantaria ocupou os barracões do Morro Capistrano, na Vila Militar do Rio de Janeiro, de onde partiu em 22 de setembro, com destino ao Velho Mundo.

Nesse contexto, Frei Orlando apresentou-se voluntariamente, sendo nomeado capelão militar. Abandonou sua vida pacífica do claustro, a solidão das celas franciscanas e a paz dos templos, pela vida agitada e incerta das atividades militares, a fim de atender sua vontade de bem servir à causa do Brasil e ao santo mistério de Deus, na guerra. Declarou a um amigo que era uma missão que recebeu de Nossa Senhora, e sabia que não iria voltar.

Na manhã de 20 de julho surgiu no acantonamento, risonho e feliz, aquele que, como tenente da Companhia de Comando re-

gimental, levaria conforto e apoio espiritual aos guerreiros da Força Expedicionária Brasileira, empunhando apenas duas armas: um cachimbo e uma gaita, com a qual anunciava a hora de rezar o terço. Além da missão de defender a Pátria, levando aos combatentes a palavra de Deus, dava ânimo e motivação aos que se viam em desespero e até revoltados, ante o quadro de caos produzido pelo próprio homem.

Quando vestiu o uniforme de capelão militar no posto de tenente, sentiu a diferença. Seu garbo e sua postura impunham respeito e só era identificado como padre pelo distintivo da cruz na gola da túnica. Na missa de despedida, no templo de São Francisco de Assis, ressaltou sua satisfação de servir a Deus e à Pátria: “Hoje é o dia mais feliz de minha vida, completei o meu ideal: sou agora, soldado de Deus e da Pátria”³.

Em 31 de agosto na Vila Militar escreveu carta profética para



suas irmãs (Carta das Margaridas) para ser aberta somente após a sua morte, na qual previa que não iria retornar com vida do campo de batalha. Nesta carta está sua celebre frase “Passei minha vida sempre rindo, embora tivesse muitos motivos para chorar”⁴.

AO SERVIÇO DE DEUS E DA PÁTRIA – A FEB NA ITÁLIA

Em 22 de setembro o navio norte-americano *General Meighs* zarpou com os “pracinhas” em direção a Itália. Durante o deslocamento, os expedicionários do 2º Escalão da FEB, ficaram sabendo das primeiras vitórias do Destacamento FEB no vale do rio Serchio e o destino desta viagem marítima. Apesar de pouca convivência com todos os integrantes do “Onze RI”, Frei Orlando já se apresentava perfeitamente entrosado com os oficiais e praças.

Para o capelão não havia obstáculos que o impedissem de realizar suas tarefas religiosas. Certa vez celebrou uma missa em um dos compartimentos do navio, improvisando um altar em cima dos sacos de bagagem, utilizando sua maleta de extrema-unição que continha todo o material necessário para o culto. Em umas das homilias, ainda embarcado, disse: “Vocês pensam que isto aqui é carnaval? Nós estamos indo para uma guerra e a metade é capaz de não voltar. Eu, em todo caso, não volto vivo”⁵.

No dia 6 de outubro de 1944, os “pracinhas” atracaram no porto de Nápoles, de onde seguiram para a Tenuta de San Rossore, a oeste da cidade de Pisa. Depois de instalada completamente a capelania, os capelães celebraram a primeira missa em solo italiano na capelinha construída pelos brasileiros. Terminadas as orações, estavam rodeados de jovens em busca de alimentos. Eram italianos famintos, devido à



miséria da guerra. Frei Orlando logo se pôs a ajudar os necessitados, com mantimentos recolhidos dos "*pracinhas*", proporcionando conforto e esperança. Dias mais tarde, com o auxílio de uma freira, Frei Orlando organizou um asilo improvisado na cidade de Pisa, não dispondo de outros recursos para mantê-lo, senão o de valer-se da caridade dos soldados. No asilo, eram lavadas as roupas dos militares em troca de alimentos.

O Regimento Tiradentes, nos últimos dias de novembro, após o insucesso do primeiro e do segundo ataques da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária a Monte Castello, foi retirado apressadamente da situação de treinamento para a frente de combate. O Segundo Batalhão, onde se encontrava o Frei Orlando, foi o segundo a se deslocar para as montanhas dos Apeninos e, à meia noite de 2 para 3 de dezembro, chegou à localidade de Silla, e a capelania ocupou uma

velha casa no sopé da colina. Iniciara-se o período da defensiva de inverno.

DO EB AO EXÉRCITO CELESTIAL – SOLDADO DA FÉ

Frei Orlando fazia questão de estar nas primeiras linhas de combate. Não se acomodava esperando na retaguarda, numa posição meramente passiva. Dizia ele que nossos companheiros não podiam tombar sem assistência espiritual. Com galochões contra a neve, encapotado e com capacete de aço e fibra enterrado na cabeça, progredia deitando-se aqui e ali para ocultar-se das vistas inimigas. Fazia questão de ver de perto as nossas posições avançadas e o estado moral dos soldados. Animava-os com seu idealismo inabalável. Resoluto e afoito, parecia ir ao encontro da morte, expondo-se, arriscando sua própria vida, como se fosse invulnerável aos tiros do inimigo.



Dupla incumbência tomara para nos campos sangrentos da Itália: cuidar da alma dos soldados brasileiros e socorrer as famílias italianas. Em uma noite escura e ao som de macabros obuseiros inimigos, nasceu um *bambino*, que foi batizado pelo nosso capelão e passou a se chamar Orlando Rafael. Orlando, nome do capelão e Rafael, do comandante da Companhia de Comando regimental. Foi o último batismo celebrado por Frei Orlando.

Certa vez, realizou visita ao Papa Pio XII, que fez concessão especial ao Frei Orlando, autorizando-o a celebrar uma missa na Catedral de São Pedro. Ao sair da basílica, na porta do templo, Frei Orlando disse ao seu comandante de companhia e amigo capitão Rodarte:

Meu caro Rodarte, penso que não voltarei ao Brasil, e se tal acontecer, quero pedir-lhe para que seja enterrado com o hábito de franciscano e com

o capuz na cabeça. Desejo, ainda, que meu altar portátil, a coleção de vida dos Papas, o meu cachimbo e a minha gaita sejam entregues aos Franciscanos de São João Del Rei⁶.

Frei Orlando continuava nas suas andanças pelos morros, atingindo as posições, querendo ver de perto o que se passava. A fim de ser protegido dos perigos da guerra, foi deslocado para o Posto de Saúde Avançado, com o intuito de atender aos feridos que chegavam do campo de batalha, sendo comissionado nessa época ao posto de capitão. Jeitão de Oficial.

Certa vez, nas imediações de Pisa, os oficiais o convidaram para uma "farra", e ele, dando uma baforada de seu cachimbo, para surpresa de todos aceitou. Foram se arrumar. Todos vieram fardados e, para surpresa deles, o capelão apareceu de hábito franciscano. Todos retrucaram e ele respondeu: "Saibam os senhores, meus patrícios, que, onde não



pode entrar este hábito, também não pode e não deve entrar a farda do nosso Exército”.

O Expedicionário de Divinópolis, Vicente Valério, que foi instrutor de manejo de viatura (jipe), ao escrever para sua mãe, contou que dois dias antes da morte de Frei Orlando manteve com ele o seguinte diálogo: “Ó Frei, o senhor está gordo e forte”. Ao que ele retrucou, bastante tranquilo e bem humorado: “Mas não vou viver nem mais oito dias”.

A retomada dos combates coincidia com o degelo da neve. Era fevereiro, e o objetivo era romper a Linha Gótica, com a 10ª Divisão de Montanha norte-americana e a 1ª DIE abrindo caminho da Rota 64, colocando nas mãos dos Aliados a cidade de Bolonha, importante ponto estratégico.

A MORTE DO CAPELÃO MILITAR FREI ORLANDO

Na manhã de 20 de fevereiro, véspera da conquista de Monte Castello, Frei Orlando, depois de estar com a 4ª Companhia em Falfare, se dirigiu ao observatório de Monte Dell Oro. Lá, manifestou ao comandante de batalhão o desejo de ir até Bombiana para visitar a 6ª Companhia. Seguiu sozinho, a pé, quando a meio quilômetro de Bombiana encontrou-se com o capitão Francisco Ruas Santos, que o convidou para prosseguir no seu jipe, onde se encontrava um sargento *partigiani*, membro da Resistência italiana e que atuava como guia. O jipe seguia lentamente pelos caminhos esburacados para o ponto cotado 789, quando de repente se deteve sobre uma pedra.

Todos desembarcaram e procuraram retirá-la, engastada no eixo dianteiro. O sargento italiano, no intuito de ajudar o capitão,



que trabalhava na retirada da pedra, com uma manivela, o fez desferindo forte pancada com a coronha de sua arma. Isto ocasionou um disparo acidental, que atingiu mortalmente o Frei Orlando. Este soltou um grito, ao mesmo tempo em que levou a mão ao peito. Dando alguns passos à frente, tirou seu terço do bolso do casaco, balbuciando a Ave-Maria. O capitão Ruas largou tudo e saiu às pressas à procura do médico do batalhão, mas já era tarde. O italiano chorava e lamentava em prantos, agarrado ao corpo do capelão.

Às 14 horas do dia 20 de fevereiro, ao som de granadas e metralhas, seu corpo foi velado por praças e alguns oficiais na Capela de Santo Antônio de Bombiana. A FEB ainda estava em pleno combate, realizando os preparativos para a conquista de Monte Castello. O capitão Rodarte e o Frei Alfredo colocaram o hábito franciscano e o capuz no Frei Orlando

como mortalha, atendendo ao seu último pedido em vida.

Pela manhã do dia seguinte foi celebrada outra missa, com a assistência dos oficiais e praças de seu batalhão. Enquanto o objetivo de Monte Castello era consolidado, o corpo de Frei Orlando era transportado para o cemitério de Pistóia, onde se alinhou junto aos demais heróis brasileiros mortos nos campos da Itália. Anos mais tarde, seus restos mortais seriam trasladados para os subterrâneos do Monumento Nacional dos Mortos da Segunda Guerra Mundial, onde se encerrariam eternamente no Panteão dos Heróis da Pátria.

Sua missa de sétimo dia foi rezada pelo Padre Pheeney, em Porreta Terme, repleta de oficiais, praças e fiéis italianos, o qual deu absolvição final à estola do sacerdote e ao capacete do militar. Por seus feitos patrióticos junto a FEB, Frei Orlando foi agraciado com a Medalha de Campanha e a Cruz de Combate.



Além disso, o Decreto nº 20.680, de 28 de fevereiro de 1946⁷, elevou o heroico franciscano às honras de Patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército, instituindo o dia de seu nascimento, 13 de fevereiro, como a data comemorativa do SAREx.

O SAREx tem como uma de suas missões, prestar a assistência espiritual tão necessária para o entendimento da existência humana e para a crença em uma vida futura junto a Deus. Sua origem remonta ao Império, quando funcionava a Repartição Eclesiástica do Exército, cujos serviços foram paralisados por décadas com o advento da República. Porém, conforme visto na atuação do Frei Orlando, os serviços de assistência religiosa foram restabelecidos no ano de 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil enviou 30 padres católicos e dois pastores protestantes para os campos da Itália.

Atualmente no Brasil há um Ordinariado Militar, uma verdadeira diocese com seu bispo, sua catedral, seu clero, sua cúria, suas pastorais. Existe um acordo firmado entre a Santa Sé e o governo brasileiro, que regula o funcionamento da Arquidiocese Militar do Brasil no âmbito das Forças Armadas e Forças Auxiliares, sediada em Brasília.

No Exército, os padres e pastores integram o Quadro de Capelães Militares, após um estágio de adaptação que se inicia na Escola de Formação Complementar do Exército, passa pela Academia Militar das Agulhas Negras e pela Escola de Sargento das Armas, e é concluído nas diferentes organizações militares. Assim, iniciam a carreira como 2º tenentes, podendo atingir até o posto de coronel, espelhando-se sempre na figura do Frei Orlando na labuta diária das 60 capelânias espalhadas por todo o território nacional.



CONCLUSÃO

Frei Orlando nasceu em Morada Nova de Minas, despertou para a fé em Abaeté, tornou-se Frei em Divinópolis, exerceu o sacerdócio em São João Del Rei, tornou-se capelão no Rio de Janeiro e seguiu para a Itália, onde tornou-se soldado de Deus e da Pátria (Patrono do SAREX).

Ao capitão capelão Frei Orlando, o nosso eterno agradecimento e admiração, por ter ingressado voluntariamente nos exércitos dos Céus e da Terra. Lutou com a cruz e com a espada. Levou a fé, a caridade e o conforto espiritual para os nossos “pracinhas” e aos italianos. Honrou o hábito de franciscano e a farda do Exército Brasileiro.

Ele não morreu em uma batalha, mas quando ia vencê-la. Combateu o bom combate, acabou sua carreira, guardou sua fé. Imolou-se no altar da Pátria e tornou-se para nós o Soldado da Fé.

BIBLIOGRAFIA

PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto nº 20.680, de 28 de fevereiro de 1946* - Institui patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército o Capelão Militar Capitão Antônio Álvares da Silva. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20680-28-fevereiro-1946-330543-norma-pe.html>>. Acesso em 16 jan. 2023.

NOTAS DO CAPÍTULO

¹ Cf. PALHARES, Gentil. *Frei Orlando: o capelão que não voltou*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1982. Frei Orlando – Carta do Frei Antônio Álvares da Silva para suas irmãs escrita na Vila Militar em 31 de agosto de 1944 para ser aberta, somente após a sua morte.



² Realização de pesquisa documental e iconográfica nas cidades mineiras de Santos Dumont, São João Del Rei, Divinópolis, Abaeté e Morada Nova, no período de 8 a 11 de outubro e em Belo Horizonte na ANVFEB/BH, no Seminário Provincial Franciscano de Carlos Prates (Arquivo permanente da Província Franciscana de Santa Cruz) e no Cmdo da 4ª RM/4ª DE, no período de 29 a 31 de outubro de 2012. Teve por finalidade de colher imagens e depoimentos, a fim de produzir um documentário sobre a vida e os feitos do Frei Orlando, servindo de base para a produção de palestras e exposições itinerantes para as comemorações de seu centenário de nascimento que será comemorado no próximo ano. A comitiva de pesquisa foi constituída por: 1) Chefe: Cel Cláudio Skora Rosty – Chefe da Seção de Pesquisa do CEPHiMEX; 2) Subchefe: Ten Cel Marcelo Teixeira Rodrigues – Subdir do AHEx; 3) Adjunto: 2º Ten OTT Cpl Mil Renato Alves Rodrigues – Cmdo 4ª Bda Inf Mtz - Capelania de Juiz de Fora, MG (apoiou as atividades em Santos Dumont e em São João Del Rei); 4) Adjunto: Ten Cel Cpl PTTC Reni Nogueira dos Santos – Subchefe SAREx do CMSE – Capelania de São Paulo, SP (apoiou as atividades em Divinópolis, Abaeté e Morada Nova de Minas); 5) Jornalista e

entrevistadora: 1º Ten Sheila Cristina de Souza Morelo - Seção Cine Foto - 5ª Seção/CML; 6) Fotógrafo: 1º Sgt Marco Antônio de Faria Nascimento – Seção Cine Foto - 5ª Seção/CML; 7) Cinegrafista: 1º Sgt Lucivam Ferreira Lucio – Seção Cine Foto - 5ª Seção/CML; 8) Motorista: Sd Raphael Alves da Silva – Seção de Apoio Administrativo da DPHCEX.

³ PALHARES, op.cit.

⁴ Ibid.

⁵ Ibid.

⁶ Ibid.

⁷ BRASIL. Câmara dos Deputados. *Decreto nº 20.680, de 28 de fevereiro de 1946* - Institui patrono do Serviço de Assistência Religiosa do Exército o Capelão Militar Capitão Antônio Álvares da Silva. Disponível em <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1940-1949/decreto-20680-28-fevereiro-1946-330543-norma-pe.html>>. Acesso em 16 jan. 2023.

SOBRE OS AUTORES

Claudio Skora Rosty

Coronel de Infantaria Veterano. Assessor e Gestor Cultural da Diretoria do Patrimônio Histórico e Cultural do Exército e pesquisador em História Militar Brasileira no Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. É Doutor em Ciências Militares, mestre em Operações Militares, especialista em História Militar e licenciado em História. É associado titular emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, e pertence à Federação das Academias de História Militar Terrestre do Brasil, Academia de História Militar do Paraguai e da Associação Cultural Manduará.

Daniel Mata Roque

É cineasta e memorialista. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, bacharel em Cinema pela Universidade Estácio de Sá e mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira. É o 2º Vice-Presidente da Associação Nacional dos Veteranos da Força Expedicionária Brasileira e integra as diretorias do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, da Academia de História Militar Terrestre do Brasil e da Sociedade Amigos da Marinha.

Fernando Rocha Porto

Doutor e mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, graduado em História pela Universidade Cândido Mendes e em Enfermagem e Obstetrícia pela Faculdade de Enfermagem Luíza de Marillac. Atualmente é Professor Associado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem e Biociências da instituição.

Giovanni Latfalla

Tenente-coronel Veterano do Quadro Complementar de Oficiais do Exército Brasileiro. Doutor em Ciência Política pela Universidade Cândido Mendes; mestre em História pela Universidade Severino Sombra. Foi professor de História dos Colégios Militares do Recife, Rio de Janeiro e Juiz de Fora.

Ivan da Costa Garcez Sobrinho

General-de-Brigada Médico Veterano e médico especializado em ginecologia. Coordenador do Programa de Capacitação e Atualização dos Profissionais de Saúde do Hospital Central do Exército. Foi diretor do Instituto de Biologia do Exército e comandante da Escola de Saúde do Exército. Como oficial general, foi assessor de Saúde dos comandos militares do Sul e do Leste, e diretor de Perícias Médicas do Exército.

Júlio César Guedes Antunes

Professor do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Montes Claros. Produtor de conteúdo no canal "Sala de Guerra" no YouTube. É mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina, especialista em História e Cultura do Brasil pela Universidade Estadual de Montes Claros, especialista em Administração de Sistemas de Informação pela Universidade Federal de Lavras e graduado em Sistemas de Informação pela Universidade Estadual de Montes Claros.

Júlio Lima Verde Campos de Oliveira

General de Divisão Veterano. Assessor Especial de Assuntos Históricos e Culturais da 10ª Região Militar. Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército; Sócio efetivo do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará; e associado correspondente do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

Marcio Tadeu Bettega Bergo

General de Brigada Intendente Veterano. É titulado mestre em Operações Militares e doutor em Ciências Militares. Na vida civil, é bacharel em Administração de Empresas e em Ciências Contábeis, e pós-graduado em Gestão e Planejamento Estratégico pela Fundação Getúlio Vargas. Atualmente, preside o Instituto de Geografia e História Militar do Brasil e é 2º Vice-Presidente do Clube Militar.

Marcony Vinícius Ferreira

Arcebispo Militar Ordinário do Brasil desde 2022. Mestre em Teologia com especialização em Liturgia pela Pontificia Università della Santa Croce (Roma, Itália); pós-graduado em Liturgia pelo Instituto Teológico Pastoral da América Latina – ITEPAL (Bogotá, Colômbia); e bacharel em Teologia pelo Seminário Maior Nossa Senhora de Fátima (Brasília).

Margarida Maria Rocha Bernardes

Bióloga, Enfermeira e especialista em Administração em Serviços de Saúde. Pós-doutora em Ciências pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; doutora e mestre pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Corpo Permanente da Escola Superior de Guerra, acadêmica da Academia Brasileira de Medicina Militar e associada titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.

SOBRE O ORGANIZADOR

Carlos Roberto Carvalho Daróz

Coronel de Artilharia Veterano. Pesquisador do Centro de Estudos e Pesquisas de História Militar do Exército. Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense e pela Université Libre de Bruxelles; mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira; mestre em Operações Militares; especialista em História Militar pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e licenciado em História pela Universidade Salgado de Oliveira. É associado titular emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil, e sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Autor de nove livros de História Militar.





ISBN: 978-65-87805-05-4

CDL



9 786587 805054